



COPEL DISTRIBUIÇÃO S.A.

PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

**ATIVIDADES DIDÁTICAS PARA O
ENSINO FUNDAMENTAL**

ARQUEOLOGIA



ECOSSIS

SOLUÇÕES AMBIENTAIS

INFORMAÇÕES GERAIS

Identificação do empreendedor

COPEL Distribuição S.A.

Rua José Izidoro Biazzetto, nº 158, Mossunguê, Curitiba/RS

CEP: 81200-240

CNPJ/MF sob o nº: 04.368.898/0001-06

Inscrição Estadual: 90.233.073-99

Inscrição Municipal: 423.992-4

Fone: (041) 3331-4836

E-mail: vitor.longo@copel.com

Responsável: Vitor Marcelo Perrella Longo

Analista Socioambiental - Sociólogo DRT 380/PR

Registro COPEL 051918.

Identificação da Empresa Consultora

Ecoasis Soluções Ambientais S/S LTDA - EPP

Rua: Miguel Couto, nº 621, Menino Deus, Porto Alegre/RS

CEP: 90850-050

CNPJ: 08.022.237.0001-85

IBAMA CTF: 22663135

CREA/RS: 151634

CRBIO03: 00504-01-03

Telefone: +55 51 3022.7795

Fax: +55 51 3022.8552

E-mail: ecossis@ecossis.com

Site: www.ecossis.com

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL

Supervisão Administrativa

Gustavo Duval Leite
Diretor Executivo
Biólogo CRBio³ 45949

Supervisão Técnica

Juliano de Souza Moreira
Diretor Técnico
Biólogo CRBio³ 45963
CTF IBAMA: 286025

Jean Antônio
Gerente Técnico
Eng. Ambiental, Esp. Eng. Seg. do Trabalho
CREA/RS 202414
CTF IBAMA: 6054621

Coordenação Técnica

Carla Verônica Pequini
Arqueóloga – coordenador geral
CTF IBAMA: 1675646

Angélica Aparecida Moreira da Silva
Arqueóloga e Educadora Patrimonial
CTF IBAMA: 7338014

APRESENTAÇÃO

No âmbito do licenciamento ambiental são realizados estudos de patrimônio cultural e arqueologia. Tais estudos buscam mitigar eventuais danos a estes bens e, ao mesmo tempo, são uma oportunidade para a realização de ações de promoção do conhecimento e fomento à preservação. Neste sentido, as normas que regem as pesquisas recomendam a realização de Programas Integrados de Educação Patrimonial.

Este é o cenário no qual inserimos o material que você, professor, tem em mãos. Trata-se de material de apoio didático concebido por uma equipe especializada no tema, mobilizada a partir de processos de licenciamento ambiental de vários empreendimentos energéticos da COPEL no Estado do Paraná.

O material que apresentamos neste volume é composto por 27 pranchas de atividades didáticas práticas para o ensino da Arqueologia em sala de aula. São 3 atividades pensadas para os alunos do 1º ao 9º anos do ensino fundamental, tendo os Parâmetros Nacionais Curriculares como norte.

O acesso e uso deste material em sala de aula é totalmente livre e gratuito.

ATIVIDADES 1º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Jogo da Memória Tupi

(professor)

07

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 1o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

Língua Portuguesa; Artes; Alfabetização.

Objetivo

Disponibilizar aos alunos a experiência e vivência de observar que a língua portuguesa tem muita influência da língua tupiguarani e que no nosso dia a dia diversas palavras fazem parte do nosso vocabulário.

Demonstrar que alimentos, animais, locais, etc. foram domesticados pelos povos originários.

Auxiliar na alfabetização infantil.

Material

- Jogo da Memória Tupi (anexo para impressão em A3)
- Tesoura

Sugestões

- Preparação e degustação de pipoca, mandioca e tapioca;
- Degustação das frutas apresentadas no jogo;
- Leitura do livro *O Tupi que você fala*, do autor Claudio Fragata.

Desenvolvimento da Atividade

Preparar um ambiente confortável, de preferência no chão, para que as crianças fiquem em círculos. Poderá organizá-las em grupos de até 6 crianças.

Previamente, distribua para cada grupo, o jogo da memória, com as figuras voltadas para baixo.

Explique que as figuras estão relacionadas às palavras Tupi e são utilizadas no nosso dia a dia.

Inicie o jogo e, conforme forem acertando a palavra, passe a origem e significado em Tupi (ver na ficha a seguir).

Complemente a atividade com a leitura do livro indicado e faça degustação de frutas, pipoca, tapioca ou mandioca.

VOCABULÁRIO

ABACAXI - O termo abacaxi é, com forte probabilidade, oriundo do tupi ibacati:

ibá = fruto; *catíng* = cheirar fortemente, feder

ibacati = fruto com cheiro forte, fruto fedorento

AMENDOIM - Fruto enterrado.

ARARA - Jandaia grande, ave grande.

CAJU - do Tupi guarani *caá-ju*=mato de folhas. Parte carnosa do fruto do cajueiro, comestível e rica em vitamina "C", do qual se fazem sucos e doces.

CURUMIM - Palavra de origem tupi, e designa, de modo geral, as crianças indígenas.

GOIABA - Sementes juntas.

GUARANÁ - do Tupi Guarani guaraná = *uaraná* = semelhantes (os frutos) a coquinhos. Arbusto da família das Sapindáceas, muito comum no Amazonas e Pará, também é conhecido por: uruná e guaranaúva. No Brasil existem duas variedades, ambas produzindo um fruto muito utilizado pela indústria da alimentação. Os índios usavam a pasta feita com o fruto para fins medicinais. A cidade de Maués (AM) é a maior produtora do país. Seu nome científico é Paullinia Cupava.

GURI - do Tupi Guarani *guirii* - terno, brando.

Termo muito usado no sul do Brasil, para criança do sexo masculino.

JABUTI - do Tupi Guarani *j-abu-ti*=o que nada respira.

Animal quelônio da família dos Testudinídeos, de carapaça dura, geralmente com 35 a 40 cm. de comprimento que vive nas matas do Brasil. Aparece em muitas lendas como símbolo de astúcia.

JABUTICABA - de comida de jabuti.

JACARÉ - Do Tupi-Guarani: *jaeça-caré* = o que olha de banda.

Nome comum a diversas espécies de répteis crocódilianos da família dos aligatorídeos, com focinho chato e largo, que habitam rios e áreas pantanosas da América do Sul e Norte.

MANDIOCA - origina-se do termo tupi *mãdi'og*, *mandi-ó* ou *mani-oca*, que significa "casa de Mani", sendo Mani a deusa benfeitora dos guaranis que se transforma em mani-oca. "Aipim" origina-se do termo tupi *ai'pi* "Maniva" origina-se do termo tupi *mani'iwa*.

Conhecida como mandioca, macaxeira, aipim, castelinha, uaipi, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre, mandioca-brava e mandioca-amarga.

MARACUJÁ - de fruto que faz vaso ou vasilha.

PAÇOCA - Do Tupi Guarani *paçoca* = coisa pilada ou bolo esmigalhado a mão.

Doce de amendoim.

PERERECA - do Tupi Guarani perereca = andar às tontas.

Designação comum para um tipo de anfíbio sem cauda, que vive nas árvores e possui ventosa nos dedos. Parece uma rã.

PETECA - do Tupi Guarani peteca-bater.

Nome dado a um artefato esportivo, utilizado no jogo também chamado "Peteca", de origem indígena-brasileira. A Peteca é constituída de uma base que concentra a maior parte de seu peso, geralmente feito de borracha, e uma extensão mais leve, geralmente feita de penas naturais ou sintéticas, com o objetivo de dar equilíbrio ou orientar sua trajetória no ar quando arremessada.

PIPOCA - do Tupi Guarani *pi(ra)* = pele; *poca* = rebentar; a pele rebentada.

É o produto dos grãos de milho, estourados/arrebentados em panela, no calor do fogo (eles explodem, quando aquecidos).

PIRANHA - Do Tupi Guarani *pirá-anhã* = peixe diabo ou que corta a pele.

POROROCA - Do Tupi Guarani *pororoca* = estourar, rebentar.

A pororoca é considerada como a devolução da água doce despejada no mar pelo rio Amazonas. A pororoca provoca estrondo tal, que toda a floresta como prenúncio fica silenciosa aguardando a passagem imponente de suas ondas que podem alcançar altitude de até três metros a uma velocidade que pode variar de 15 a 30 milhas por hora.

SABIÁ - do Tupi Guarani *s-apia* = o pintado.

Nome comum de pássaros canoros da família dos Turdídeos, encontrados em todo o Brasil, de porte médio e cor geralmente parda.

SACI - do Tupi Guarani *çá-aci* = o olho doente.

Entidade fantástica negrinho de uma perna só, de cachimbo e barrete vermelho.

SAGUI - Do Tupi Guarani *ça-cai*=olhos inquietos.

SAMAMBAIA - Do Tupi Guarani *sama-mbae* = o que torce.

Samambaias são plantas vasculares que não produzem sementes - reproduzem-se por esporos, que dão origem a um indivíduo geralmente insignificante e de vida curta (o protalo), que por sua vez produz gametas para dar origem a uma nova planta. As plantas totalmente desenvolvidas são formadas por um caule, normalmente um rizoma. As folhas, chamadas frondes neste grupo, são muitas vezes compostas ou recompostas, ou ainda em forma de língua e possuem, na sua face inferior (ou abaxial), pequenos órgãos chamados soros, que contêm os esporos.

SIRI - do tupi *si'ri*,=correr, deslizar, andar para trás.

SUCURI - Do Tupi guarani *suú-curi* = morde depressa.

Uma das maiores serpentes do mundo, também conhecida com sucuriúba, boiaçu ou anaconda. É um réptil da família dos Boídeos; mede, em geral, de 5 a 7 metros, podendo atingir até 10 m. de comprimento. Como as demais cobras da família, não é venenosa, matando suas vítimas por constrição. Vive em beiras de rios e áreas alagadas, principalmente na região amazônica e no pantanal. É carnívora, alimentando-se de peixes, jacarés, aves aquáticas e mamíferos, como a capivara.

TAMANDUÁ - Do Tupi Guarani *ta-monduá* = o caçador de formiga.

Nome popular de genérico de animais mamíferos, desdentados, da Ordem Pilosa, família Myrmecophagidea, dos gêneros *Myrmecophaga* e *Tamandua*. Ocorrem nas Américas Central e do Sul e no Brasil, principalmente na região Centro Oeste. Alimentam-se de formigas e de cupins que apanham com sua longa língua.

TAQUARA - Do Tupi Guarani *ta-quara* = o trono ou haste furada.

Planta da família das gramíneas que alcança grande altura.

TATU - de casco grosso.

TATURANA - Do tupi *tata* = fogo + *rana* = semelhante .

Espécie de larva recoberta com uma felpa que produz sensação de dor em quem a toca.

URUBU - Do Tupi-Guarani *uru* = ave grande; *bu* = negro.

Urubu é o nome genérico de aves de rapina da família Carthartidae, habitantes exclusivos do continente americano.

FONTES: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br> - <http://www.guiadepousoalegre.com.br>



GURI		TAMANDUÁ		MARACUJÁ		SAMAMBAIA		PIRANHA	
JABUTIBACA		JACARÉ		CAJU		MANDIOCA		TATURANA	
JABUTI		ARARA		GUARANA		SACI		TAQUARA	
SAGUI		SUCURI		ABACAXI		PIPOCA		SABIÁ	
SIRI		TATU		PAÇOCA		AMENDOIM		GOIABA	
PETECA		PERERECA		POROROCA		CURUMIM		URUBU	

FICHA DE ATIVIDADE

Culinária: Eu já comi!

(professor)

02

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 1o. ano

Componente curricular: História.

Disciplina correlacionada:

Desenvolvimento psicomotor; Artes; Alfabetização.

Objetivo

Despertar o interesse em experimentar as diversas frutas disponíveis na região.

Material

- Frutas nativas da região tais como amora, araçá, butiá, goiaba, guabiroba, jaboticaba, uvaia (uvalha ou uvaieira), açai-juçara, pinhão (que apesar de não ter seu nome em Tupiguarani já era muito utilizada como alimento pelos povos originários) e grumixama (cumbixaba, ibaporoiti ou cereja-brasileira)
- Mandioca, pipoca ou palmito pupunha
- Frutas nativas do Brasil tais como açai, abacaxi, maracujá, guaraná, caju, amendoim

Desenvolvimento da Atividade

Prepara um ambiente confortável para as crianças.

Explique que várias frutas foram domesticadas pelos povos originários e, por isso, podemos come-las. Um exemplo bom é a mandioca, que em alguns casos (como da “mandioca brava”) seu consumo é tóxico.

Conte que espécies de frutas como o araçá e o butiá não são fáceis de achar devido a quase extinção e pelo desmatamento.

Ofereça uma boa salada de fruta, suco natural ou uma fruta *in natura* a partir das frutas indicadas. Outra alternativa é fazer uma degustação de pipoca (enquanto o professor lê o livro indicado), mandioca frita e pinhão.

Trabalhe com os sentidos tato, olfato e paladar aproveitando para apresentar o significado das palavras.

Finalize com o exercício de ligar a figura com a palavra e indicar qual alimento já experimentou.

Ligue e indique o que já comeu

Eu já comi!

Grumixama

Guaraná

Amendoim

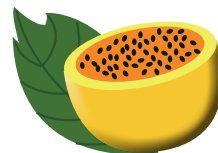
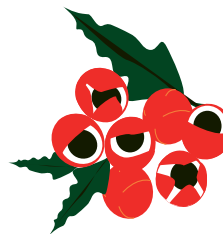
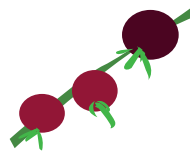
Mandioca

Maracujá

Uvaia

Pinhão

Pipoca



FICHA DE ATIVIDADE

Culinária

(professor)

03

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 1o. ano

Componente curricular: História.

Disciplina correlacionada:

Desenvolvimento psicomotor; Artes; Alfabetização.

Objetivo

Disponibilizar aos alunos a experiência e vivência psicomotora durante a degustação dos alimentos.

Demonstrar os diferentes alimentos domesticados pelos povos originários.

Auxiliar na alfabetização infantil.

Apresentar alternativas na alimentação das crianças.

Fomentar a discussão sobre frutas que são difíceis de serem encontradas devido a extinção.

Material

- Frutas nativas da região tais como amora, araçá, butiá, goiaba, guabiroba, jaboticaba, uvaia (uvalha ou uvaieira), açai-juçara, pinhão (que apesar de não ter seu nome em Tupiguarani já era muito utilizada como alimento pelos povos originários) e grumixama (cumbixaba, ibaporoiti ou cereja-brasileira)
- Mandioca, pipoca ou palmito pupunha
- Frutas nativas do Brasil tais como açai, abacaxi, maracujá, guaraná, caju, amendoim

Sugestões

- Leitura do livro *O Tupi que você fala*, do autor Claudio Fragata.

Desenvolvimento da Atividade

Prepara um ambiente confortável para as crianças.

Explique que várias frutas foram domesticadas pelos povos originários e, por isso, podemos comê-las. Um exemplo bom é a mandioca, que em alguns casos (como da “mandioca brava”) seu consumo é tóxico.

Conte que espécies de frutas como o araçá e o butiá não são fáceis de achar devido a quase extinção e pelo desmatamento.

Peça que os alunos verifiquem com seus familiares se conheciam as frutas indicadas acima e contem alguma história sobre elas.

Ofereça uma boa salada de fruta, suco natural ou uma fruta *in natura* a partir das frutas indicadas. Outra alternativa é fazer uma degustação de pipoca (enquanto o professor lê o livro indicado) ou de mandioca frita.

Trabalhe com os sentidos tato, olfato e paladar aproveitando para apresentar o significado das palavras.

VOCABULÁRIO

ABACAXI - O termo abacaxi é, com forte probabilidade, oriundo do tupi ibacati: *ibá* = fruto; *cating* = cheirar fortemente, feder; *ibacati* = fruto com cheiro forte, fruto fedorento

AMENDOIM - Fruto enterrado.

BUTIÁ - do Tupi-Guarani: *mbutiai* = a palmeira; *ibati*.

CAJU - do Tupi guarani *caá-ju*=mato de folhas. Parte carnosa do fruto do cajueiro, comestível e rica em vitamina "C", do qual se fazem sucos e doces.

CAMBUCI - do Tupi Guarani *kāmu-si*, que significa pote d'água. O nome cambuci é de origem indígena e deve-se ao formato de seus frutos, semelhantes a potes de cerâmica, que recebem o mesmo nome.

GOIABA - Sementes juntas.

GUARANÁ - do Tupi Guarani guaraná = *uaraná* = semelhantes (os frutos) a coquinhos. Arbusto da família das Sapindáceas, muito comum no Amazonas e Pará, também é conhecido por: uruná e guaranaúva. No Brasil existem duas variedades, ambas produzindo um fruto muito utilizado pela indústria da alimentação. Os índios usavam a pasta feita com o fruto para fins medicinais. A cidade de Maués (AM) é a maior produtora do país. Seu nome científico é Paullinia Cupava.

GABIROBA - do tupi *yuá ueráua*. Conhecida como guabiroba, guavira ou araçá-congonha, é um arbusto com fruto arredondado, de coloração verde-amarelada, com polpa esverdeada, succulenta, envolvendo diversas sementes e muito parecido com uma goiabinha. Por perto deste fruto, quando maduros, costuma-se encontrar cobras, principalmente a cascavél.

GRUMIXAMA - do Tupi Guarani *curumi* - menino; *sama* - corda b) do Tupi Guarani *gru* por *ibira* pau, árvore; *mixaí* por *pixaí* - enrugado. Árvore mirtacea; *ibaramixaim* (Bertoni), *gru mixama*, *grumixama-branca*, (TS) *comixã*, *guamixã*, *guamixava*, *gu mixá*, *grumixaba*, *guabixã*, *grumuxama*, *gurumixama*, *gurumixameira*, *ibanemixama* (AGC), *ubaxaínha* (AGC), *vuaxaíma* (AGC), *vaixã*, *cumbixaba*, *grumixaba*, *vaixã* e *ibaporoiti* (G) (*Eugenia brasiliensis*); em documentos antigos vê-se *vuaxaínha* e *Vaixã* la). Também conhecida como *cumbixaba*, *ibaporoiti* ou *cereja-brasileira*, a árvore de até 15 metros de altura é nativa da Mata Atlântica e era encontrada desde a Bahia até Santa Catarina

IUÇARA (PALMITO JUÇARA) - mais conhecida como juçara (ou jiçara): palmeira que dá palmito.

JABUTICABA - de comida de jabuti.

MANDIOCA - origina-se do termo tupi *mādi'og*, *mandi-ó* ou *mani-oca*, que significa "casa de Mani", sendo Mani a deusa benfazeja dos guaranis que se transforma em mani-oca. "Aipim" origina-se do termo tupi *ai'pi* "Maniva" origina-se do termo tupi *mani'iwa*. Conhecida como mandioca, macaxeira, aipim, castelinha, uaipi, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre, mandioca-brava e mandioca-amarga.

MARACUJÁ - de fruto que faz vaso ou vasilha.

PIPOCA - do Tupi Guarani *pi(ra)* = pele; *poca* = rebentar; a pele rebentada. É o produto dos grãos de milho, estourados/arrebentados em panela, no calor do fogo (eles explodem, quando aquecidos).

UVAIA - do Tupi Guarani *ubaia* ou *ybá-ia* e significa "fruto azedo". A espécie, proveniente da Mata Atlântica, ocorre nos estados de Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. A uvaia tem aroma suave e agradável e possui alto teor de vitamina C (até quatro vezes mais do que a laranja). É muito utilizada para fazer sucos e largamente cultivada em pomares domésticos.

YASAÍ (AÇAÍ) - fruta que chora. Fruta de onde sai líquido - coquinho pequeno amarronzado, que dá em cachos no açazeiro (palmeira com o tronco de pequeno diâmetro e folhas finas, que também produz palmito). Fonte: Portal São Francisco

FONTES: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br> - <http://www.guiadepousoalegre.com.br>



PALMITO JUÇARA



BUTIA

Fonte: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/42413422/curiosidades-sobre-o-butia-arvore-alta>.



GUARANA.

Fonte: <http://blog.boticapets.com.br/alimentacao/beneficios-do-guarana-para-o-pet/>



AÇAÍ.

Fonte: <https://www.ecycle.com.br/6839-acai.html>



GABIROBA

Fonte: <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/10-frutas-nativas-brasileiras-que-voce-precisa-provar/>



CAMBUCI

Fonte: <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/10-frutas-nativas-brasileiras-que-voce-precisa-provar/>



PINHAO

Fonte: <https://cozinhadakika.com.br/dicas/como-cozinhar-pinhao/>



GRUMIXAMA

Fonte: <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/10-frutas-nativas-brasileiras-que-voce-precisa-provar/>



UVAIA

Fonte: <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/10-frutas-nativas-brasileiras-que-voce-precisa-provar/>

ATIVIDADES 2º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Brinquedos e brincadeiras

(professor)

01

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 2o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

Desenvolvimento psicomotor; História.

Objetivo

Disponibilizar aos alunos a experiência e vivência psicomotora durante as brincadeiras e a confecção dos brinquedos, como por exemplo a peteca.

Demonstrar as brincadeiras dos povos indígenas.

Fomentar a discussão sobre a história e o cotidiano infantil dos povos indígenas.

Material

O material, quando necessário, será descrito na ficha de cada brincadeira.

Sugestões

- Leitura do livro *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, do autor Daniel Munduruku.

- Indicação de vídeo: Brincadeira das crianças Guarani - <https://www.youtube.com/watch?v=9IUXC4753aE>

- Indicação de vídeo: Brincadeira das crianças Kaingang - Gir Ag Ka Nhinhir - Crianças brincando - <https://www.youtube.com/watch?v=J0lZCLajE-M>

Desenvolvimento da Atividade

Prepare um ambiente confortável para as crianças, de preferência ao ar livre, para que possam se expressar livremente.

Apresente a brincadeira, contando antes as regras.

No caso da brincadeira da peteca, se faz necessário confeccioná-la antes, em sala de aula.

GAVIÃO E PASSARINHOS

- Materiais utilizados: giz para desenhar
- Número de participantes: pelo menos 3
- Objetivo: para os passarinhos (tentar não ser pego pelo gavião); para o gavião (pegar os passarinhos)

Primeiramente, desenha-se uma grande árvore no chão com galhos condizentes ao número de participantes. Cada um ficará em um galho e uma criança é escolhida para ser o gavião.

Quando começar a brincadeira, cada passarinho vai fazer o movimento de bater asas, e pode também cantar e assobiar com o intuito de distrair o gavião. Já o gavião, estará atento para pegar cada passarinho que estiver fora do galho.

Por isso, o ideal é estar atento com a proximidade do gavião e a localização do seu galho. Cada criança que for pega pelo gavião sai fora da brincadeira até sobrar somente uma, a vencedora.

SOL E LUA

- Material utilizado: nenhum
- Número de participantes: 6, no mínimo
- Objetivos: conseguir puxar a criança adversária

Sol e lua é uma brincadeira em que duas crianças são escolhidas para representar o sol, e outra, a lua. As outras crianças formam uma fila e segurando na cintura do que está em sua frente, vão passando por baixo dos braços, que estão em forma de ponte, das crianças sol e lua.

Todas vão cantando juntas e os que ficarem presos na ponte devem escolher se querem ficar com a lua ou com o sol. Assim, essa criança fica ao lado do grupo escolhido, até que todas as crianças façam a escolha.

Depois disso, é formado dois grupos, o do sol, e o da lua. Em duas fileiras, frente a frente, as crianças de cada grupo dão as mãos e tentam puxar a criança adversária. Ganhará o grupo que conseguir fazer mais pontos derrubando os elementos do outro time.

CORRIDA DO SACI

- Material utilizado: nenhum.
- Número de participantes: 2, no mínimo
- Objetivos: alcançar a linha de chegada

A corrida do saci é uma brincadeira muito divertida que estimula a coordenação e o equilíbrio. Ela pode ser feita com um grupo grande de crianças em um espaço ao ar livre, como um pátio.

Relacionado com o personagem mais conhecido do nosso folclore, o saci, a corrida é feita com uma perna só. Traça-se com um giz ou mesmo na areia, uma linha para indicar a chegada, e outra, a partida.

Assim, todos os jogadores permanecem atrás da linha de partida. Quando for dado o sinal, todos devem correr com uma perna só até a linha de chegada. Se for utilizado os dois pés em algum momento da corrida, o jogador fica fora de jogo. Vence quem conseguir chegar primeiro do outro lado com uma perna só.

TONDAÉ

- Material utilizado: petecas
- Número de participantes: 4, no mínimo
- Objetivos: acertar a peteca nos adversários

Muito similar ao nosso jogo de queimada, o Tobdaé é uma brincadeira jogada em duplas (mas podem ser com mais crianças divididas em dois grupos) e tem como objetivo acertar alguém do time adversário com a peteca. Ela pode ser desenvolvida numa quadra, ou mesmo ao ar livre.

Aquele que for atingido, vai para fora da brincadeira e assim, vence quem permanecer até o final sem ser atingido pela peteca do adversário.

Geralmente, cada jogador recebe três petecas que serão utilizadas para acertar alguém do time adversário. Trata-se de um jogo muito dinâmico que estimula, sobretudo, o sentido de reflexo, já que muitas petecas estão na jogada.

PETECA

- Brinquedo utilizado: peteca
- Número de participantes: 2, no mínimo
- Objetivo: não deixar a peteca cair no chão

A peteca é um brinquedo muito popular feito com areia, couro e penas. O jogo de peteca colabora muito com a diversão e pode ser brincado entre duas ou mais crianças. Para facilitar, pode-se formar um roda.

O objetivo é tocar na peteca e não deixar ela cair no chão. Se isso acontecer, a pessoa que deixou cair, fica fora de jogo. Assim, ganha quem conseguir tocar e não deixar cair no chão durante a partida.

Para aumentar a diversão, a peteca pode ser confeccionada pelos próprios alunos e fica ao critério do professor os materiais a serem utilizados e que podem ser: jornal, areia, pedras pequenas, tecidos coloridos e barbante.

CABO DE GUERRA

- Materiais utilizados: corda longa e reforçada; giz para riscar o chão.
- Número de participantes: 2, no mínimo
- Objetivo: puxar a corda com força para o lado que está

Muito popular entre as crianças, para brincar de cabo de guerra é necessário dividir de maneira igual o número de participantes. Faz-se um risco no chão e cada grupo segura a corda de um lado. Quando começar, a ideia é fazer com que os adversários ultrapassem a linha do chão. Para isso, utiliza-se bastante força para puxar a corda. O grupo vencedor é aquele que conseguiu puxar com maior força e trazer o grupo de adversários para perto.

ARRANCA MANDIOCA

- Material utilizado: nenhum
- Número de participantes: 2, no mínimo
- Objetivo: das mandiocas (segurarem forte a árvore para não serem arrancadas); para o arranca mandioca (retirar cada um da brincadeira)

Para a brincadeira arranca mandioca não é necessário nenhum objeto, embora faz-se necessário ter alguma árvore perto para começar a diversão. Assim, sentada no chão, a primeira criança segura a árvore e as outras vão se encaixando e segurando o colega da frente.

Um criança é escolhida para ficar em pé e nomeada a “colhedora de mandioca”. A ideia é ir “puxando” cada uma para fora, até que a criança que está agarrada à outra, solte as mãos de quem está na frente. O objetivo é tentar tirar todos e, para isso, retira-se um a um da fila.

ARCO E FLECHA

- Materiais utilizados: arco e flecha; alvo
- Número de participantes: 2, no mínimo
- Objetivo: tentar acertar o alvo o maior número de vezes

O arco e flecha é uma brincadeira muito divertida que estimula a coordenação das crianças. Primeiramente, coloca-se o alvo a uma distância razoável (e isso irá depender da idade das crianças) e uma pessoa por vez vai tentar atingir o centro, que valerá mais pontos.

Pode-se fazer rondas de três jogadas e quem conseguir atingir uma flecha mais próximo do centro do alvo, ganha. Caso não tiverem os objetos para fazer a brincadeira, as próprias crianças, com o auxílio dos professores, podem recortar um papelão na forma de círculo, indicando com uma caneta o centro. Já para substituírem o arco e flecha, pode-se fazer bolinhas coloridas para tentar atingir o alvo.

FONTES: <https://www.todamateria.com.br/brincadeiras-indigenas/> - <https://napracinha.com.br/2013/02/criando-o-proprio-brinquedo-peteca-de/>

CONFECCIONANDO UMA PETECA

Materiais por criança:

- 3 folhas de papel jornal
- 2 folhas de papel crepon em cores diferentes
- durex ou fita crepe
- tesoura

Passo-a-passo:

PASSO 1

Separe 3 folhas de jornal cortadas em formato quadrado.

PASSO 2

Amasse a primeira folha formando uma bolinha.

PASSO 3

Repita a operação com as outras duas folhas, deixando as abas como um ovo de páscoa.

PASSO 4

Pegue a terceira folha e envolva a bolinha, tendo atenção para deixar as abas como um ovo de páscoa.

PASSO 5

Separe quatro faixas de papel crepom em duas cores diferentes (10 x 30 cm).

PASSO 6

Dobre as faixas ao meio e faça uma cruz.

PASSO 7

Coloque a bolinha de jornal no meio.

PASSO 8

Prenda com o durex ou fita crepe, abrindo as “abas” das folhas de papel crepom escondendo o jornal. Bata a base da peteca na mesa para achatá-la.

AGORA É SÓ BRINCAR!

FICHA DE ATIVIDADE

Pinturas rupestres

(professor)

02

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 2o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

História, Arte, Geografia, Alfabetização.

Objetivo

Despertar nos alunos a curiosidade em imaginar as diferentes formas de ocupação humana através das diferentes formas de viver em sociedade e de construir suas habitações. Fomentar o pensamento considerando os diferentes meios ambientes que os povos originários estão inseridos e como isso reflete na forma de construção de suas casas e aldeamentos.

Auxiliar no pensamento de como era o cotidiano, vestimentas, casas, animais, agricultura, pesca, caça etc.

Sugestões

- Leitura do livro *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, do autor Daniel Munduruku.
- Vídeo: Mitos de Criação: a mitologia tupi-guarani - <https://www.youtube.com/watch?v=KHjXYMKBe0Q>

Desenvolvimento da Atividade

Prepare um ambiente confortável para as crianças. Se houver possibilidade, arrumar uma cabana (mesmo que de maneira improvisada com lençóis e panos), para que o ambiente fique escurecido.

Utilizar uma lanterna dentro da cabana para contar as histórias, apresentando aos alunos um ambiente como uma caverna.

Conte neste ambiente aconchegante um dos mitos, sempre mostrando a que etnia se refere.

Deixe-os descansar após o conto, com um breve cochilo.

Monte nas paredes da sala longos papéis craft ou pedra e peça aos alunos que reproduzam em forma de desenhos os mitos contados, utilizando apenas as cores vermelho, preto e amarelo, que são as cores possíveis de serem observadas nas pinturas rupestres.

O professor também poderá utilizar as fotos de diversos locais do Brasil com pinturas rupestres para ilustrar melhor.

Material

O material, quando necessário, será descrito nas fichas a seguir.

- Cabana
- Lanterna (s)
- Papel craft ou papel pedra
- Giz de cera das cores vermelho, amarelo e preto



Sítio Santa Rita I. Município de Piraí do Sul - PR. Foto cedida por Almir Brito Jr.



Sítio Seu Camé. Município de São Desidério - BA. Foto cedida por Almir Brito Jr.



Sítio Seu Camé. Município de São Desidério - BA. Foto cedida por Almir Brito Jr.



Sítio Pedra Pintada. Município de Natuba e Salgado do São Felix - PB. Foto cedida por Emília Maria de Almeida Arnaldo.



Sítio Toca da Paineira. Município de São João da Boa Vista - SP. Foto cedida por Letícia Ribeiro.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo do Nonato - PI. Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Sítio Pedras Brilhantes. Município de Barreiras - BA. Foto cedida por Almir Brito Jr.



Sítio Posse Grande. Município de Pains - MG. Foto cedida por Almir Brito Jr.



Sítio São José da Lagoa II- Município de Piraí do Sul - PR- Foto cedida por Almir Brito Jr.



04.01.2016

Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI- Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI- Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI- Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI. Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI. Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI. Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.



Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato - PI. Foto cedida por Maria Keiko Yamauchi.

FICHA DE ATIVIDADE

Aldeamentos indígenas

(professor)

03

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 2o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
História, Geografia.

Objetivo

Despertar nos alunos a curiosidade em imaginar as diferentes formas de aldeamentos dos primeiros registros de povos no Paraná (Umbu e Humaitá, dos sambaquis e dos aldeamentos Kaingang, Xetá e Guarani.

Material

- Desenhos a serem impressos em A4
- Papel
- Lápis de cor ou giz

Sugestões

- Visitação no Museu Paranaense que possui uma exposição sobre as diferentes ocupações humanas, a partir de 15.000 anos atrás, no atual território paranaense.
- Vídeo Xetá - https://www.youtube.com/watch?v=_aUyib-tAlo
- Povos do Paraná - História - https://www.youtube.com/watch?v=_IpLrlltiSQ&t=3s

Desenvolvimento da Atividade

Prepare um ambiente confortável para as crianças. Se houver possibilidade, arrumar um local no chão, onde possam ficar deitados para ouvirem as histórias e observarem as imagens dos diferentes tipos de aldeamentos.

Neste ambiente aconchegante, fale sobre as diferentes formas de construção dos povos, os modos de vida e, posteriormente peça para as crianças desenharem as que mais gostaram.

Primeiros povos: Umbu e Humaitá



Pintura rupestre encontrada no Sítio São José da Lagoa II, município de Piraí do Sul - PR. Imagem cedida por Almir Brito Jr.

As primeiras pessoas que chegaram no Paraná foi há mais de quinze mil anos. Viviam em pequenos grupos e moravam em aldeamentos e cavernas. Como é o caso dos abrigos e cavernas localizados nos Campos Gerais, no vale do Ribeira, no litoral, centro e oeste paranaense.

Vários desses abrigos possuem pinturas rupestres que demonstram como essas populações viviam, os animais que conviviam, sua cultura, seus mitos e as paisagens que viam. Essas representações simbólicas aparecem como pinturas, gravuras e esculturas nas rochas, e foram feitas com tintas naturais nas cores vermelho, marrom ou preto.

Esses povos conviveram com animais como a preguiça gigante, o mastodonte e o tigre dente-de-sabre.

Sabiam fazer pontas de flecha de vários tamanhos para caçarem aves, pequenos mamíferos e roedores, além de pescarem.

Os acampamentos desses povos chamados de Umbu e Humaitá eram nômades, ou seja, se deslocavam em curtos espaços de tempo.

Sabiam fazer armadilhas, arpões e flechas com pontas de osso, madeira e pedra, e preparavam os alimentos com auxílio de talhadores, raspadores e facas lascadas, especialmente em sílexito. Essas histórias foram recuperadas pela arqueologia nos sítios arqueológicos mais antigos do Paraná, como: Ouro Verde, situado no sudoeste paranaense, no vale do rio Iguaçu, com mais de nove mil anos.

Extraído da fonte: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Departamento-de-Arqueologia>

Sambaquis

Os sambaquis são montes e montanhas construídas por diferentes populações pré-coloniais, a partir de conchas de moluscos, e numa quantidade menor de restos de plantas e ossos de animais. Podem chegar a ter até 25 metros de altura, e serviam como locais de reunião, ou centros para cerimônias e enterramentos.

Um outra curiosidade dos sambaquis é que possuem artefatos feitos de rochas polidas e esculpidas com formas de animais, principalmente dos sambaquis que foram criados entre 5.000 e 3.000 anos atrás.

Um exemplo de sambaqui com enterramento é o sambaqui do Poruquara, no litoral norte paranaense, com ossos humanos que podem ter mais de dois mil anos.

Outro tipo de sambaqui são os de rios, como é o caso do vale do Ribeira. Lá, esses sambaquis fluviais, foram construídos em áreas próximas a grandes rios, por povos caçadores e coletores.

Texto extraído da fonte: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Povos-indigenas-no-Parana>

Indicação de leitura: GASPAR, Madu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



Desenho da vida em um sambaqui. Fonte: <https://leosanro.wordpress.com/2011/05/04/navegando-na-historia-do-porto-de-santos/sambaquis-pb/>

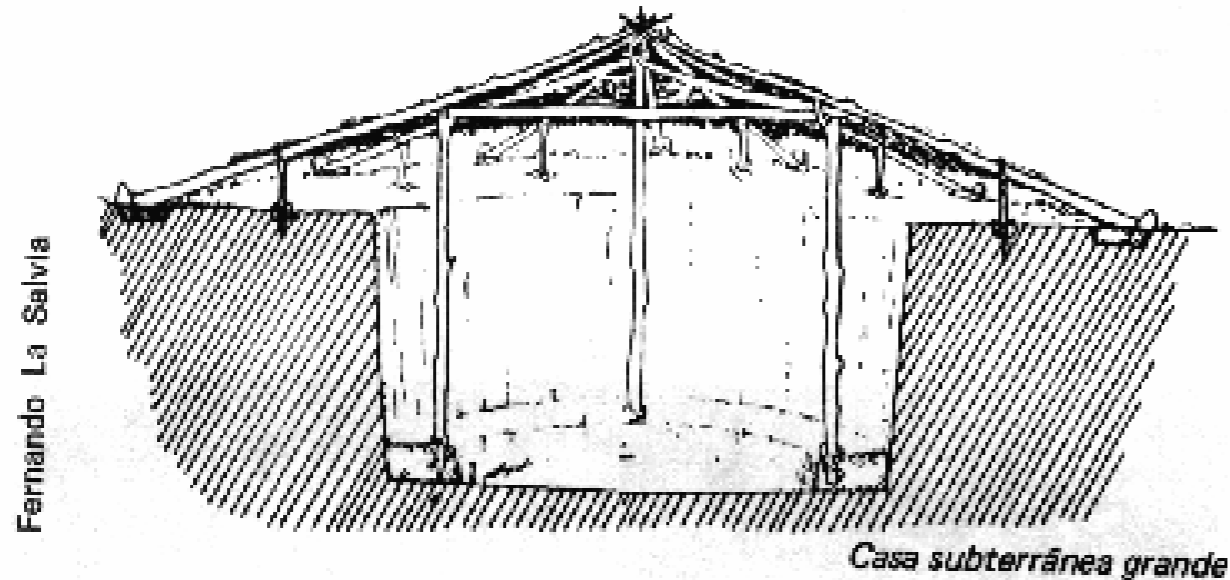


Zoólito em forma de tubarão, cultura Sambaqui, Museu da UFRGS. Foto: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tubar%C3%A3o_pr%C3%A9-hist%C3%B3rico.jpg



Enterramento de sambaqui. Foto extraída do livro de GASPAR, 2004.

Casas Subterrâneas Kaingang



Casa subterrânea Kaingang. Imagem realizada por Fernando La Salvia. Fonte: D'Angelis e Veiga, 2003:8.

As casas subterrâneas tinham suas bases construídas sobre a cova circular que delimitava a casa, erguia-se uma cobertura de folhas sustentada em uma armação de madeira, em parte fixada na base da casa.

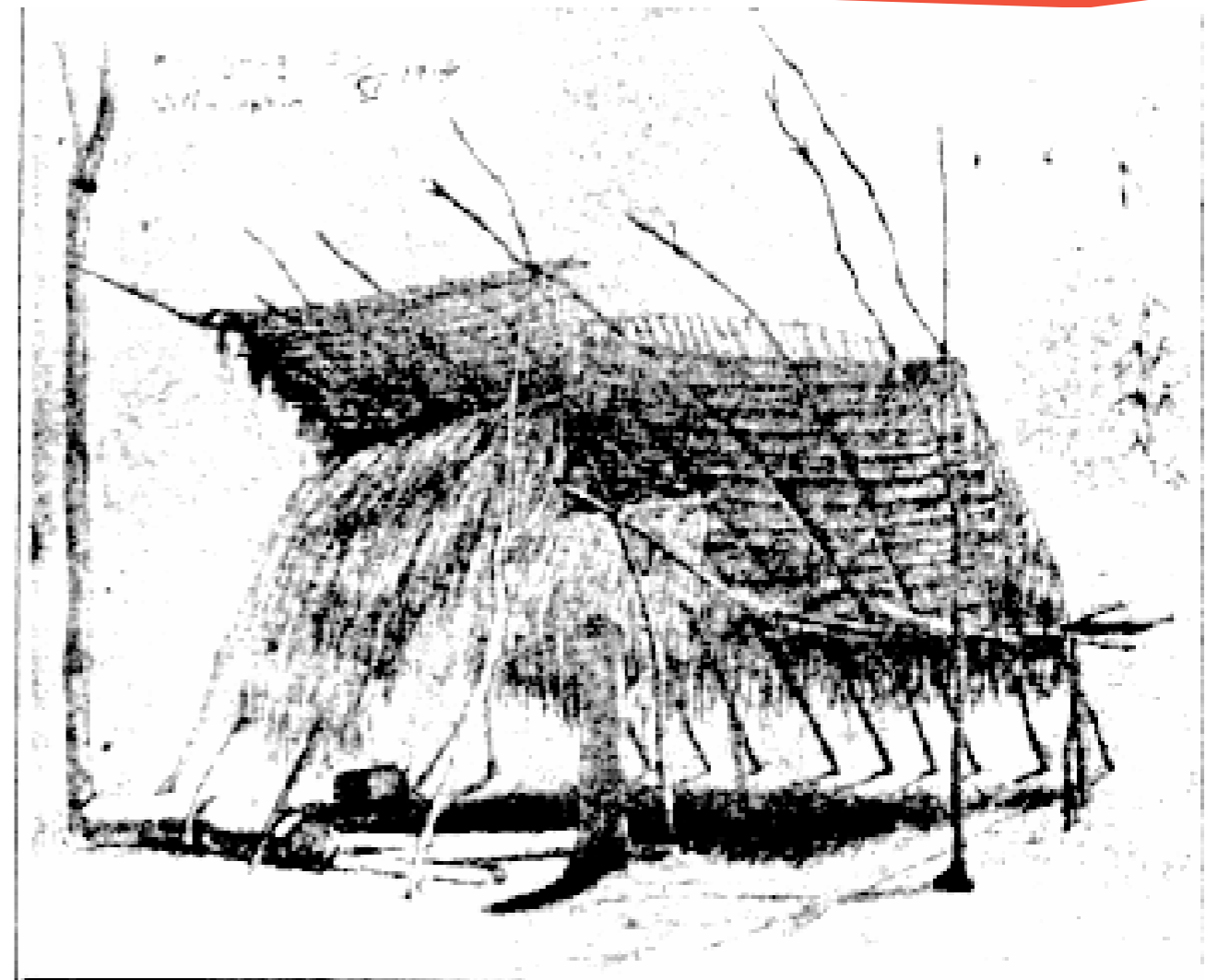
A parte fixada nas bordas laterais da cova eram sustentadas por pedras.

Em algumas casas, os arqueólogos mencionam ter encontrado um revestimento de piso e, em outras, revestimento em pedra nas paredes ou parte delas.

Vários sítios arqueológicos de casas subterrâneas são isoladas, contudo, em alguns sítios foram encontradas verdadeiras aldeias com mais de 5 casas.

Texto extraído da fonte: D'Angelis e Veiga, 2003.

Casas de Acampamento Kaingang



Casa subterrânea Kaingang. Imagem realizada por Fernando La Salvia. Fonte: D'Angelis e Veiga, 2003:16.

Essas casas de acampamento serviam para proteção, enquanto caçavam ou pescavam em locais distantes do aldeamento principal ou ainda, em momentos de fuga dos colonizadores.

As madeiras maiores eram fincadas no chão, paralelas entre si. Depois colocavam várias varetas mais finas entre as madeiras maiores. Por cima dessas madeiras, faziam um trançado com palmas de coqueiro e colocavam folhas de palmeiras, começando de baixo para cima.

As vezes colocam outras estacas do lado oposto para ter dois locais cobertos, como mostra a figura acima.

Texto extraído da fonte: D'Angelis e Veiga, 2003.

Grandes Casas Kaingang



Casa subterrânea Kaingang. Imagem realizada por Fernando La Salva. Foto de por Egon Heck em uma aldeia dos Enauenê-Nauê, no Mato Grosso, Fonte: D'Angelis e Veiga, 2003:13.

Vários viajantes descreveram as habitações dos povos Kaingangs. Um deles foi o inglês Thomas Bigg-Wither, na região do atual Posto Guarapuava, no centro do Paraná. Ele descrevia que eram palhoças retangulares na base, com tamanhos diferentes, mas uniformes, com armação em madeira verde com comprimento de 16 a 18 pés, fincadas no chão e curvadas formando uma ponta no ponto de encontro. Para formar o telhado, cobriam de folhas de palmeira. Tinham duas aberturas estreitas (as portas), também cobertas com folhas de palmeiras, mas de fácil abertura.

Dentro, as camas eram feitas com folhas secas de palmeiras, alinhadas em carreiras. Dormiam de 10 a 12 pessoas juntas, com os pés em direção do centro da palhoça, onde sempre tinha uma fogueira quentinha.

Texto extraído da fonte: D'Angelis e Veiga, 2003.

Casas Xetá



Casa Xetá. Fonte extraído do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_aUyib-tAlo

Alguns viajantes no final do século XIX, falavam sobre aldeamentos indígenas no centro sul do Paraná, chamados de Xetá, que falavam uma língua derivada do tronco linguístico Tupi-Guarani. Em 1950, o Serviço de Proteção aos Índios, atual FUNAI, identificou esse povoamento na região da serra dos Dourados no noroeste do Paraná.

Muitos cientistas organizaram expedições no local e fizeram contato com 60 pessoas de um grupo maior de 200 pessoas. Um cineasta tcheco, chamado Vladimir Kozák, fez várias gravações deste grupo, utilizando filmes, fotografias e desenhos, que atualmente estão no acervo do Museu Paranaense.

Os Xetá se movimentavam constantemente para fugir dos colonos que cada vez mais expandiam as lavouras de café da região.

Na mitologia dos Xetá aparecem que eles já conheciam e dominavam o milho e a agricultura.

Hoje os Xetá ainda tentam recuperar suas terras, que foram invadidas e se reúnem constantemente para manter suas histórias, tradições e culturas.

Suas casas eram feitas de madeira e cobertas por palhas, deixando o local bem fresquinho e protegido do sol. Esses acampamentos, possivelmente eram provisórios, uma vez que tinham que se mudar constantemente por conta das invasões.

Texto extraído da fonte: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Povos-indigenas-no-Parana>

Casas Guarani



Casas Guarani. Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1

Os Guarani, dividem-se em três subgrupos: Mbyá, Nhandéva e Kaiová, que se identificam pelos laços de parentesco. Encontram-se em todo o Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Paraguai.

Antes da colonização europeia as aldeias eram construídas em regiões de floresta tropical, onde faziam uma clareira na mata, caçavam, pescavam, colhiam frutas e plantas na floresta, além de fazerem agricultura.

Ficavam naquele aldeamento por 5 ou 6 anos e depois partiam para outra terra, deixando o solo daquele local se recuperar e a fauna se recompor. Depois retornavam.

Em geral os aldeamentos tinham de cinco a seis casas onde moravam de vinte a trinta pessoas, sem paredes internas.

No centro da aldeia existia a casa de rezas, onde eram realizadas as atividades rituais.

Dentro das casas e na parte mais externa das aldeias era onde as mulheres cuidavam das crianças e do preparo dos alimentos. Também faziam cerâmica decorada e as queimavam em fornos no chão. Outra habilidade dos Guarani são as cestas e outras peças, como redes para dormir e roupas, feitas com fibras e taquaras.

Os telhados das casas são tradicionalmente construídos de pindó, uma palmeira típica das regiões que habitam.

Extraído da fonte MUPA Museu Paranaense - <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Povos-indigenas-no-Parana> e <https://mirim.org/pt-br/node/16372>

ATIVIDADES 3º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Música e percepções

(professor)

01

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 3o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

História, Folclore, Artes, Música

Objetivo

Apresentar aos alunos, utilizando o livro *A Floresta Canta*, das autoras Magda Pucci e Berenice de Almeida, as músicas cantadas por diversos povos indígenas brasileiros. Contextualizar os povos originários através das vozes destas culturas que foram ignoradas por muito tempo na formação escolar. Sensibilizar através da música o acesso à história dos Kaingang.

Material

- Livro *A Floresta Canta*, das autoras Magda Pucci e Berenice de Almeida
- Toca CD
- Papel
- Lápis
- Tesoura
- Fita crepe para pendurar os desenhos nas janelas

Sugestões

- Site do livro *A Floresta Canta*, das autoras Magda Pucci e Berenice de Almeida <https://www.cantosdafloresta.com.br/> - com várias atividades, letras e pronúncias, partituras, músicas contextualizadas. No site há diversas propostas didáticas.
- Indicação de música Guarani - <https://www.youtube.com/watch?v=l469uaunv6A>
- Indicação de música Kaingang - <https://www.youtube.com/watch?v=ZQ2xxEzYDXs>

Desenvolvimento da Atividade

A partir da escolha de uma música, como *O Canto da Formiga*, peça para as crianças ouvirem duas vezes e depois reproduzam livremente. Coloque o áudio novamente e deixe que eles cantem junto, tentando reproduzir a canção o máximo que conseguirem. Depois, conte aos alunos que a história desta canção, trata de uma formiga que ao ver uma mulher Kaingang pilando o milho, fica feliz, pois poderá comer as migalhas.

PÉNKRIG FI TYNH KĀME - O Canto da Formiga

Letra em Kaingang

Ã ne teĩ nĩ (4x)
Isỹ ãn tētã ãg tynyn jã
ven kỹ
kỹ ta inh mỹ há tĩg nĩ
kỹ ta inh mỹ há tĩ
Isỹ ãn tētã
ty jag tynyn mru kon tĩn kỹ
kỹ ta inh mỹ há tĩ
Ã ne teĩ nĩ (4x)

Tradução

O que carregas? (4x)
Quando vejo a mulher
Socando algo (no pilão)
Eu fico feliz
Quando como as migalhas
do socado da mulher
Eu fico feliz
O que carregas? (4x)

Em uma folha, peça aos alunos que façam um desenho do caminho da formiga, onde os passos sejam desenhados representando estrelas. Recorte os passos e pendure os desenhos nas janelas da sala. Eles irão ver as constelações do canto das formigas.

FICHA DE ATIVIDADE

Constelações Indígenas

(professor)

02

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 3o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

História, Folclore, Artes, Astronomia Indígena

Objetivo

Apresentar aos alunos novas formas de olharem o céu a partir dos mitos indígenas, demonstrando que o ser humano, desde sempre, observa o céu noturno e cria suas histórias a partir do que observa na natureza.

Material

- Papel
- Lápis
- Palito de dente
- Lápis de cor
- Céu noturno a ser impresso (A4) para que criem suas próprias constelações

Sugestões

- As Constelações Indígenas Brasileiras - Germano Bruno Afonso (UFPR) - Observatórios Virtuais - <http://telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>
- A Universidade Federal do Paraná tem um Planetário Móvel que pode ir até sua escola. Entre em contato pelo telefone: (41) 3361-3565 - E-mail: fibra@fisica.ufpr.br Website: fisica.ufpr.br/fibra

Desenvolvimento da Atividade

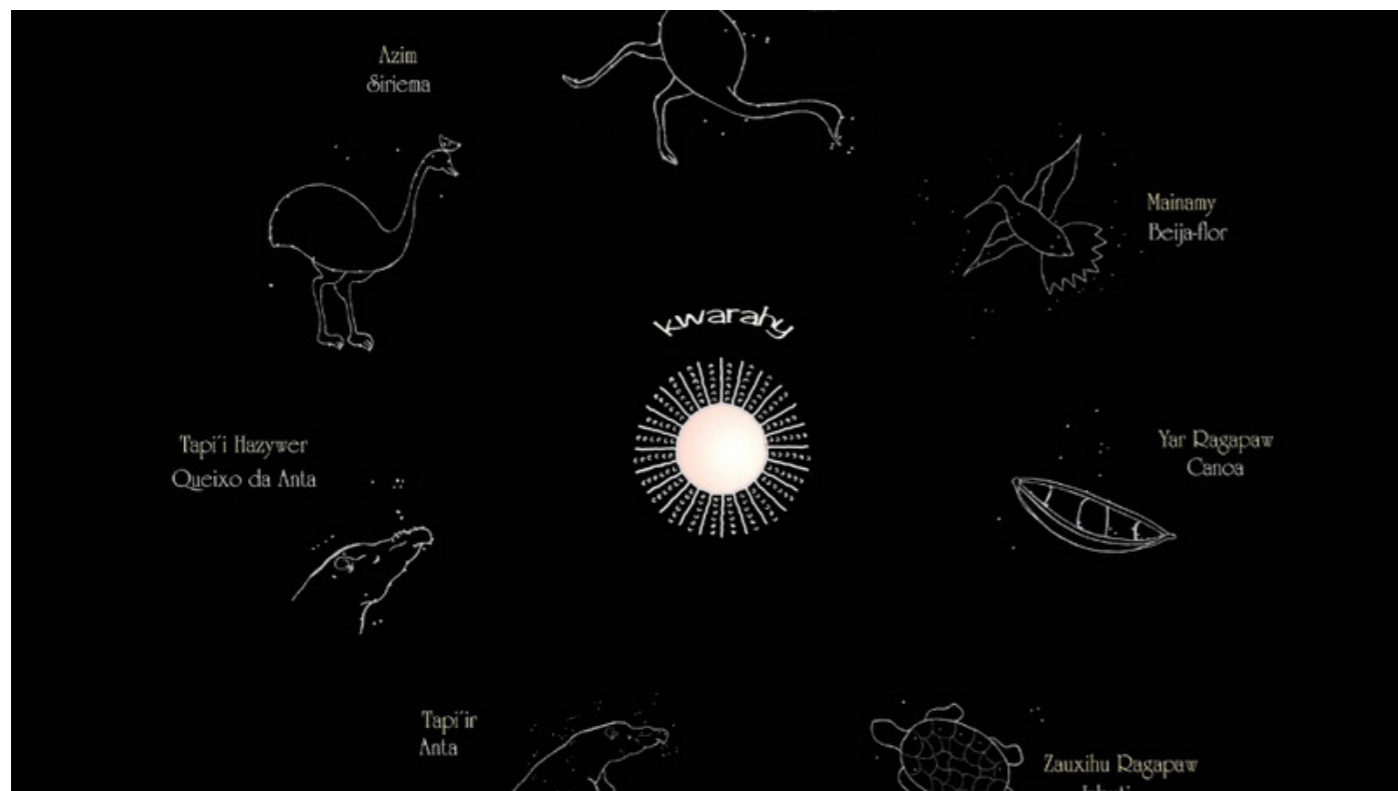
Quando olhamos o céu, costumamos falar das constelações criadas pelos Gregos, que viam no céu animais como o Leão, Escorpião e Touro, e seres fantásticos como Capricórnio e Sagitário. Entretanto, a Etnoastronomia nos ensina que existem tantos seres no céu quanto os povos humanos podem observar.

Para diversos indígenas brasileiros, como os Tupi-Guarani e os Terena da família Aruak, uma das figuras principais que podemos observar no céu noturno é a Ema.

Apresente aos alunos as diferentes constelações Tupi-Guarani e seus mitos.

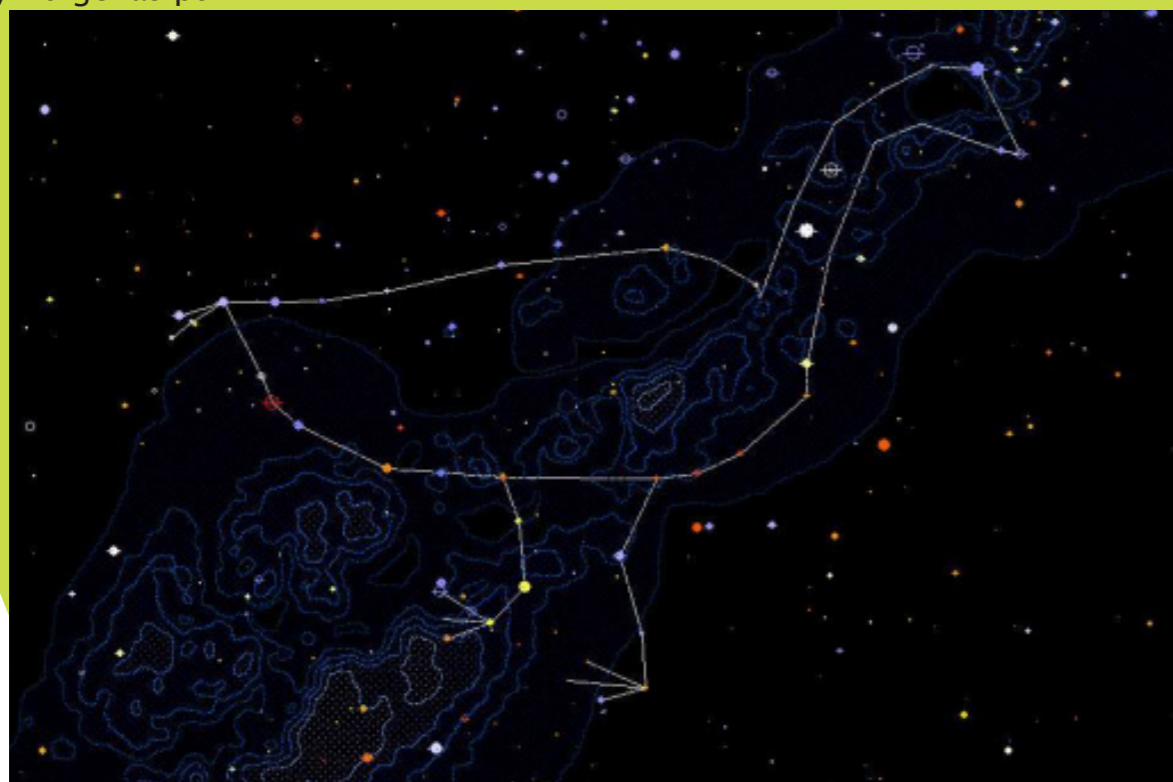
Após a apresentação, proponha a construção, conjunta ou individual, de uma história própria fantástica.

Depois de criada a história (conjunta ou individual) forneça uma impressão do céu noturno para que possam criar suas próprias constelações, ligando os pontos (estrelas) ou fazendo furinhos com palito de dente. Ao final, expor os trabalhos na janela (caso sejam furados, para que a luz passe) ou nas paredes da sala de aula.



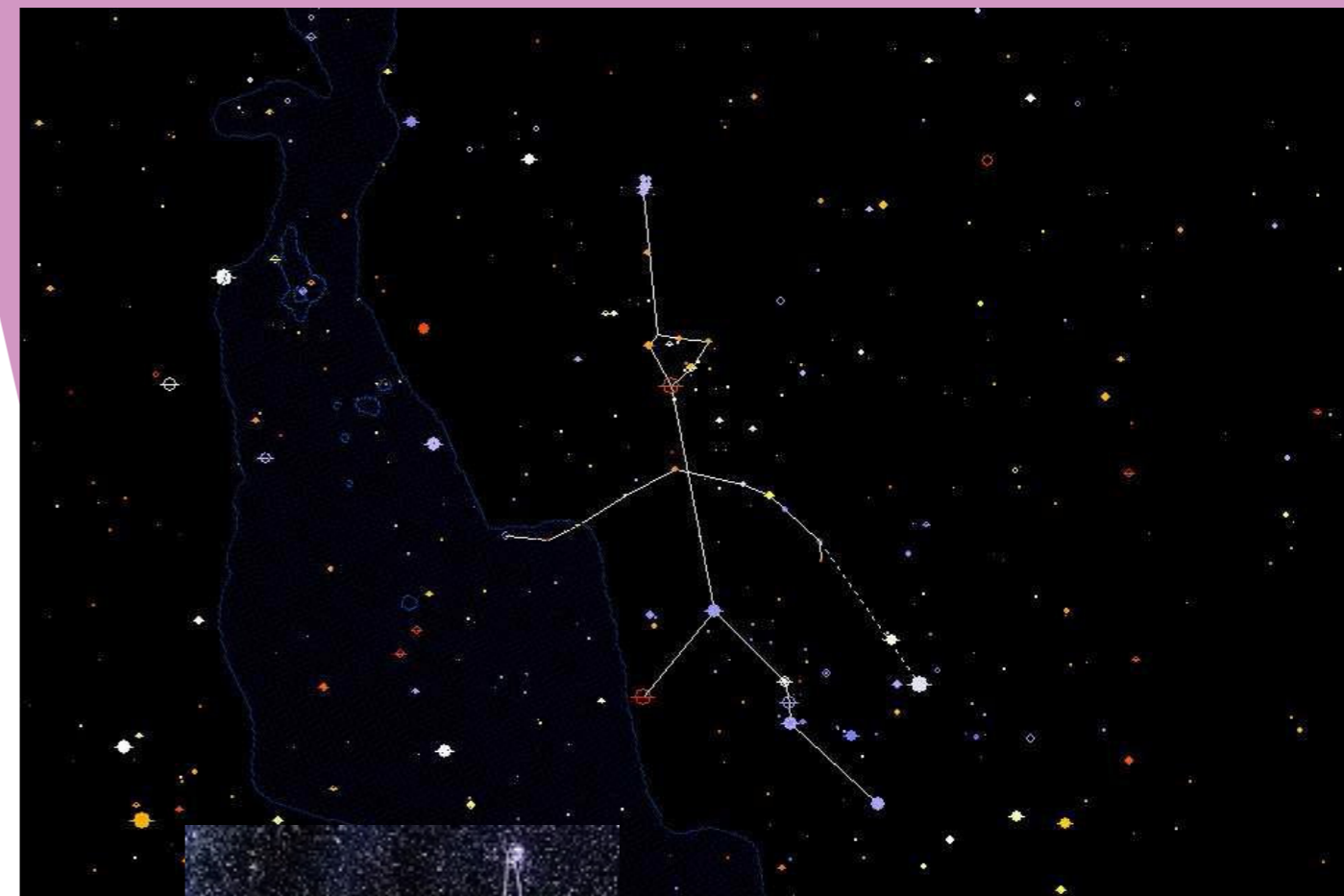
CONSTELAÇÃO DA EMA

A grande Constelação da Ema, que fica entre a constelação de Escorpião e o Cruzeiro do Sul. Segundo seus mitos, a Ema tenta devorar dois ovos de pássaro próximos ao seu bico, representados pelas estrelas alfa Muscae e beta Muscae, e o Cruzeiro do Sul estaria segurando o bico da ave que, de outra forma, acabaria devorando toda a humanidade. Grupos Terena do oeste paulista têm a ema como animal sagrado, utilizando historicamente suas penas para produção de objetos e vestimentas rituais. Fonte: <http://telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>



CONSTELAÇÃO DO HOMEM VELHO

Outra constelação importante para os Tupi-Guarani é a do Homem Velho (Tuya'i), formada pelas constelações ocidentais de Touro e Órion. Acima da cabeça do Homem Velho fica o aglomerado estelar das Plêiades, visto pelos indígenas como um penacho amarrado em sua cabeça. A estrela vermelha Beltegeuse representa o lugar em que sua perna foi cortada, e o Cinturão de Órion (Três Marias) representa o joelho da perna sadia. Na sua mão direita ele segura um bastão para se equilibrar. Fonte: <http://telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>



A CONSTELAÇÃO DA ANTA DO NORTE

A constelação da Anta do Norte é conhecida principalmente pelas etnias indígenas brasileiras que habitam na região norte do Brasil, tendo em vista que para as etnias da região sul ela fica muito próxima da linha do horizonte. Ela fica totalmente na Via Láctea, que participa muito nas definições de seu contorno, fornecendo uma imagem impressionante dessa constelação. Existem outras constelações representando uma Anta (Tapi'i, em guarani) na Via Láctea, por isso chamamos essa constelação de Anta do Norte.

A Via Láctea é chamada de Caminho da Anta devido, principalmente, à constelação da Anta do Norte.

Na segunda quinzena de setembro, a Anta do Norte surge ao anoitecer, no lado Leste, indica uma estação de transição entre o frio e calor para os indígenas do sul do Brasil e entre a seca e a chuva para os indígenas do norte do Brasil. Fonte: <http://telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>

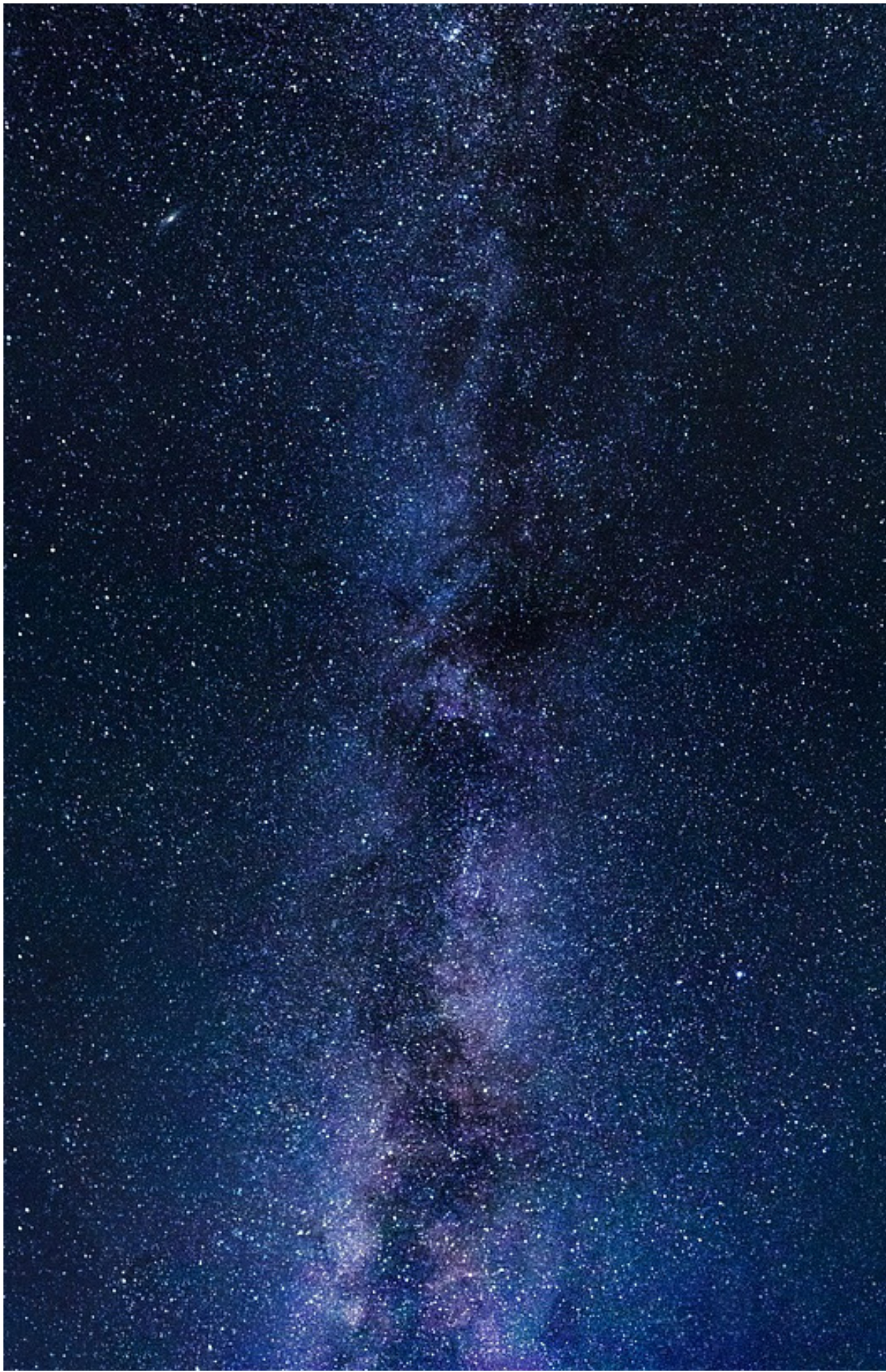


A CONSTELAÇÃO DO VEADO

A constelação do Veado é conhecida principalmente pelas etnias indígenas brasileiras que habitam na região sul do Brasil, tendo em vista que para as etnias da região norte ela fica muito próxima da linha do horizonte.

Na segunda quinzena de março, o Veado surge ao anoitecer, no lado Leste, indica uma estação de transição entre o calor e o frio para os indígenas do sul do Brasil e entre a chuva e a seca para os indígenas do norte do Brasil. Fonte: <http://telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>





Céu noturno, Brasil

Fonte: <https://www.misteriosdoespaco.blog.br/as-5-melhores-cidades-no-brasil-para-ver-o-ceu-estrelado/>

Elaboração
Angelica Moreira e Carla Pequini



FICHA DE ATIVIDADE

Liga Pontos: a partir de contação de história

(professor)

03

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 3o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

Língua Portuguesa, Geografia, Matemática e Artes

Objetivo

Estimular a reflexão sobre os saberes a partir dos poemas do livro *Poeminhas Da Terra*, das autoras Márcia Leite e Tatiana Mões.

Auxiliar na contagem numérica (com números romanos e números arábicos) e alfabeto, a partir do liga pontos.

Material

- Imagem a ser impressa (A4)
- Canetinha hidrográfica, lápis de cor ou giz de cera

Sugestão

- Poderá ser utilizado como base da história os livros infantis *Como eu cheguei aqui?*, do autor Philip Bunting e *Foi vovó quem disse*, do autor Daniel Munduruku.

Desenvolvimento da atividade

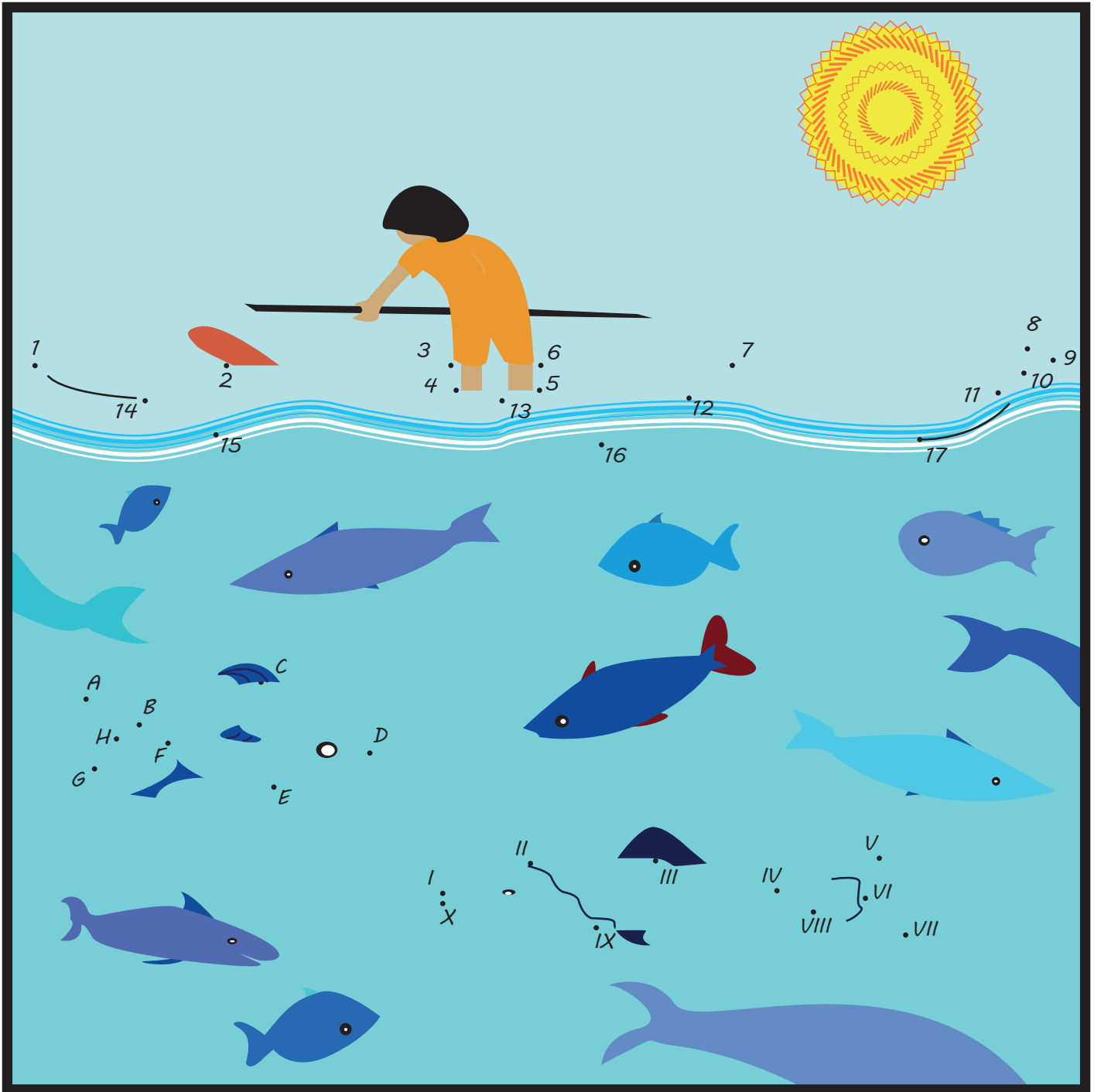
Para desenvolver esta atividade, o professor tem como apoio o livro *Poeminhas Da Terra*, das autoras Márcia Leite e Tatiana Mões.

Após promover um ambiente confortável ler os contos do livro, discutindo os diversos ambientes, comidas, jogos e cotidiano apresentados no livro.

Após a leitura apresentar o arquivo impresso, constante na segunda folha, para que os alunos façam o liga pontos, auxiliando na contagem numérica, com números romanos e números arábicos, bem como, no alfabeto.

Após o liga pontos, poderá ser discutida a questão da pesca, os diferentes tipos de peixes que conhecem, se apreciam como comida, as diferentes formas de pescaria e de utensílios, se possuem algum peixe em casa como animal de estimação, etc. Poderá ser abordada a questão da pesca no rio e no mar, as lendas que envolvem a pesca (como a Yara e Boto Cor de Rosa).

Liga Pontos



Nome do aluno _____

Ano _____

Professor (a) _____

ATIVIDADES 4º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Bonecas: trajes indígenas

(professor)

01

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 4o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Língua Portuguesa, Geografia e Artes

Objetivo

Através do diálogo, estimular a reflexão sobre a história e a cultura dos grupos humanos Kaingang, Tupi-Guarani e Xetá.

Material

- Papel sulfite para impressão do anexo com a (o) boneca (o) a ser vestida (o) e o contorno dos trajes típicos a serem enfeitados recortados e enfeitados
- Tesoura
- Lápis de cor para fazer as pinturas corporais
- Cola

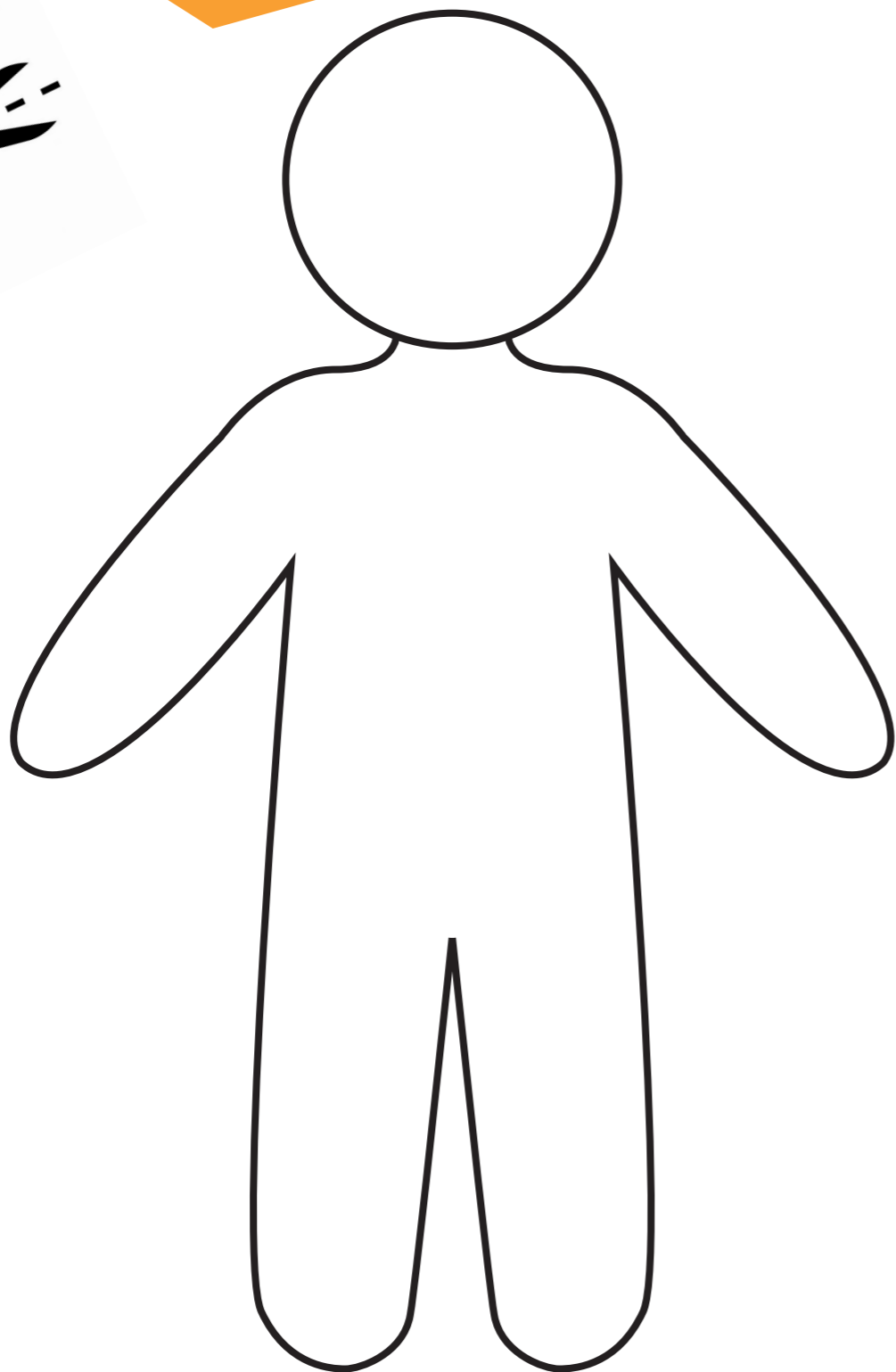
Sugestão

- Poderá ser utilizado como base da história os livros infantis *Como eu cheguei aqui?*, do autor Philip Bunting e *Foi vovó quem disse*, do autor Daniel Munduruku.

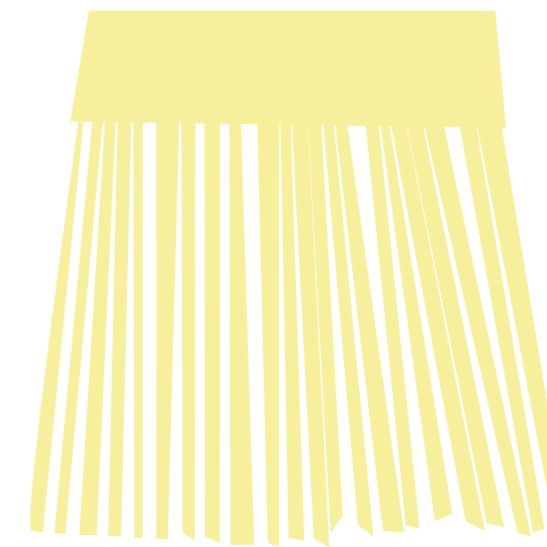
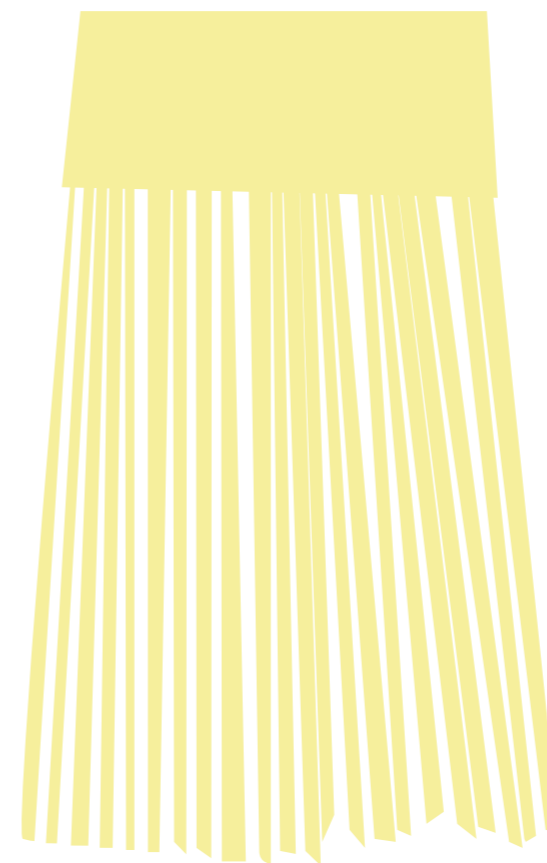
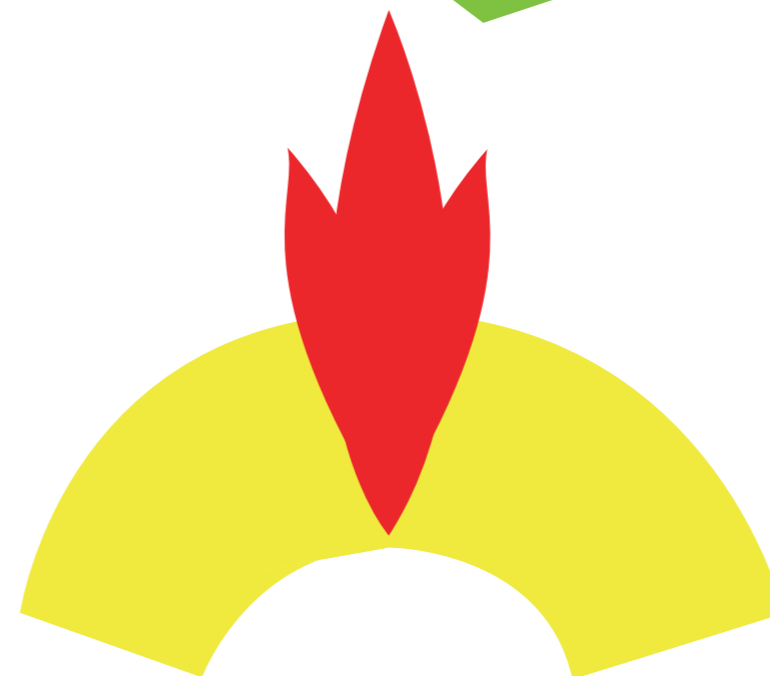
Desenvolvimento da Atividade

Para a realização da atividade, o professor iniciará uma conversa com os alunos sobre os trajes usados pelos povos indígenas que moram no território paranaense (Kaingang, Tupi-Guarani e Xetá). A partir disso, ressaltar que são representativos da identidade, memória e história, as formas de vestimentas e seus grafismos. Estas práticas culturais são saberes que envolvem danças, celebrações, músicas, adereços e que muitas vezes são baseadas na observação da natureza, como os animais, a flora etc. Após conversar com os alunos, mostrar imagens dos diferentes grupos, fornecendo explicações sobre elas. Ao concluir esta sensibilização, distribuir o material aos alunos para que produzam/ recriem os trajes a partir das referências dadas pelo professor: o anexo impresso para recortar, os lápis de cor para fazer as pinturas corporais, a tesoura e a cola para compor o boneco.

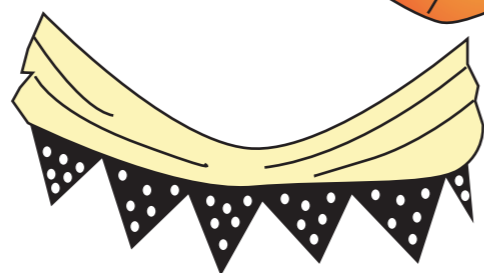
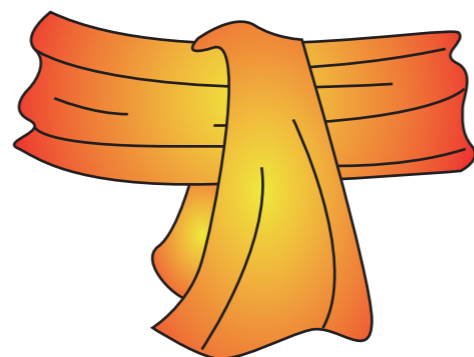
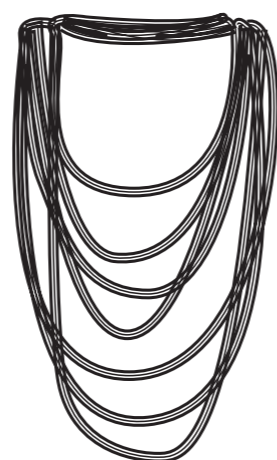
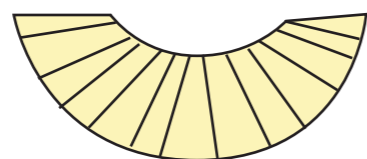
Recortar, pintar,
decorar e brincar



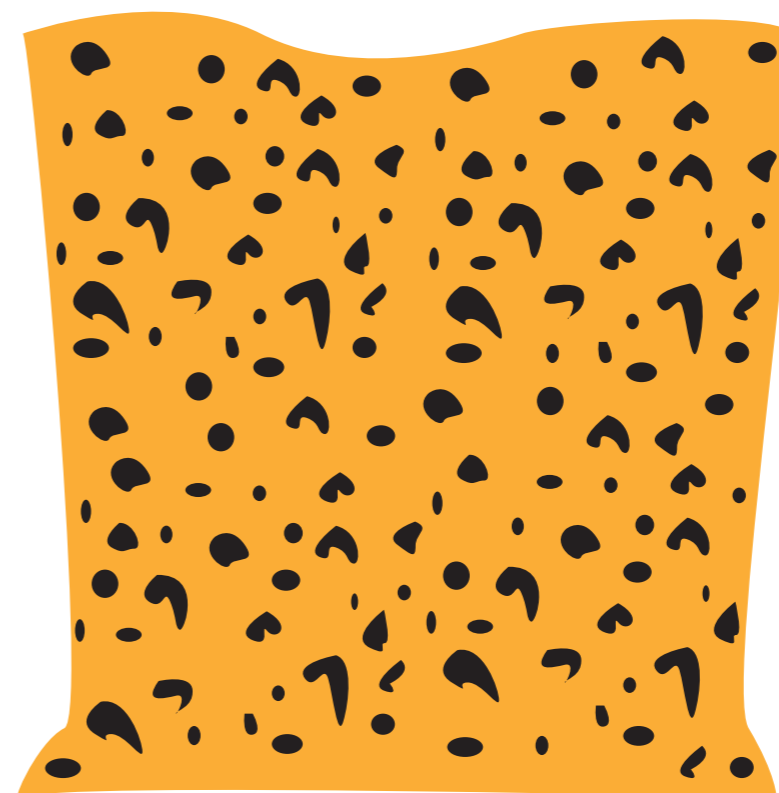
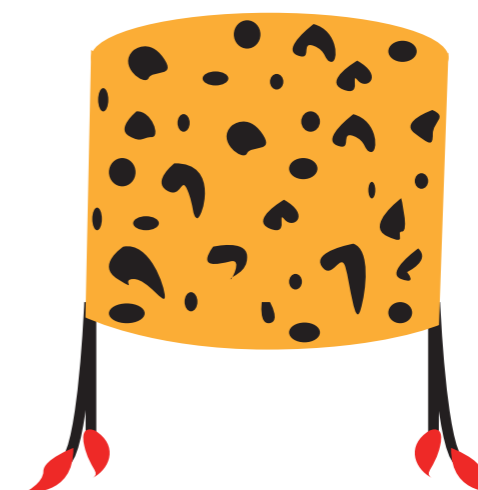
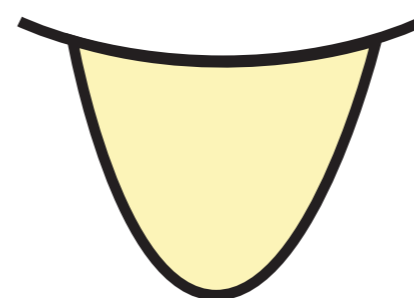
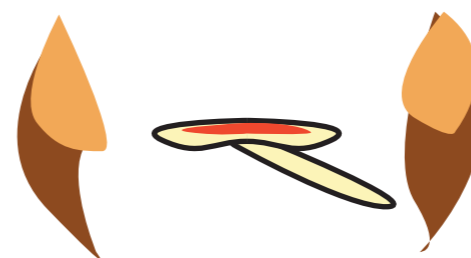
Kaingang



Tupi-Guarani



Xetá



FICHA DE ATIVIDADE

Grafismo: pinturas corporais

(professor)

02

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 4o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Língua Portuguesa, Geografia e Artes

Objetivo

Através do diálogo, estimular a reflexão sobre a história e a cultura dos grupos humanos Kaingang, Proto Guarani e Guarani.

Material

- Pincéis
- Papel sulfite para impressão do anexo com a (o) boneca (o) a ser pintada (o) os grafismos
- Tesoura
- Lápis de cor preto, vermelho e amarelo, para fazer as pinturas corporais
- Máscaras de tecido tricoline cru (opcional)

Sugestão

- SILVA, Alexandrina da. **O Grafismo e significados do artesanato da comunidade Guarani da Linha Gengibre: desenhos na cestaria.** TCC Departamento de História da UFSC, 2015.

- SILVA, Sergio Baptista da. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê Meridionais.** Tese de doutorado FFLCH da USP, São Paulo, 2001.

Desenvolvimento da Atividade

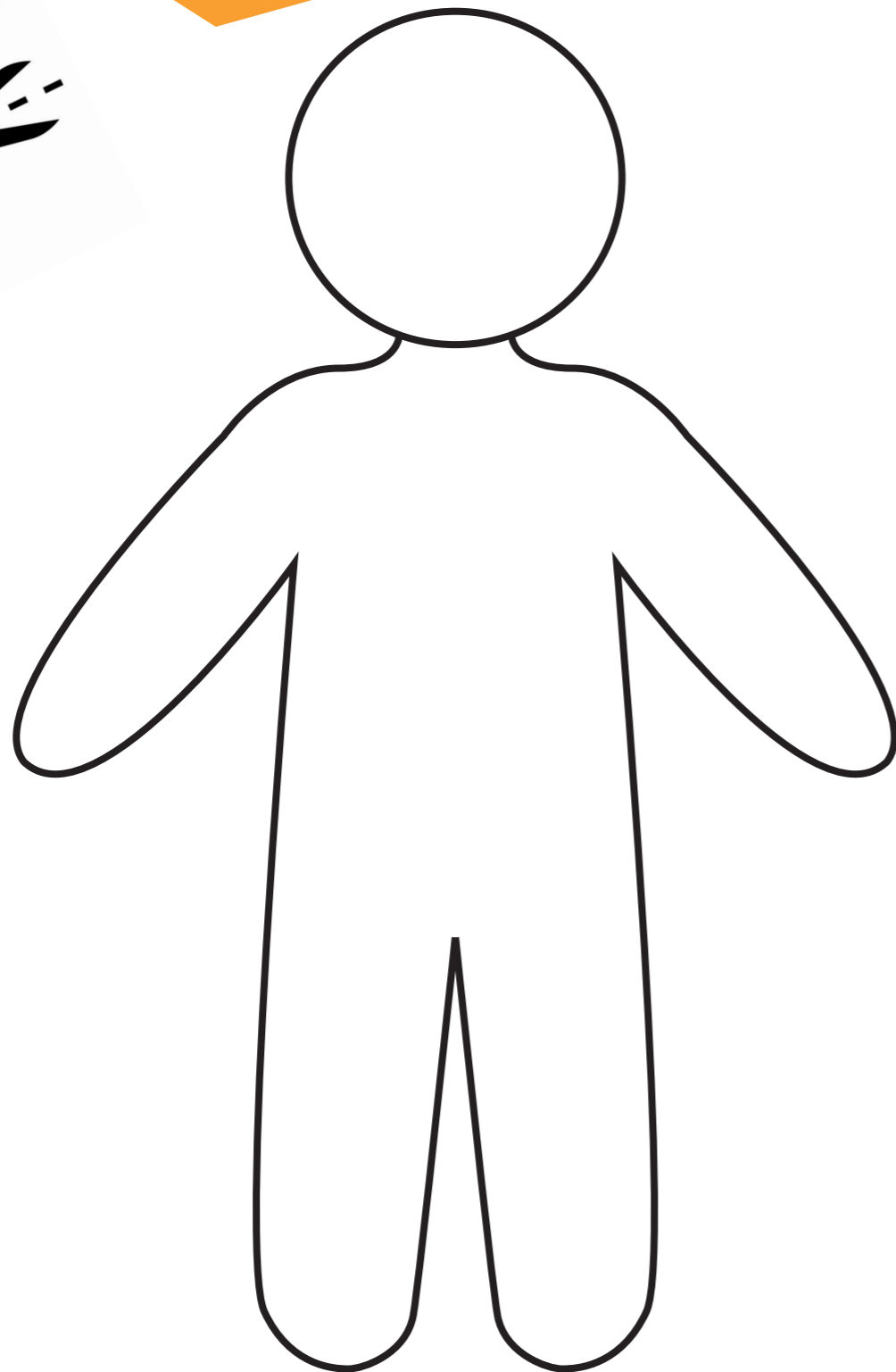
Os grafismos verificados tanto nas pinturas corporais quanto nas cestarias e cerâmicas refletem a cultura dos povos originários a partir da observação da natureza. Os cascos de tartarugas e jacarés, as pintas das onças, as pegadas dos animais, a pele das cobras, etc, são representados nos grafismos, com significados intrínsecos.

Para a realização da atividade, o professor iniciará uma conversa com os alunos sobre a observação da fauna e da flora, passando para as questões do sagrado e mitos.

Para os povos Guarani o *grafismo da cestaria está carregado de representações simbólicas, relacionadas com a natureza e com o sagrado. A confecção de cestos em taquara recebe tramas ou desenhos geométricos. As mais escuras são obtidas do uso do cipó Imbé, e as mais claras, amarelas e vermelhas, são obtidas com o uso do tingimento ou pinturas de tiras do material com tintas naturais.* (SILVA, 2015:24)

Posteriormente, o professor poderá oferecer papel e lápis (vermelho, preto e amarelo) para que sejam reproduzidos os grafismos preferidos, ou ainda, em tempos de pandemia, confeccionar máscaras de tecido para que os alunos possam fazer os grafismos.

Recortar, pintar,
decorar e brincar



Grafismo Guarani

Ypará Korá
Desenhos fechados, quadrados, em forma de losango ou redondo, que significam a casa e as portas que sempre estão abertas para os parentes de outras aldeias que vem visitar ou em busca de cura para a enfermidade.



Ajaka
Desenho da asa da popo, ou seja, da mariposa, que significa o respeito e agradecimento a liberdade, pois a borboleta sempre está a voar livremente e o guarani fica feliz quando ela voa em volta de sua casa.

Ryxykaré
Representado com traços retos, em fileiras duplas em forma de S. O balaio com esse grafismo é um agradecimento a Nhanderu pelas águas e fontes que existem na aldeia. Ele significa o leito dos rios.



Grafismo Guarani

Esse grafismo, significa a trajetória que os Guarani fazem, pois para eles não existem fronteiras, são livres, quando saem de uma aldeia para outra, podem voltar a hora que quiserem.



Mboi Pytã
Padrão cobra coral (Mboi Pytã - Cobra Vermelha), significa proteção é a malha da cobra coral e os balaios com esse grafismo, segundo a mitologia, protege os alimentos que estão dentro dele.

Py'a Tytya

O padrão Coração (Py'a Tytya - Batida do Coração) é representado nas cestarias que são dedicadas aos enfermos do coração, levado na casa de reza. No seu interior é colocado o pão sagrado, as frutas e o mel, que o mesmo leva para a cerimônia de cura.



Grafismo Proto Guarani



Grafismos Proto-Guarani reproduzidos em cerâmicas (SILVA, 2001:235)

Grafismo Kaingang



Ipará Korá
Desenhos fechados que podem ser quadrados, losangolos ou redondos.

Ipará Panambi Pepó
Desenho de asas de mariposa.



Mboitini Ipará
Desenho de cascavel.

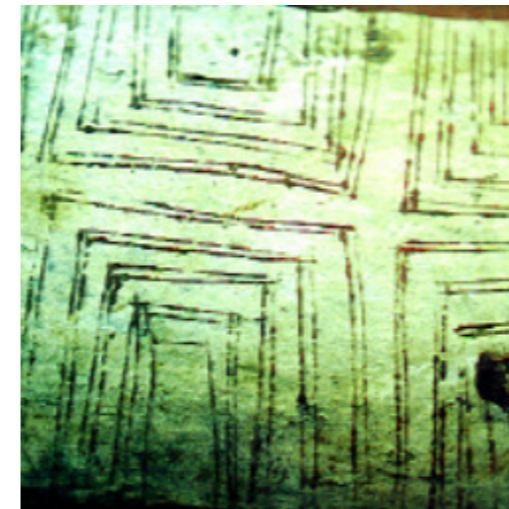


Grafismo Kaingang

Ipará Karena
Desenho da corrente.



Ipará Karé
Grafismo de representação do casco do jabuti.



Ipará Kurusú
Desenho da cruz.



FICHA DE ATIVIDADE

Biscoitos: representação dos grafismos e de figuras de animais e humanos (zoomorfos)

(professor)

03

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 4o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia e Culinária.

Objetivo

Através da culinária auxiliar nos pesos e medidas dos ingredientes juntamente com as representações dos grafismos e das figuras zoomorfas, muito presentes nos sambaquis.

Material

- Pincéis
- Palito de dente
- Tintas comestíveis (chocolate, açafão da terra, colorau)
- Ingredientes da receita do biscoito

Sugestão

- O Museu da Unicap em Biscoitos - Receita - https://www.instagram.com/tv/CBqrLFDHwR4/?utm_medium=share_sheet

Desenvolvimento da Atividade

Os grafismos verificados tanto nas pinturas corporais quanto nas cestarias e cerâmicas refletem a cultura dos povos originários a partir da observação da natureza. Os cascos de tartarugas e jacarés, as pintas das onças, as pegadas dos animais, a pele das cobras, etc, são representados nos grafismos, com significados intrínsecos.

As figuras zoomorfas são encontradas em sambaquis e outros sítios arqueológicos. Nas páginas à seguir, seguem alguns exemplos a serem demonstrados aos alunos como forma de inspiração.

Mãos na massa

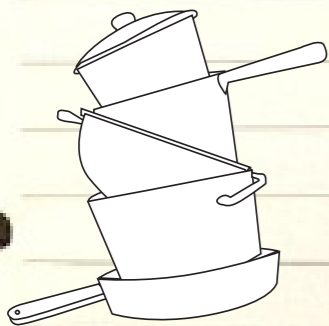
BISCOITO DE LARANJA (Rita Lobo)

Ingredientes



1 ½ xícara (chá) de farinha de trigo
½ xícara (chá) de açúcar
¼ de xícara (chá) de amido de milho
150 g de manteiga em temperatura ambiente
raspas de 1 laranja
1 pitada de sal
manteiga e farinha de trigo para untar e polvilhar a assadeira

Modo de fazer



Numa tigela, misture a farinha com o açúcar, o amido de milho, as raspas de laranja e o sal. Junte a manteiga e misture bem com as mãos até formar uma massa lisa. Polvilhe a bancada com um pouco de farinha, divida a massa em pequenas porções.

Faça bonecos que representem animais como: tartaruga, jacaré, onça, anta, etc. ou ainda, figuras humanas.

Preaqueça o forno a 180 °C (temperatura média). Unte com manteiga e polvilhe com farinha de trigo a assadeira.

Leve ao forno para assar por cerca de 10 minutos, ou até a lateral começar a dourar - os biscoitos terminam de firmar depois que esfriam.

Retire do forno e deixe esfriar na própria assadeira enquanto prepara a próxima leva.

No caso dos grafismos, você poderá utilizar o chocolate, corante e açafrão da terra para colorir os biscoitos.

OBS: os biscoitos de laranja permanecem crocantes por até 15 dias armazenados num pote com fechamento hermético.

Zoomorfos



Zoomorfo em pedra Tubarão - <https://br.vazlon.com/zoolito-zoomorfo-tubarao-estilizado-sambaqui-replica#!>



Zoomorfo em madeira pirogravada Mbyá-Guarani: anta e onça (SILVA, 2001:233)

Zoomorfos



Tartaruga em cerâmica da Etnia Waujá (Fonte: <https://xapuribrasil.com.br/es/productos/petisqueira-bicho-em-ceramica-indigena-etnia-wauja16/>)



Zoomorfo em madeira pirogravada Mbyá-Guarani: coruja, pássaro e macaco (SILVA, 2001:232)

Zoomorfos



Zoomorfo em madeira pirogravada Mbyá-Guarani:paca e peixe (SILVA, 2001:233)

ATIVIDADES 5º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Detetive da Família

(professor)

01

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 5o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

Língua Portuguesa, Geografia, Artes.

Objetivo

Incentivar os alunos a pesquisarem sobre sua própria família através de objetos, fotos, documentos e entrevistas.

Material

- Ficha de entrevista
- Objeto selecionado pelo aluno

Sugestões

- Vídeo do Campo do Brincar - Cadê o detetive dessa família? Instagram: https://www.instagram.com/tv/CNFoDRyL4LN/?utm_medium=share_sheet

Desenvolvimento da Atividade

Peça aos alunos investigarem em casa, com os familiares, objetos antigos que foram passados de geração para geração. Pode ser fotos, documentos, objetos variados, mapas, receitas, brincadeiras e jogos, etc.

A partir da observação do objeto, os alunos deverão registrar, por escrito, os detalhes fornecidos na ficha de entrevista para que os detalhes sejam compilados, demonstrando a importância do registro. A ficha (em anexo) foi baseada no livro da autora Evelina Grunberg, *Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial*. IPHAN, 2007. pg.8

A pesquisa oral (entrevistas) é uma das primeiras fases da arqueologia, onde é possível verificar com os moradores possíveis vestígios arqueológicos nas terras. O registro dessas informações também deve ser apurado, para que não haja lacunas nos dados.

Cada aluno deverá apresentar os resultados apurados, demonstrando aos colegas o conhecimento que adquiriu sobre o objeto.

Outra sugestão seria a formação de grupos, unindo os objetos e formando uma história com todos os objetos, respeitando o significado e a trajetória.

Ainda, pode-se trabalhar os conceitos e noções de patrimônio pessoal (exemplo seu brinquedo), família (exemplo os objetos dos pais, avós etc), bairro (exemplo a praça) e cidade (exemplo um monumento, a floresta, etc.).

Finalize com uma bela exposição dos trabalhos, se possível convidando os entrevistados e familiares.

FICHA DE ENTREVISTA

Nome do entrevistado(a): _____

Idade do entrevistado (a): _____

Grau de parentesco: _____

Onde mora: _____

OLHANDO O OBJETO

Objeto: _____



Do que é feito (materiais)?

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____
- 4) _____
- 5) _____
- 6) _____

A que serve (função ou funções)?

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____

Qual a cor, a forma e a textura?

Tem cheiro, gosto?

Faz barulho?

Está completo ou falta alguma parte?

Já foi consertado ou adaptado?

Está usado ou é novo?

Foi feito à mão ou à máquina?

Numa peça única ou em partes separadas? São montáveis (parafusos, encaixes, cola)?

É decorado ou ornamentado?

Quem o fez?

Quem usou?

Gosta da sua aparência?

Que valor tem para o entrevistado?

E o valor que você dá a este objeto?

Se você encontrasse esse objeto na rua, o que faria com ele?

FICHA DE ATIVIDADE

Desenho dos Objetos

(professor)

02

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 5o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia, Artes.

Objetivo

Demonstrar aos alunos uma das etapas realizadas pelos arqueólogos, em laboratório, o desenho das peças. Apresentar o conceito de escala e fração aos alunos.

Material

- Papel milimetrado
- Lápis e borracha
- Objeto selecionado pelo aluno

Sugestões

- Contação de história: indicação de livros infantis como por exemplo, *O Prato Azul-Pombinho*, da autora Cora Coralina.

Desenvolvimento da Atividade

Utilizar os objetos trazidos pelos alunos ou ainda fornecidos pelo docente. Os objetos podem ser inteiros ou mesmo faltando partes.

Fornecer o material necessário para o desenho e seguir os passos dados a seguir.

Nesta oficina é importante salientar a atenção aos detalhes, as formas, a decoração, as marcas de uso e de fabricante.

Um bom exemplo é observar uma garrafa, pode ser inclusive uma garrafa PET. Em sua lateral observa-se uma linha fina que perpassa por toda a garrafa. Esta linha demonstra que foi feita com dois moldes, como um ovo de páscoa. Garrafas de vidro também possuem essa marca, que é chamada na arqueologia de “marca fantasma”.

A decoração de pratos, jogos de xícaras e refratários serve, aos arqueólogos para conhecer quando eles foram feitos, em que país e qual fabricante. Desta forma, é um marcador temporal que auxilia na contextualização e, junto com os demais materiais arqueológicos, indica a datação relativa do sítio arqueológico.

No exemplo dado sobre a decoração Azul-Pombinho, apresentado no livro da Cora Coralina, o desenho conta uma lenda chinesa, um romance, muito representado pelos chineses nas porcelanas. Tanto a técnica de saber fazer a porcelana quanto a decoração (chamada tecnicamente de *Chinoiserie*) foi muito copiada pelos Ingleses. Na Europa, essa decoração foi iniciada entre 1800 e 1815, tendo sido encerrada por volta de 1880. Na época, cerca de 54 fábricas de cerâmicas inglesas faziam esse motivo que são possíveis de serem identificadas pelas diferenças na pasta da porcelana, no esmalte e na tonalidade do azul. Outra característica muito importante no desenho é a necessidade de ser colocada a escala, ou seja, de deixar claro o real tamanho do objeto. Essa matéria por ser aproveitada pela professora de matemática, correlacionando com o conteúdo “fração” a ser dado neste ano escolar.

VAMOS DESENHAR?

Depois que o sítio arqueológico é escavado o material segue para o laboratório, onde é lavado, recebe um número de identificação (tombamento), fotografado e desenhado.

Hoje iremos fazer os desenhos das peças. Muitas vezes elas chegam em pedacinhos, mas cada detalhe é importante.

1º. PASSO:

Escolha um artefato (objeto).

Observe-o (marcas, riscos, rachaduras, impressões, etc.).

Coloque o artefato no papel milimetrado e desenhe a borda.

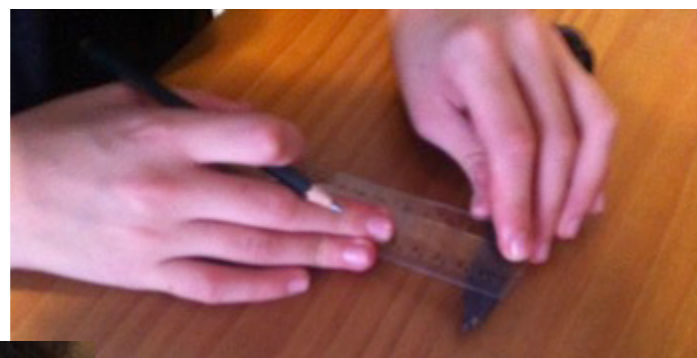
Apoie o artefato em lugar seguro onde possa ser visto e não o mova mais.



2º. PASSO:

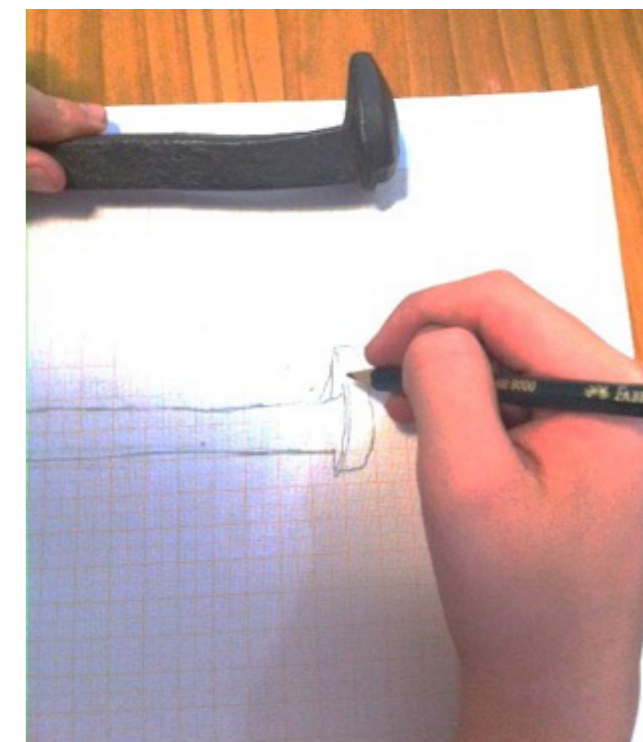
Medir altura e largura do artefato e traçar pontos no papel milimetrado (você pode apoiar o artefato sobre seu papel para traçar linhas leves antes de apoiá-lo no meio da bancada).

Meça cada parte que irá desenhar.



3º. PASSO:

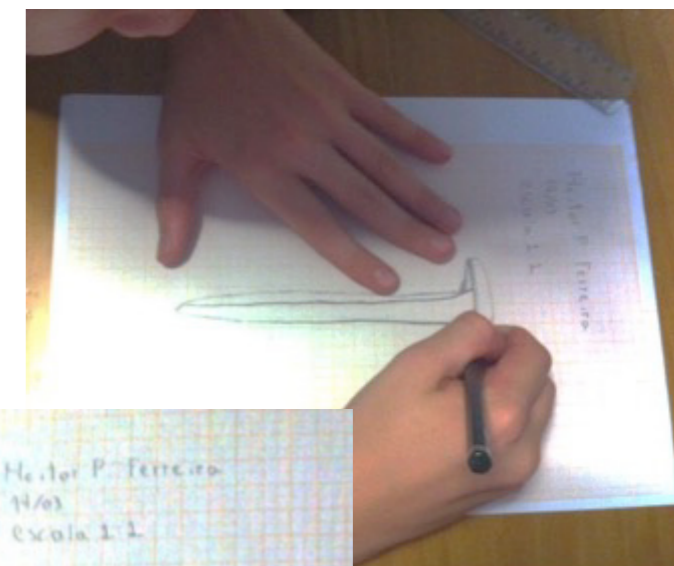
Observe marcas, pontos, estrias, rachadura, etc. e desenhe-as utilizando sempre a régua para marcar o local corretamente.



4º. PASSO:

Reforce as linhas para que o desenho se destaque.

Coloque a escala de 1:1, a data e seu o nome.



Seu desenho está pronto!



FICHA DE ATIVIDADE

Comparação dos objetos

(professor)

03

Ensino Fundamental I

Ano Escolar: 5o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia, Artes.

Objetivo

Apresentar as diversas formas e materiais com objetos do dia-a-dia, demonstrando como o arqueólogo pensa os usos e fabricação.

Material

- Papel
- Lápis e borracha
- Objetos variados

Desenvolvimento da Atividade

Todos os objetos que utilizamos no dia-a-dia tem sua forma ligada ao seu uso. Por exemplo, não servimos água em um prato, tampouco, o almoço em uma jarra.

Desta forma, a ideia é que os alunos possam olhar com mais atenção aos detalhes dos objetos que utilizamos no nosso cotidiano, pois, no estudo dentro do laboratório de arqueologia, esse exercício é constante.

Sendo assim, ofereça aos alunos diversos tipos de materiais, como copos, pratos, xícaras, garrafas de vidro e de plástico, panelas, colheres e garfos. Tente trazer objetos de mesma função, mas de diferentes materiais (plástico, vidro ou metal) ou com decorações e marcas diferenciadas. Considere que os detalhes como decoração, função, marcas de uso e marcas de fabricante são componentes da análise laboratorial na arqueologia.

Caso não tenha esses materiais a mão, utilize fotos.

Apresentamos alguns exemplos abaixo.

O exercício concluirá que a maior parte das formas e seu uso não se modificaram com o tempo, mas sim o tipo de material utilizado.

VAMOS COMPARAR?



ATIVIDADES 6º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Terrário arqueológico

(professor)

01

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 6o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia, Artes

Objetivo

Conhecer como é o trabalho do (a) arqueólogo (a) a partir da descoberta de vestígios.

Material

- Caixa de sapatos
- Areia, terra ou canjica
- Pincel
- Barbante
- Durex ou fita crepe
- Objetos inteiros ou fragmentados
- Papel quadriculado
- Cola branca

Desenvolvimento da Atividade

A arqueologia estuda a história a partir dos vestígios materiais, ou seja, de tudo aquilo que nós, humanos, construímos e criamos para sobreviver. Contudo, para entendermos melhor como os povos viviam, esses vestígios precisam estar bem conservados e mantidos nos seus lugares. Vários fatores podem destruir um sítio arqueológico, como, agricultura, construção de estradas, ferrovias e casas, construção de usinas, torres e cidades. Sendo assim, todos os empreendimentos no Brasil devem passar por uma análise anterior à construção, para que a história desses povos que viveram aqui não seja perdida.

Veja a relação de sítios arqueológicos em anexo e verifique se na sua cidade tem algum deles cadastrados. Coloque os objetos dentro das caixas e cubra com areia, terra ou canjica (que simulará um sambaqui).

Após uma apresentação do que é arqueologia, distribua o material para cada aluno. Caso estejam fazendo em casa, peça para que outra pessoa coloque o material e o cubra, sem que o aluno veja.

Siga o passo-a-passo proposto.

Sugestão:

Essa atividade fica mais legal quando os professores de matemática, língua portuguesa, desenho, geografia e história fazem juntos, cada qual colocando o conteúdo programado dentro da atividade.

Pesquise na tabela anexa os sítios arqueológicos do seu município e veja o tipo de sítio (cerâmico, lítico (instrumentos feitos com rochas), sambaquis, entre outros). São 1.756 sítios arqueológicos cadastrados apenas no Paraná.

O que significa a palavra Arqueologia?

Etimologicamente, a palavra "arqueologia" surgiu da junção de dois termos gregos: *archaios*, que significa "passado" ou "antigo"; e *logos*, que quer dizer "ciência" ou "estudo"; assim sendo, arqueologia significa "ciência que estuda o passado" ou "ciência que estuda o antigo".

Arqueologia e Paleontologia estudam as mesmas coisas?

Não. A Arqueologia estuda o passado humano através dos vestígios deixados pelas populações. Os objetos antigos são encontrados principalmente através de escavações, nos chamados "sítios arqueológicos".

Já a Paleontologia é uma ciência que estuda os aspectos da vida na Terra em períodos geológicos passados, utilizando como principais objetos de análises os fósseis de animais e vegetais que habitaram essas épocas.

VAMOS ESCAVAR?

1ª etapa

Em uma caixa com areia, canjica branca ou terra, coloque objetos inteiros ou quebrados.

2ª etapa

Troque a caixa com um amigo. Faça o esquadramento da caixa com o barbante e o durex, a cada 10 centímetros.

3ª etapa

Utilize o pincel, com cuidado, para não tirar os objetos do lugar. Apenas retire a areia de cima do objeto.

4ª etapa

Registre em uma folha quadriculada exatamente como está vendo os objetos. Tire uma boa foto, com vista de cima. Descreva na parte de trás da folha quadriculada o que está vendo e como fez a descoberta.

O Patrimônio Arqueológico é um bem da União (ou seja de todos).

Pesquise onde aparece essa Lei.

Constituição Federal do Brasil (1988) Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Qual é o esqueleto mais antigo do Brasil e onde ele foi encontrado?

O esqueleto de Luzia foi encontrado em 1975 em um sítio arqueológico chamado Lapa Vermelha, em Minas Gerais, estudado pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire. O esqueleto encontrado tratava-se de uma mulher que havia vivido na região há mais de 12 mil anos. Luzia se tornou a mulher mais antiga da América do Sul. Junto dela foram encontrados fósseis animais, que viveram ao mesmo tempo e permitiram entender seu mundo.



Quais são os diferentes tipos de sítios arqueológicos?

Sítios com material cerâmico de diversas etnias; com material lítico (instrumentos feitos a partir de rochas); com material lítico e cerâmico; sambaquis; sítios mais recentes com louça, vidro, material de construção de casas, metal, etc; sítios de sepultamentos; sítios aldeias, sítios submersos (onde se faz a arqueologia subaquática); sítios abaixo das cidades (arqueologia urbana); entre tantos outros.

5a etapa

Retire os objetos e tente montá-los.

6a etapa

Qual foi o objeto que você encontrou?
Desenhe o objeto reconstruído.

7a etapa

Por último, preencha a ficha técnica do objeto:

O que é? _____

Qual a sua medida? _____

Qual a cor? _____

Do que é feito? _____

Para que serve? _____

Quem poderia ter feito? _____

Observações _____

Seu nome:

Seu Ano/Sala:

Seu professor:

nome	município	uf	descrição sumária do sítio
Rio das onças	Adrianópolis	PR	Sítio lítico
Rio das onças II	Adrianópolis	PR	Sítio lítico
Paqueiro	Adrianópolis	PR	Sítio lítico
Bela Vista II	Adrianópolis	PR	Sítio lítico
Foz do Carumbé	Adrianópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico
Margem II	Adrianópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico
Margem I	Adrianópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico
Estreito 1	Adrianópolis	PR	Sítio concheiro
Guaracuí	Adrianópolis	PR	Sítio cerâmico
Lodaçal	Adrianópolis	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Maricá	Adrianópolis	PR	Sítio histórico de Tradição Neobrasileira.
Morro dos Anjos	Adrianópolis	PR	Sítio cerâmico com enterramentos de Tradição Itararé.
Tatupeva 1	Adrianópolis	PR	Sítio concheiro
Varadouro 1	Adrianópolis	PR	Sítio concheiro
Vila Operária	Adrianópolis	PR	Sítio histórico de Tradição Neobrasileira.
S-01	Agudos do Sul	PR	Sítio cerâmico
Porto Yara	Altônia	PR	Sítio cerâmico e lítico
Corrego da Lagoa 2	Altônia	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani.
Lagoa Xamberê 1	Altônia	PR	Sítio habitação e cemitério de Tradição Tupiguarani.
Barragem UHE Canoas II	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Barreiro da Capivara 1	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Barreiro da Capivara 2	Andirá	PR	Sítio lítico
Corredeira das Três Ilhas	Andirá	PR	Sítio cerâmico com enterramento de Tradição Tupiguarani, Fase Cambará.
Córrego da Raposa 2	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Córrego da Raposa 3	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Córrego Jacutinga	Andirá	PR	Sítio lítico
Duas Lagoas	Andirá	PR	Sítio lítico
Ribeirão das Antas 1	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão das Antas 2	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão das Antas 3	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão das Antas 4	Andirá	PR	Sítio lítico
Ribeirão Pimenteira 1	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Pimenteira 2	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Pimenteira 3	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Pimenteira 4	Andirá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
LOMA 1	Apucarana	PR	Sítio lítico.
Residencial Interlagos 2	Apucarana	PR	Sítio cerâmico Jê do Sul
PR.AR.INP.079 - Bonanza	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.117 - Barra Mansa X	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
Fazenda três pinheiros 01 A	Arapoti	PR	Sítio lítico
PR.AR.INP.055 - Passador do Peixe	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.046 - Sítio do Homem Morto	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.047 - Sítio do Mero	Arapoti	PR	Sítio cerâmico

PR.AR.INP.048 - Sítio da Porteira	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.001 - Santa Cruz	Arapoti	PR	Sítio Histórico
PR.AR.INP.049 - Sítio Jango	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.050 - Sítio Jango I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.056 - Passador do Peixe I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.045 - Kalipial do Céu	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.058 - Buraco do Céu	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.051 - Retão do Peixe	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.041 - Sítio Trapp I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.052 - Retão do Peixe I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.053 - Retão do Peixe II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.054 - Retão do Peixe III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.044 - Sítio Trapp IV	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.040 - Sítio Trapp	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.042 - Sítio Trapp II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.043 - Sítio Trapp III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.059 - Estaleiro	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.057 - Guaranã	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.003 - Casa de Pedra	Arapoti	PR	
PR.AR.INP.039 - Sítio Francatto	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.002 - Ponte Velha	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.061 - Torre II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.064 - Torre V	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.083 - Portão do Peixe	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.063 - Torre IV	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.037 - da Curva	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.038 - Sítio da Nascente	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.013 - Casarão Velho	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.060 - Torre I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.027 - Cavernoso I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.033 - da Saída III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.066 - Campinão I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.068 - Campinão III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.067 - Campinão II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.032 - da Saída II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.036 - Defrente II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.031 - da Saída I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.006 - Oliveira do Cavernoso	Arapoti	PR	
PR.AR.INP.030 - Sítio da Saída	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.070 - Campinão V	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.069 - Campinão IV	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.035 - Defrente I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico

PR.AR.INP.034 - Defrente	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.089 - Portão do Matarazo	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.015 - Lagoa Falsa	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.012 - Cerradinho do Anhaia I	Arapoti	PR	
PR.AR.INP.011 - Menarim	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.071 - Campinão VI	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.004 - Arroinho	Arapoti	PR	
PR.AR.INP.005 - Campinão	Arapoti	PR	
PR.AR.INP.090 - Subidão	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
Abrigo sob rocha fazenda três pinheiros	Arapoti	PR	
Fazenda Boa Vista	Arapoti	PR	Sítio Histórico
Fazenda três pinheiros 01 b	Arapoti	PR	Sítio lítico
PR.AR.INP.085 - Jararaca do Rabo Branco I Branco I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.084 - Jararaca do Rabo Branco	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.107 - Vista da Faz. B. V. Das Cinzas Cinzas	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.086 - Formigão	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.087 - Perna Quebrada	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.101 - Arrozal V	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.091 - Arrozal II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.106 - Portal do Caxambu	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.092 - Arrozal IV	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.010 - Ponte do Arrozal I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.100 - Machado Polido	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.029 - Arrozal III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.024 - Arrozal	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.093 - Floresta Negra	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.105 - Aldeia II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.099 - Aldeia	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.095 - Monte Lindo	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.098 - Trevo	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.094 - Serraria Velha	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.104 - Carnaval	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.072 - Paraíso III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.076 - Paraíso VII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.073 - Paraíso IV	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.007 - Paraíso I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.074 - Paraíso V	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.077 - Paraíso VIII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico

PR.AR.INP.028 - Paraíso II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.078 - Paraíso IX	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.016 - Dois Irmãos	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.075 - Paraíso VI	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.097 - Pedreira	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.096 - Lagoa Seca	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.081 - Bonanza II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.082 - Bonanza III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.119 - Barra Mansa XII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.124 - Barra Mansa XVII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.115 - Barra Mansa VIII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.111 - Barra Mansa IV	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.114 - Barra Mansa VII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.113 - Barra Mansa VI	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.112 - Barra Mansa V	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.126 - Barra Mansa XIX	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.125 - Barra Mansa XVIII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.127 - Barra Mansa XXI	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.127 - Barra Mansa XX	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.108 - Barra Mansa I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.109 - Barra Mansa II	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.110 - Barra Mansa III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.062 - Torre III	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.065 - Torre VI	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.088 - Dois Irmãos I	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.102 - Arrozal VI	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
PR.AR.INP.103 - Arrozal VII	Arapoti	PR	Sítio cerâmico
Sítio Arqueológico Cemitério Palhanos 01	Araucária	PR	Cemitério ucraniano em ruínas
Fazenda Rio Grande VI	Araucária	PR	Sítio Histórico
Bracatingal	Araucária	PR	Sítio lítico
Cotovelo do Passaúna 1	Araucária	PR	Sítio cerâmico
Cotovelo do Passaúna 2	Araucária	PR	Sítio cerâmico
Cotovelo do Passaúna 3	Araucária	PR	Sítio lítico
Sítio Kuramoto	Araucária	PR	Sítio cerâmico
Torre 1	Araucária	PR	Sítio lítico
Torre 2	Araucária	PR	Sítio cerâmico
Chácara Regina	Bandeirantes	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Bituruna	Bituruna	PR	Sítio cerâmico e lítico
Cemitério Zampierón	Bituruna	PR	Sítio cerâmico e lítico Fase Catanduva.
Copel	Bituruna	PR	Sítio lítico
Córrego São Vicente dos Pinus	Bituruna	PR	Sítio cerâmico
Duas Ilhas	Bituruna	PR	
Encantilado 2	Bituruna	PR	

Generoso	Bituruna	PR	Duas possíveis casas subterrâneas e a um aterro.
Habitação Zampierón 1	Bituruna	PR	Casas subterraneas
Habitação Zampierón 2	Bituruna	PR	Casas subterraneas
Habitação Zampierón 3	Bituruna	PR	Casas subterraneas
Jangada 1	Bituruna	PR	
Lagoa Grande	Bituruna	PR	Sítio cerâmico
Linha Navegantes 1	Bituruna	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Linha Navegantes 2	Bituruna	PR	
Rio Jacutinga 1	Bituruna	PR	
Rio Jacutinga 2	Bituruna	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Xagu.
Rio Jangada 2	Bituruna	PR	
Rio Jangada 3	Bituruna	PR	
Rio Jangada 4	Bituruna	PR	
Rio Jangada 5	Bituruna	PR	
Rio Jararaca	Bituruna	PR	
Salto Grande do Iguaçu	Bituruna	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Bituruna.
São Vicente	Bituruna	PR	Casas subterraneas
Vila Santa Terezinha 1	Bituruna	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Vila Santa Terezinha 2	Bituruna	PR	
Vilinha	Bituruna	PR	
Zamboni	Bituruna	PR	Sítio cerâmico
Córrego da Barra	Boa Esperança do Iguaçu	PR	Sítio lítico.
Água Brasil	Boa Vista da Aparecida	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Córrego Tigrinho 1	Boa Vista da Aparecida	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Recapadora	Boa Vista da Aparecida	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Linha Flor d'Oeste	Boa Vista da Aparecida	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Porto Pereira	Boa Vista da Aparecida	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Sanga Fabriciano	Boa Vista da Aparecida	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Sítio Arqueológico Bom Sucesso IV	Bom sucesso	PR	Sítio lítico.
Bom Sucesso II	Bom Sucesso	PR	Sítio cerâmico e lítico
Rio Santana 2	Bom Sucesso do Sul	PR	Sítio lítico.
Jacaré VII	Bom Sucesso do Sul	PR	Sítio lítico.
Rio Santana 1	Bom Sucesso do Sul	PR	Sítio lítico.
Jacaré VI	Bom Sucesso do Sul	PR	Sítio lítico.
Jacaré 3	Bom Sucesso do Sul	PR	Sítio lítico.

Rio Santana 3	Bom Sucesso do Sul	PR	Sítio lítico.
Córrego da Divisa 1	Cambará	PR	Sítio cerâmico Tradição Tupiguarani.
Cambará 5	Cambará	PR	Sítio lítico
Cambará 4	Cambará	PR	Sítio lítico
Cambará 3	Cambará	PR	Sítio lítico
Cambará 02	Cambará	PR	Sítio lítico
Córrego Caiuá 1	Cambará	PR	Sítio lítico
Córrego Caiuá 2	Cambará	PR	Sítio lítico
Córrego Caiuá 3	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Acampamento 1-B	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Acampamento 1-C	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Acampamento 1-D	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Acampamento 1-F	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Acampamento 1-G	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Aeroporto	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Barragem	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Caiuá	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Capim Queimado	Cambará	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Corredeira dos Caiuá	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico com enterramento.
Córrego do Taquaral	Cambará	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda USELPA	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Girassol	Cambará	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ilha do Bilota 1	Cambará	PR	Sítio lítico
Ilha do Bilota 2	Cambará	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, em frente a Ilha da Bilota.
Ilha Grande 1	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Ilha Grande 2	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ilha Grande 3	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ilha Grande 4	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ilha Grande 5	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ilha Grande 6	Cambará	PR	Sítio lítico
Ilha Grande 7	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Ilha Grande 8	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Ilha Grande 9	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Linha de Transmissão	Cambará	PR	Sítio lítico
Nivaldo Granda	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Paredão	Cambará	PR	Sítio lítico
Ponte do Paranapanema	Cambará	PR	Sítio cerâmico com enterramentos de Tradição Tupiguarani.
Porto Barreiro	Cambará	PR	Sítio cerâmico
Porto Jaú	Cambará	PR	Sítio lítico
Posto Fiscal	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Posto Fiscal 1	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Repreza Grande	Cambará	PR	
USELPA	Cambará	PR	Sítio cerâmico e lítico
Aeroporto	Campina da Lagoa	PR	Sítio lítico.
Afluente do Erveira	Campina da Lagoa	PR	Sítio lítico.

Estrada	Campina da Lagoa	PR	Caminho indígena associado a casas subterrâneas, aterros, e a material lítico e cerâmico. Tradição Itararé.
Moch I	Campina da Lagoa	PR	Sítio de aterros alongados.
Moch II	Campina da Lagoa	PR	Sítio de pequenos aterros (túmulos ?).
Moch III	Campina da Lagoa	PR	Casas subterraneas
Morro Vermelho I	Campina da Lagoa	PR	Sítio cerâmico e lítico com 10 casas subterrâneas de Tradição Itararé.
Morro Vermelho II	Campina da Lagoa	PR	Sítio cerâmico e lítico com 4 casas subterrâneas associadas a aterros de Tradição Itararé.
Rio Erveira	Campina da Lagoa	PR	Casas Subterrâneas de Tradição Itararé.
Roseira I	Campina da Lagoa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Roseira II	Campina da Lagoa	PR	Sítio cerâmico e lítico associado a caminho indígena de Tradição Itararé.
Três Buracos	Campina da Lagoa	PR	Casas subterraneas
CERNE 1	Campo Largo	PR	Sítio lítico
Fazenda Timbutuva 7	Campo Largo	PR	Sítio lítico
Fazenda Timbutuva 8	Campo Largo	PR	Sítio lítico
Fazenda Timbutuva 4	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Fazenda Timbutuva 2	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Timbutuva 3	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Fazenda Timbutuva 6	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de tradição Tupiguarani.
Fazenda Timbutuva 5	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de tradição Tupiguarani.
Fazenda Timbutuva 1	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Palmeira 1	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Palmeira 2	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Palmeira 3	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Pedreira	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico
Rio Bonito	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico
Rio Ferraria 1	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico
Sanguinha	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico
Santa Cruz	Campo Largo	PR	Sítio cerâmico
Morro da Barra 01	Campo Magro	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Sítio Arqueológico Rio da Várzea 01	Campo Mourão	PR	Sítio lítico.
Sítio Arqueológico Rio da Várzea 02	Campo Mourão	PR	Sítio lítico.
Pontal José Osãowski	Candói	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Celeiro Márcio Cocuginski	Candói	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Plantação José Osãowski Sobrinho	Candói	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Novo Rodeio I	Candói	PR	Aldeia de Tradição Itararé.
Do Mate	Candói	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Vaca Branca	Capanema	PR	

Ouro Azul	Capanema	PR	Sítio lítico.
Acampamento UHE Salto Caxias	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio cerâmico
Córrego Tigrinho 2	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna.
Joy	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico
são Luís	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio cerâmico
Córrego Laranjeira 2	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico.
Ponte Alta	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Córrego Leãozinho	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Guarani.
Vista Alta	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio em lage rochosa.
Torre 20	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Tupiguarani.
Sartori 2	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico.
Vão entre torres 16 e 17	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Tupiguarani.
Vão entre torres 14 e 15	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio de populações caçadoras-coletoras da Tradição Bituruna, e outra sítio-oficina de grupos horticultores e ceramistas de Tradição Tupiguarani.
Doring	Capitão Leônidas Marques	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Água Suja	Carlópolis	PR	Sítio lítico.
Boca do Verde	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Colina do Pasto 1	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico
Colina do Pasto 2	Carlópolis	PR	Sítio lítico
Corredeira das Ilhas 1	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Corredeira das Ilhas 2	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Morro Alto	Carlópolis	PR	Sítio lítico
Praia de Areia 1	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Praia de Areia 2	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.

Praia de Areia 3	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Praia de Areia 4	Carlópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Segunda Correadeira	Carlópolis	PR	Sítio lítico
PR-CA-TORRE21	Cascavel	PR	Sítio lítico.
Vão entre torres 111 e 112	Cascavel	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Torre 115 LT525 Cascavel - Caxias	Cascavel	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Torre 127 LT525 Cascavel - Caxias	Cascavel	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Torre 121 LT525 Cascavel - Caxias	Cascavel	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara
Fazenda Cegonha	Centenário do Sul	PR	Sítio cerâmico de TradiçãoTupiguarani.
Ribeirão Rondon	Centenário do Sul	PR	Sítio cerâmico de TradiçãoTupiguarani.
Estrada Fazenda Turvo P768	Cerro Azul	PR	Sítio lítico
Mangueira Fazenda Turvo	Cerro Azul	PR	Sítio lítico
Altamir Desplanches	Cerro Azul	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Passarela Turvo	Cerro Azul	PR	Sítio lítico
Ribeirão Bonito I	Cerro Azul	PR	Sítio lítico
Ribeirão Bonito II	Cerro Azul	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Turvo Bonito	Cerro Azul	PR	Sítio lítico
Adilson Alves da Costa	Cerro Azul	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ponte do Ribeira 03	Cerro Azul	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
VAO ENTRE MA39 E 40 LT 525kV Foz-Cascavel	Céu Azul	PR	Sítio Cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
MA 39 LT 525kV Foz-Cascavel	Céu Azul	PR	Sítio de Tradição Humaitá, de caçadores-coletores.
MA 40 LT 525kV Foz-Cascavel	Céu Azul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Bunge 1	Céu Azul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Vutu 1	Céu Azul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Casa de Pedras	Chopinzinho	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu, Fase Iguaçu.
Lajeado Grande dos Índios	Chopinzinho	PR	Sítio habitação cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Porto Santa Maria	Chopinzinho	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Rio Luciano 1	Chopinzinho	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Luciano 2	Chopinzinho	PR	Sítio cerâmico deTradição Itararé, Fase Candói.
Rio Palmeirinha 1	Chopinzinho	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Rio Palmeirinha 2	Chopinzinho	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu, Fase Iguaçu.
Bandeirantes 1	Colorado	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Guarani.
Bandeirantes 3	Colorado	PR	
Bandeirantes 8	Colorado	PR	Sítio cerâmico
Rancho Mundo	Corbélia	PR	Sítio lítico.
Tourinho	Corbélia	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Rio Iratim 1	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.

Rio Iratim 2	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Athur Selk 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Jurez Lazarete 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Pedro Donner 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico e histórico com fragmentos de faiança de procedência nacional, século XX.
Pedro Donner 02	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio cerâmico e lítico
Antonio Celso 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Cemitério do Iratim	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
João Maria Donner 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Rio Iratim 4	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio cerâmico e lítico
Felisberto Martins 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pedro Frederico 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Lauzito 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Dona Querida	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Leozir Donner 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio cerâmico e lítico
Rio Iratim 3	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Córrego Alcantilado 01	Coronel Domingos Soares	PR	Sítio lítico.
Torre 047-2	Coronel Vivida	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Taquara-Itararé.

Torre 050-1	Coronel Vivida	PR	Sítio lítico.
Bertoldo Schinitzel	Cruz Machado	PR	Sítio lítico.
Linha Vitória	Cruz Machado	PR	Sítio lítico.
Linha Floresta	Cruz Machado	PR	Sítio lítico.
Limoeiro	Cruz Machado	PR	Sítio lítico.
Acampamento 1	Cruz Machado	PR	Sítio cerâmico
Acampamento 2	Cruz Machado	PR	Sítio lítico
Água do Prata	Cruz Machado	PR	Sítio lítico.
Arroio Guarani	Cruz Machado	PR	Sítio cerâmico
Cascatinha	Cruz Machado	PR	Sítio cerâmico
Encantado	Cruz Machado	PR	Sítio lítico
Ilha das Palmeiras	Cruz Machado	PR	
Linha Iguaçu	Cruz Machado	PR	Sítio lítico possivelmente casas subterrâneas.
Palmeirinha	Cruz Machado	PR	
Pontilhão	Cruz Machado	PR	Sítio cerâmico e lítico
Rio Palmital 1	Cruz Machado	PR	Sítio lítico
Rio Palmital 2	Cruz Machado	PR	Sítio lítico
Sofia	Cruz Machado	PR	Sítio lítico
Várzea Grande	Cruz Machado	PR	
Wur	Cruz Machado	PR	Sítio aterros.
GENEROSO 2	Cruzeiro do Iguaçu	PR	Acampamento.
GENEROSO 6	Cruzeiro do Iguaçu	PR	Sítio lítico.
Pirapó 15	Cruzeiro do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 18	Cruzeiro do Sul	PR	Sítio Lítico
Pirapó 17	Cruzeiro do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 23	Cruzeiro do Sul	PR	Sítio Lítico
Pirapó 24	Cruzeiro do Sul	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 25	Cruzeiro do Sul	PR	Ocorrência cerâmica isolada
Pirapó 27	Cruzeiro do Sul	PR	Sítio lítico
Córrego Pasão do Melo	Curitiba	PR	
Mata do Santana	Curitiba	PR	
Cemiterio de Indios de Curitiba	Curitiba	PR	
Arroio da Prensa-1	Curitiba	PR	
Arroio da Prensa-2	Curitiba	PR	
Arroio da Prensa-4	Curitiba	PR	
Arroio da Prensa-3	Curitiba	PR	
Duas Lagoas-1	Curitiba	PR	
Florestas das Imbuías	Curitiba	PR	
Duas Lagoas-2	Curitiba	PR	
Rio do Moinho	Curitiba	PR	
Canaã do Iguaçu-1	Curitiba	PR	
Canaã do Iguaçu-2	Curitiba	PR	
Córrego Aterrado	Curitiba	PR	
Bairro Alto	Curitiba	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Lavrinha.
Olaria Pellanda 1	Curitiba	PR	Sítio lítico
Olaria Pellanda 2	Curitiba	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Olaria Pellanda 3	Curitiba	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira.

Pinheiro	Curitiba	PR	Sítio cerâmico
Sanga	Curitiba	PR	Sítio cerâmico
Barraca das Antas I	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.01	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.02	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.03	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.04	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.05	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.06	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.CUR.INP.133 - das Araucárias	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
SPC.LT.MF.07	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.CUR.INP.022 - Caetê IV	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.135 - Lasca Vermelha	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.134 - Ombrófila do Caetê	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.136 - Córrego do Meio	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.131 - Águas do Meio	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.137 - Lagoa	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
SPC.LT.MF.08	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.09	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.10	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.019 - Caetê III	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.018 - Caetê II	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.130 - Ponte do Caetê	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.017 - Caetê I	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
PR.CUR.INP.138 - Fogão do Caetê	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
SPC.LT.MF.15	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.11	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
SPC.LT.MF.12	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.CUR.INP.139 - Torre II do Catê	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
SPC.LT.MF.13	Curiúva	PR	Sítio lítico
SPC.LT.MF.14	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Curiúva 3	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Curiúva 4	Curiúva	PR	Sítio lítico
Curiúva 1	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Curiúva 5	Curiúva	PR	Sítio cerâmico
Curiúva 2	Curiúva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Diamante do Norte	Diamante do Norte	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé.
Pesqueiro Barragem de Rosana	Diamante do Norte	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Guaraci.
Doutor Camargo II	Doutor Camargo	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá e cerâmico de Tradição Guarani.

doutor camargo I	Doutor Camargo	PR	Sítio lítico.
Corredeira da Égua 1	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Corredeira da Égua 2	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Fazenda Santa Rita 1	Doutor Camargo	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Fazenda Santa Rita 2	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico
Primeira Corredeira	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Primeira Ponte	Doutor Camargo	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Restaurante Ivaí 1	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Restaurante Ivaí 2	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Ruínas	Doutor Camargo	PR	Sítio histórico e cerâmico
Segunda Corredeira	Doutor Camargo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Ponte do Ribeira	Doutor Ulysses	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Taquara/Itararé.
Ilha do Turvo I	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Sítio Bairro do Sabino	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Rio Claro I	Doutor Ulysses	PR	
Rio Turvo II	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Rio Turvo I	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Bairro Sindicato	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Pedro Amâncio	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Sindicato 02	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Sindicato	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Assunguy 01	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Matão do Shema 02	Doutor Ulysses	PR	Sítio lítico
Assunguy 02	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Matão do Chembre	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Matão do Shema	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Barracão do Tigre	Doutor Ulysses	PR	
Cabeceira do Ribeirão do Tigre	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Boeirão do Tigre 05	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ribeirão 02	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico e lítico
Boeirão do Tigre 04	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Ribeirão	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Boeirão do Tigre	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Ponte do Ribeira 02	Doutor Ulysses	PR	Sítio cerâmico de tradição Taquara-Itararé.
Balsa Barra Preta	Engenheiro Beltrão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani.
Rio Claro 1	Engenheiro Beltrão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani

Salto das Bananeiras 1	Engenheiro Beltrão	PR	Sítio lítico
Salto das Bananeiras 3	Engenheiro Beltrão	PR	Sítio Lítico
Suçui 1	Engenheiro Beltrão	PR	Sítio cerâmico
LTCTBA-LESTE ST01	Fazenda Rio Grande	PR	Sítio cerâmico
Torre 221	Formosa do Oeste	PR	Sítio lítico.
Torre 227 LT230kV Cascavel a Umuarama	Formosa do Oeste	PR	Sítio lítico.
Torre 233	Formosa do Oeste	PR	Acampamento
PR-FO-Torre 233	Formosa do Oeste	PR	
Torre 225	Formosa do Oeste	PR	Sítio lítico.
Torre 219	Formosa do Oeste	PR	Sítio lítico.
Torre 234	Formosa do Oeste	PR	Sítio lítico.
Torre 146	Formosa do Oeste	PR	Sítio Lítico
Torre 203	Formosa do Oeste	PR	Sítio Lítico
Acaraí 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico a céu aberto. Tradição Pré-cerâmica, Fase Pirajuí.
Acaraí 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico a céu aberto. Tradição Pré-cerâmica, Fase Pirajuí.
Acaraí 5	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Fase Icaraima.
Agostine	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico.
Água Santa 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Água Santa 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Alto da Boa Vista 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Alto do Bela Vista 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Alto do Bela Vista 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Apepu	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Arroio 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio Fundo 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio Fundo 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio Santo Antonio	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Assuna	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Bananal	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani

Boca do Pirabitá	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Borevi 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Borevi 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Capoeira	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Caranguejeiras	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase não determinada.
Casa Abandonada	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ipacaráí.
Cataratas do Iguaçu	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Córrego Braço do Jacutinga 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Córrego Braço do Jacutinga 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Córrego da Piscina 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ipacaráí.
Córrego da Piscina 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Córrego da Piscina 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Dois Córregos	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Eixo da Barragem 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico composto por nove casas subterrâneas de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Eixo da Barragem 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico, composto por sete casas subterrâneas de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Fazenda Caçula	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Figueira 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Figueira 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Figueira 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Foz do Bela Vista 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Gattelli 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Gerhard	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Gerhard 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Gerhard 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Ilha Grande	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Fase Icaraima.
J. Icaráí 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico Fase Icaraima.
J. Icaráí 4	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Pirajuí.
Lagoa 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Lagoa 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Lakus 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Lakus 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Laranjal 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Laranjal 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Madereira	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.

Olaria 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Olaria 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Olho D'água	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Passo Cuê 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Passo Cuê 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Passo Cuê 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Passo Cuê 4	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Passo Cuê 5	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Passo Cuê 6	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Pedreira	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Pedreira do Rio Paraná	Foz do Iguaçu	PR	Sítio oficina lítica de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Pomba Coê 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Pomba Coê 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Ponte da Amizade	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Porto Estamato	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Porto Gomes 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Porto Gomes 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Porto Gomes 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ipacaraí.
Porto Palacim	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Porto Palacim 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Porto Palacim 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Potreiro	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Precendo 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Precendo 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Ranchinho	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Rio Almada 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Almada 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio Almada 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Fase Icaraíma.
Rio Chapeleira	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Pirajuí.
Rio Chapeleira 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Chapeleira 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Chapeleira 4	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.

Rio Guabiroba 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Guabiroba 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Mingau	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Rio Ocoí 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase não determinada.
Rosatto 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rosatto 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rosatto 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Rosatto 4	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Rosatto 6	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Rosatto 7	Foz do Iguaçu	PR	Sítio pré-cerâmico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí. Associado a material cerâmico da Tradição Neobrasileira, Fase Assuna
Rosatto 8	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ipacarái.
Rosatto 9	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rosatto 5	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Sanga Funda 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Sanga Funda 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé (?).
Sanga Funda 3	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé (?).
Sanga Funda 4	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Sanga Funda 5	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico com 2 casas subterrâneas de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Sanga Funda 6	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Taquapelingai	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Torre Metálica 2	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Torre Metálica 1	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Urutu	Foz do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Variatti	Foz do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Boa Vista I	Foz do Jordão	PR	
Boa Vista II	Foz do Jordão	PR	
Boa Vista III	Foz do Jordão	PR	
Boa Vista IV	Foz do Jordão	PR	
Boa Vista V	Foz do Jordão	PR	
Boa Vista VI	Foz do Jordão	PR	
Boa Vista VII	Foz do Jordão	PR	
Vaca Branca I	Foz do Jordão	PR	
Vaca Branca II	Foz do Jordão	PR	
Fundo de Vale	Francisção Beltrão	PR	Sítio lítico.
Petrópolis	Francisção Beltrão	PR	Sítio lítico.
Francisção Beltrão	Francisção Beltrão	PR	Sítio lítico.
Rio Santana 6	Francisção Beltrão	PR	Sítio lítico.

Rio Santana 5	Francisão Beltrão	PR	Sítio lítico.
Rio Santana 4	Francisão Beltrão	PR	Sítio lítico.
Arroio Taruri 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Arroio Taturi 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Arroio Taturi 3	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Arroio Taturi 4	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Córrego do Bananal	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Córrego do Meio	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Córrrego Pacitá	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Estaleiro 1	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna, Fase Vinitu.
Estaleiro 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Estaleiro 3	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna, Fase Vinitu.
Estaleiro 4	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Fernandez 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Fernandez 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Grande Ilha	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Ilha do Alemão 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, sítio de contato.
Ilha do Alemão 2	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Ilha do Valêncio	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani. Sítio histórico, Tradição Neobrasileira.
Ilha Pacu	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Ilhas Salto 14	Guaíra	PR	Sítio cerâmico
Japu 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Japu 2	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Marina 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Marina 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Marina 3	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Pacitá.
Parque das Sete Quedas	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Peça Isolada (doação)	Guaíra	PR	
Pomar	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.

Prainha 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani e sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Prainha 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Prainha 3	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Prainha 4	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Prainha 5	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Pacitá.
Prainha 6	Guaíra	PR	Sítio histórico de Tradição Espanhola.
Rápidos Santa Maria 1	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rápidos Santa Maria 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Capivari	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio Carumbeí	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio Carumbeí 3	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Carumbeí 4	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Rio Salamanca 1	Guaíra	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio Zororó 1	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio Zororó 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio Zororó 3	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Sete Quedas	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Pacitá.
Sete Quedas 2	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Sete Quedas 3	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Sete Quedas 4	Guaíra	PR	Sítio lítico
Sete Quedas 5	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Sete Quedas 6	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.D1624
Sete Quedas 7	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Pacitá.
Sete Quedas 8	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Pacitá.
Viveiro Florestal	Guaíra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Barra do Lajeado	Guamiranga	PR	Sítio lítico
Corredeira Grande 1	Guarapuava	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Corredeira Grande 2	Guarapuava	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu, Fase Iguçu.
Ponte Nova	Guarapuava	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Xagu.
Porto Fanol	Guarapuava	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Nº 035	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 069	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 075	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.

Nº 074	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 076	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 072	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 073	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 068	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 070	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 067	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Sambaqui 67	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 071	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 036	Guaraqueçaba	PR	
Nº 066	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 065	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 063	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 064	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 061	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 039	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 060	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 051	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 042	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 059	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 054	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 047	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 053	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 048	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 041	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 052	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 040	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 044	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 049	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 055	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 046	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 045	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 043	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 050	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 062	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 025	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 037	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 024	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 029	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 034	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 004	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 030	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 008	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.

Nº 007	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 003	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 005	Guaraqueçaba	PR	
Nº 028	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 001	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 031	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 002	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 027	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 026	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 006	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 010	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 009	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 015	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 012	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 011	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 017	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 014	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 018	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 016	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 019	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 013	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 022	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 023	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 032	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 033	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 021	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 056	Guaraqueçaba	PR	Sítio histórico: ruínas de construção civil de alvenaria de pedra.
Nº 057	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Nº 058	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui.
Sambaqui 44	Guaraqueçaba	PR	
Sambaqui do Esteiro	Guaraqueçaba	PR	Sambaqui e sítio histórico neobrasileiro.
dique d água usina eletrica moises luipion	Guaratuba	PR	patrimonio cultural edificado contruido com pedras
Sambaqui Cabeceiras do Bogaçu	Guaratuba	PR	Sambaqui.
Sambaqui do Martiniano	Guaratuba	PR	Sambaqui.
Clube Náutico	Ibiporã	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Pedreira Particular	Ibiporã	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Poço Bonito	Ibiporã	PR	Sítio cerâmico com enterramento de Tradição Tupiguarani.

Reserva Florestal 1	Ibiporã	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Reserva Florestal 2	Ibiporã	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ibiporã 09	Ibiporã	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani.
Córrego Jupιά	Icaraíma	PR	Sítio lítico e cerâmico.
PR.IM.INP.144 - Coqueiros V	Imbaú	PR	Sítio cerâmico
PR.IM.INP.143 - Coqueiros IV	Imbaú	PR	Sítio cerâmico
PR.IM.INP.142 - Coqueiros III	Imbaú	PR	Sítio cerâmico
PR.IM.INP.141 - Coqueiros II	Imbaú	PR	Sítio cerâmico
PR.IM.INP.140 - Fogueira I	Imbaú	PR	Sítio cerâmico
PR.IM.INP.021 - Coqueiros I	Imbaú	PR	Sítio cerâmico
Nhonho Morais	Inajá	PR	Sítio lítico de Fase Inajá.
Bom Retiro	Indianópolis	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
João Leite	Indianópolis	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Pontilhão	Indianópolis	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Sítio Geraldo	Indianópolis	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Itaguajé 01	Itaguajé	PR	Sítio lítico.
Acima da Corredeira 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Acima da Corredeira 2	Itaguajé	PR	Sítio lítico.
Algodão Seco	Itaguajé	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé.
Barragem Taquaruçu 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Loreto.
Barragem Taquaruçu 2	Itaguajé	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé.
Cor. Índia 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Cor. Índia 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Cor. Índia 3	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Grota Funda 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Grota Funda 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Ilha do Mutum	Itaguajé	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé.
Kentie 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Kentie 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Lagoa dos Paturis	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Lagoa dos Paturis 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Lagoa dos Paturis 3	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Leito Seco 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Leito Seco 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Leito Seco 3	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Leito Seco 4	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Masao 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Masao 2	Itaguajé	PR	Sítio lítico
Pequena Corredeira 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Pequena Corredeira 1-A	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Loreto.
Pequena Corredeira 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Pequena Corredeira 3	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico

Ponte do Rio Paranapanema	Itaguajé	PR	Sítio lítico a céu aberto de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé.
Réguas Níveis 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Réguas Níveis 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Réguas Níveis 3	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Reserva 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Reserva 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Ruínas de Loreto	Itaguajé	PR	Sítio histórico: redução jesuítica do século XVI.
Zé Souza 1	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Zé Souza 2	Itaguajé	PR	Sítio cerâmico
Zé Souza 3	Itaguajé	PR	Sítio lítico
Água da Onça 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Água da Onça 2	Itambaracá	PR	Sítio lítico.
Buracão	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Canalão 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Canalão 2	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Corredeira Pratão 1	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Corredeira Pratão 2	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Corredeira Tira Couro	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Córrego da Raposa 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Alegria	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Jatobá	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Pedra Branca 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Pedra Branca 2	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Pesqueiro 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Pesqueiro 2	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Pesqueiro 3	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Pontal do Cinzas	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Porto Galvão Segunda Corredeira 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Cambará.
Porto Galvão 7	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico e lítico
Porto Galvão 8	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico
Porto Galvão 9	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico e lítico
Porto Galvão Corredeira 7	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico
Porto Raul Marinho 1	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Porto Raul Marinho 2	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Recanto da Paz	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Rio das Cinzas	Itambaracá	PR	Sítio cerâmico com enterramentos em urna de Tradição Tupiguarani.
Taquaruçu	Itambaracá	PR	Sítio lítico
Itambé 1	Itambé	PR	
Ribeirão Marialva 1	Itambé	PR	Sítio lítico
Porto Velho	Itapejara d'Oeste	PR	Sítio lítico.
Icha	Itapejara d'Oeste	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Pari Rio Ivaí n. 5	Ivaí	PR	
Jazida do Jacaré	Jacarezinho	PR	Sítio lítico
Jacaré 1	Jacarezinho	PR	Sítio lítico
Água da Prata 3	Jacarezinho	PR	Sítio lítico

Água da Prata 1	Jacarezinho	PR	
Água da Prata 2	Jacarezinho	PR	
Ribeirão Ourinhos 2	Jacarezinho	PR	Sítio lítico
Ribeirão Ourinhos 1	Jacarezinho	PR	Sítio lítico
PR.AR.INP.025 - Faz. das Almas	Jaguariaíva	PR	Pintura rupestre
PR.JA.INP.020 - Matarazo	Jaguariaíva	PR	Pintura rupestre
Rio Bravo	Jaguariaíva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Jandaia do Sul 02	Jandaia do sul	PR	Sítio lítico.
Estrada Barra Preta	Jardim Alegre	PR	Sítio cerâmico Guarani
Porto Ubá	Jardim Alegre	PR	Sítio cerâmico Guarani
Balsa do Pirapó 1	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Balsa do Pirapó 2	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Balsa do Pirapó 3	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Balsa do Pirapó 4	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Barranco Limpo 1	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Barranco Limpo 2	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Corredeira dos Pinos Quebrados 1	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Corredeira dos Pinos Quebrados 2	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Corredeira dos Pinos Quebrados 3	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico e lítico
Córrego Patrão	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 1	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 1-A	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Loreto.
Pirapó 2	Jardim Olinda	PR	Sítio cerâmico
Reserva Florestal 1	Jataizinho	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Rio Verde I	Jesuítas	PR	Sítio lítico.
Rio Jacarezinho	Joaquim Távora	PR	Peça Isolada (cerâmica) . Tradição Tupiguarani.
Sítio da Fonte	Lapa	PR	Fonte de água coberta construída em 1888-1889.
Capão Bonito 1	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Capão Bonito 2	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Capão Bonito 3	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Capão Bonito 4	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Paredões	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Plantação de Fumo 1	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Plantação de Fumo 2	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Rio Capivari 1	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Rio Capivari 2	Lapa	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
ARROIO DO SUSÃO 2	Laranjal	PR	Sítio lítico.

RIO BRANCO 1	Laranjal	PR	Sítio lítico.
Barragem Santiago 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Barragem Santiago 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Córrego Barra Grande 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Xagu.
Córrego Barra Grande 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Dois Córregos	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu, Fase Iguçu.
Ilha Grande	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Lajeado da Erva 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Lajeado da Erva 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Porto Santana 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Porto Santana 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Barra Mansa 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Barra Mansa 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Xagu.
Rio Barra Mansa 3	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Bonito	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Indeterminada.
Rio Cavernoso 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Cavernoso 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Cavernoso 3	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Crim 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Rio Crim 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu, Fase Iguçu.
Rio Crim 3	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Rio Feio	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Rio Iguçu 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Rio Iguçu 2	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Xagu.
Rio Iguçu 3	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Indeterminada.

Rio Iguaçu 4	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Itararé (?), Fase Candói.
Rio Iguaçu 5	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu, Fase Iguaçu.
Rio Xagu 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Bituruna.
Santa Cruz	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Candói.
Santa Rosa	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Vau 1	Laranjeiras do Sul	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Xagu.
Lindoeste 1	Lindoeste	PR	Sítio lítico.
Lindoeste 2	Lindoeste	PR	Sítio lítico.
Torre 70	Lindoeste	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Vão entre torres 87 e 88	Lindoeste	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Vão entre torres 88 e 89	Lindoeste	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Torre 89	Lindoeste	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Torre 91	Lindoeste	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Pirapó 4	Lobato	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 3	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 36	Lobato	PR	Sítio lítico
Pirapó 35	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 21	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Salto Grande 03	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 20	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 22	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Salto Grande 02	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Bandeirantes 5	Lobato	PR	Sítio cerâmico e lítico
Bandeirantes 7	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Araçá 1	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Bandeirantes 2	Lobato	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Guarani.
Bandeirantes 4	Lobato	PR	
Bandeirantes 6	Lobato	PR	Sítio cerâmico e lítico
Colorado 1	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 12	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 13	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 14	Lobato	PR	Sítio Cerâmico e Lítico
Pirapó 28	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 29	Lobato	PR	Ocorrência cerâmica isolada
Pirapó 30	Lobato	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 32	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Potiguara 1	Lobato	PR	Sítio cerâmico
Sarandi 1	Lobato	PR	Sítio Cerâmico e Lítico
Sarandi 2	Lobato	PR	Sítio cerâmico

Londrina II	Londrina	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Londrina I	Londrina	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
RIBEIRÃO REMANSINHO I	Londrina	PR	Sítio cerâmico
Apucarantina I	Londrina	PR	Sítio cerâmico de tradição Tupiguarani, outros à tradição Itararé-Taquara
Guaravera 1	Londrina	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Guaravera 2	Londrina	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Sítio Thaís	Londrina	PR	Sítio Cerâmico de Tradição Guarani
Córrego do Baiano	Luiziana	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Itararé.
Lago Azul 2	Luiziana	PR	Sítio lítico.
Lago Azul 1	Luiziana	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Santa Terezinha 1	Lupionópolis	PR	Sítio cerâmico
Santa Terezinha 2	Lupionópolis	PR	Sítio lítico
Colônia 4	Mallet	PR	Sítio lítico
Gvak	Mallet	PR	Sítio cerâmico
Kochinski 1	Mallet	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Kochinski 2	Mallet	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Kochinski 3	Mallet	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Rio Braço do Potinga 1	Mallet	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Rio Braço do Potinga 2	Mallet	PR	Sítio lítico de Fase Potinga.
Serra do Tigre	Mallet	PR	Sítio lítico
Sítio da Figueira	Mamborê	PR	Sítio cerâmico
Mandaguari 01	Mandaguari	PR	Casas subterraneas
Rio dasãoças-6	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Rio dasãoças-5	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Rio dasãoças-4	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Rio dasãoças-1	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Ganchinho	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Rio dos Patos-3	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Rio dos Patos-1	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
Rio dos Patos -2	Mandirituba	PR	Sítio cerâmico
PR Mandirituba 01	Mandirituba	PR	Casas subterraneas
Barra do Rio Butiá 1	Mangueirinha	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna.
Barra do Rio Butiá 2	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Belao	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Cachoeira	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Campina Bela 1	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Campina Bela 2	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico, constituído por concentração única de material. Tradição Itararé.
Corredeira	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
da Barragem	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
do Monólito	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Fonte do Encantado	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Ilha Grande	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Rio Morro Verde	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Rio Portão 1	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Rio Portão 2	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico e aterro de Tradição Itararé.
Rio Vila Nova 1	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Rio Vila Nova 2	Mangueirinha	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.

Acampamento	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico.
Apepu	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Arroio Felicidade	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio Fundo 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio Guaçu 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Arroio Guaçu 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Arroio Pequeno	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Arroio São Luiz 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Arroio São Luiz 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Balneário São Francisco	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Barra do Lajeado São Cristovão	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Barra Sanga Alegre 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase não determinada.
Corredeira 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Corredeira 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Corredeira 3	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Corredeira 4	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.

Corredeira 5	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Córrego do Meio 3	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Estrada Fazenda Britânia	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Fazenda Biguá	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Lagoa Comprida	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Morro do Cone Truncado	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Petrônio-Cue	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Porto Britânia 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Porto Britânia 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Porto Mendes	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio Branco	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio Coqueiro 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio Coqueiro 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio Facão Torto 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio Facão Torto 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio Facão Torto 3	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.

Rio Facão Torto 4	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio São Francisco Verdadeiro 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 10	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 11	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 12	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 13	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 14	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 15	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 16	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio São Francisco Verdadeiro 17	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio São Francisco Verdadeiro 19	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio São Francisco Verdadeiro 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 3	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Rio São Francisco Verdadeiro 4	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio São Francisco Verdadeiro 5	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio São Francisco Verdadeiro 6	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.

Rio São Francisco Verdadeiro 8	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Rio São Francisco Verdadeiro 9	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Salto Lajeado São Cristovão	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Salto São Francisco Verdadeiro	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico a céu de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Sanga Porvenir 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Sanga Povenir 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé
São Francisco Verdadeiro 18	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Serraria	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico a céu de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Três Lagoas	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Vale Seco 1	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Vale Seco 2	Marechal Cândido Rondon	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Keller III	Marialva	PR	Sítio lítico.
Keller I	Marialva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Keller II	Marialva	PR	Sítio cerâmico e lítico
Marialva 01	Marialva	PR	Sítio lítico.
Marialva 02	Marialva	PR	Sítio lítico.
Ribeirão Keçaba	Maringá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani.
LOMA 6	Maringá	PR	Sítio lítico.
guidine II	Marmeleiro	PR	Sítio lítico.
GUIDINI I	Marmeleiro	PR	Sítio lítico.
Tolotti 1	Marmeleiro	PR	Sítio lítico.
Tolotti 2	Marmeleiro	PR	Sítio lítico.
Polisello 2	Marmeleiro	PR	Sítio lítico.
Polisello 1	Marmeleiro	PR	Sítio lítico.
Polisello 3	Marmeleiro	PR	
LOMA 3	Marumbi	PR	Sítio histórico (fazenda)
MV 23 LT 525kV Foz-Cascavel	Matelândia	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.

ACEsão A MV 24 LT 525kV Foz-Cascavel	Matelândia	PR	Sítio de Tradição Umbu, de caçadores-coletores.
ST -LTLAR - 01	Matelândia	PR	Sítio lítico.
Sambaqui da Reflorestadora BANESTADO - 1	Matinhos	PR	Sambaqui.
Sambaqui da Reflorestadora BANESTADO - 2	Matinhos	PR	Sambaqui.
Laura Olinik	Mato Rico	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Tupiguarani
Paulo Olinik	Mato Rico	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Foz Cascavel 3	Medianeira	PR	Sítio lítico
Foz Cascavel III	Medianeira	PR	
MA 21 LT 525kV Foz-Cascavel	Medianeira	PR	Sítio ceramico de Itararé-Taquara.
Corredeira de Ferro 1	Mirador	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Corredeira de Ferro 2	Mirador	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Porto de Areia 1	Mirador	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Porto de Areia 2	Mirador	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Porto de Areia 3	Mirador	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Igreja de são Sebastião do Porto de Cima	Morretes	PR	Edificação possui dois momentos de construção, a primeira no século XVIII e outra no final do século XIX.
Igreja são Benedito	Morretes	PR	Construída no final do século XIX pela Irmandade de são Benedito, possui diversas estruturas e sepultamentos.
Casa Rocha Pombo	Morretes	PR	A casa é um bem tombado pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, desde 19 de julho de 1973.
Torre 140 LT230kV Cascavel a Umuarama	Nova Aurora	PR	Sítio lítico.
Acesão Torre 146 LT230kV Cascavel a Umuarama	Nova Aurora	PR	Sítio lítico.
Torre 227	Nova Aurora	PR	Sítio Lítico
Toninho PCH Cantu 1	Nova Cantu	PR	Sítio cerâmico
Fazenda Santa Luzia	Nova Cantu	PR	Sítio cerâmico
Vau Fazenda Santa Luzia	Nova Cantu	PR	Sítio cerâmico
Vau Vale Cantu	Nova Cantu	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Fazenda Vale Cantu	Nova Cantu	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Curva do Cantu - 1	Nova Cantu	PR	Sítio cerâmico
Curva do Cantu - 2	Nova Cantu	PR	Sítio cerâmico
Curva do Cantu - 3	Nova Cantu	PR	Sítio histórico de Tradição Neobrasileira
Fazenda Cachoeirão	Nova Cantu	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Lajeado Preto	Nova Cantu	PR	Sítio lítico.
Curva Cantu - 4	Nova Cantu	PR	
Corredeira Jukowski	Nova Cantu	PR	Sítio lítico.
Pari Índios Jukowski	Nova Cantu	PR	Sítio lítico e cerâmico.
Rio Santo Rei - 2	Nova Cantu	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Itararé.
RIO CANTU 3	Nova Cantu	PR	Sítio lítico e cerâmico.

Ribeirão Corredeira Lisa 1	Nova Fátima	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Corredeira Lisa 2	Nova Fátima	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Corredeira Lisa 3	Nova Fátima	PR	Sítio lítico
Eixo da Barragem	Nova Prata do Iguazu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Nova Itacolomi	Novo Itacolomi	PR	
Nova Itacolomi	Novo Itacolomi	PR	
Ortigueira 108	Ortigueira	PR	Casas subterraneas
ortigueira 109	Ortigueira	PR	Casas subterraneas
PR.OR.FNK.002 - Estaleiro	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.003 - Enforcado	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.014 - Estaleiro II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.001 - Cruzo	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.015 - Arenoso	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.009 - Campina V	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.008 - Campina IV	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.007 - Campina III	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.006 - Campina II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.010 - Campina VI	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.004 - Campina	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.019 - Leira	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.020 - Ramal 1	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.016 - Cascavel	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.021 - R1	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.022.R1 - Campina I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OT.LTK.017 - Arvorezinha	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.023.R1 - Campina II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.018 - Garimpo	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.024.R1 - Campina III	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.025.R1 - Campina IV	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.LTK.026.R1 - Campina V	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.LTK.027.R1 - Campina VI	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.069.Pyn I	Ortigueira	PR	Sítio lítico
PR.OR.FNK.070.Pyn II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.071.Fág Kry I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.072.Fág Kry II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.073.Fág Kry III	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.074.Jaquarana I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.075.Jaquarana II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.076.Gangavo	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.077.Arami	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico
PR.OR.FNK.078.Mrúhe Tãnh Kane	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.079.Krygryg	Ortigueira	PR	Sítio lítico
PR.OR.FNK.080.Apé	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.081.Lomba	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.082.Amanacy	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.083.Echar	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.084.Imbaú I	Ortigueira	PR	Sítio lítico
PR.OR.FNK.085.Imbaú II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico

PR.OR.FNK.086.Imbaú III	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.087.Goj Jonh	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.088.Epry Mag I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.089.Epry Mag II	Ortigueira	PR	Sítio lítico
PR.OR.FNK.090.Fág I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.091.Fág II	Ortigueira	PR	Casas subterraneas
PR.OR.FNK.092.Góg	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.093.Hoghog	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.094.Ycam	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.095.Pánónh Kykyv	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.096.Kănan	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.097.Goroçaia	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.098.Macadami	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.099.Kysă I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.100.Kysă II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.101.Kănhgri I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.102.Kănhgri II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.103.Kănhgri III	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.104.Kănhgri IV	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.105.Gir	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.106.Re	Ortigueira	PR	Casas subterraneas
PR.OR.FNK.107.Kruko	Ortigueira	PR	Casas subterraneas
PR.OR.FNK.108.Kiki I	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.109.Kiki II	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.110.Kiki III	Ortigueira	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.OR.FNK.111.Kiki IV	Ortigueira	PR	Sítio lítico
Bandeirantes do Sul 1	Ourizona	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Bandeirantes do Sul 2	Ourizona	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Fazenda Oito Fios	Ourizona	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Polidores do Condor	Ourizona	PR	Sítio oficina lítica de Fase Condor da Tradição Tupiguarani.
Rio Condor	Ourizona	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Rio Condor 2	Ourizona	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Rio Condor 3	Ourizona	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Rio Condor 4	Ourizona	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Rio Condor 5	Ourizona	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Rio Condor 6	Ourizona	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Rio Condor 7	Ourizona	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Cemitério dos Caboclos	Paiçandu	PR	Cemitério
Barra do Lajeado	Palmas	PR	Sítio lítico
Barra do Rio Butiá 3	Palmas	PR	Sítio cerâmico e sítio lítico de Tradição Itararé/Bituruna(?)/Iguaçu.
da Fogueira	Palmas	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
da Sanga	Palmas	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé/Iguaçu(?).
do Pontilhão	Palmas	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna.
Fazenda Don José	Palmas	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.

Sete Ilhas	Palmas	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Água Clara	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Caboclo	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Neobrasileira, Fase Lavrinha.
Fundão 1	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Fundão 2	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Fundão 3	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Monjolinho	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 1	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Santa Bárbara 10	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 11	Palmeira	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica.
Santa Bárbara 12	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 13	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 2	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Santa Bárbara 3	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Santa Bárbara 4	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 5	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Santa Bárbara 6	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 7	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé, Fase Açungui.
Santa Bárbara 8	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Santa Bárbara 9	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Três Morros 1	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Três Morros 2	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Três Morros 3	Palmeira	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Água 19-1	Paraíso do Norte	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Condor.
Água 19-2	Paraíso do Norte	PR	Sítio lítico.
Cerâmica Consalter	Paraíso do Norte	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.

Corredeira da Égua	Paraíso do Norte	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Tamboara.
Eucaliptal	Paraíso do Norte	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.
Rancho Leôncio 1	Paraíso do Norte	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Umuarana.
Rancho Leôncio 2	Paraíso do Norte	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Umuarana.
Pirapó 10	Paranacity	PR	Sítio cerâmico
RIO PIRAPÓ V	PARANACITY	PR	
Sítio Foz dos Bandeirantes 1	Paranacity	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 7	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 16	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 11	Paranacity	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 31	Paranacity	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 33	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 34	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 5	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 6	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pirapó 8	Paranacity	PR	Sítio cerâmico
Pirapó 9	Paranacity	PR	Sítio cerâmico e lítico
Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres	Paranaguá	PR	Fortaleza edificada em 1767, constituída por cinco lances de muralhas em cantaria, praça de armas, pátio (onde situa-se a capela). Tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1938.
Ilha do Guararema	Paranaguá	PR	Sítio histórico. Tradição Neobrasileira.
Navio Naufragado praia do miguel	Paranaguá	PR	
Pocinho	Paranaguá	PR	Sítio histórico de Tradição Neobrasileira.
Ribeirão	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Rio das Pedras	Paranaguá	PR	Sítio cerâmico
Sambaqui da Ilha do Curralzinho 1	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Sambaqui do Centenário	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Sambaqui Ilha do Guararema	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Sambaqui M-1	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Sambaqui M-2	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Sambaqui M-3	Paranaguá	PR	Sambaqui.
Sítio Cerâmico da Ilha do Curralzinho	Paranaguá	PR	Sítio cerâmico
Vila Embogaçu	Paranaguá	PR	Sítio cemitério de Tradição Tupiguarani.
RIO PIRAPÓ II	PARANAPOEMA	PR	Sítio cerâmico
RIO PIRAPÓ III	PARANAPOEMA	PR	Sítio cerâmico
RIO PIRAPÓ I	PARANAPOEMA	PR	Sítio cerâmico
RIO PIRAPÓ V	PARANAPOEMA	PR	

Fazenda Santo Antonio 1	Paranavaí	PR	Sítio lítico
Fazenda Santo Antonio 2	Paranavaí	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna.
Fazenda Santo Antonio 3	Paranavaí	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Santo Antonio 4	Paranavaí	PR	Sítio lítico
Fazenda Santo Antonio 5	Paranavaí	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Coroa de Frade	Paranavaí	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Rondinha	Paula Freitas	PR	Sítio lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO JUST 1	Peabiru	PR	Sítio lítico.
Arroio da Divisa	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Arroio Feio 1	Pinhão	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna.
Arroio Feio 2	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Arroio Feio 3	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Arroio Feio 4	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Arroio Feio 5	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Barra do Rio Estreito	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Campo Bonito I	Pinhão	PR	
Campo Bonito II	Pinhão	PR	
Campo Bonito III	Pinhão	PR	
Campo Bonito IV	Pinhão	PR	
Coral	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Córrego Passo do Aterrado	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
das Palmeiras	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
do Pendente	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Rio Butiazinho	Pinhão	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna.
Santo Antão 1	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Santo Antão 2	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Sítio do Depósito	Pinhão	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Visconde IV	Pinhão	PR	
Fazenda Sobrado	Pinhão	PR	
Tupi I	Pinhão	PR	
Visãonde III	Pinhão	PR	Sítio lítico.
Visãonde II	Pinhão	PR	Sítio lítico.
Visãonde I	Pinhão	PR	Sítio cerâmico
Silvano	Piraí do Sul	PR	Pintura rupestre
PR.AR.INP.014 - Caxambu	Piraí do Sul	PR	Sítio Histórico
Abrigo das Bromélias	Piraí do Sul	PR	Abrigo sob rocha com presença de arte rupestre.
Piraí do Sul	Piraí do Sul	PR	Sítio cerâmico e lítico
Paranapiacaba	Piraí do Sul	PR	Sítio Histórico
Cachoeira do Ivo	Piraí do Sul	PR	Sítio cerâmico e histórico
Rio Piraquara 1	Piraquara	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu.
Rio Piraquara 2	Piraquara	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira.
Pitanga 4	Pitanga	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pitanga 01	Pitanga	PR	Sítio lítico.
Pitanga 3	Pitanga	PR	Sítio lítico.
Pitanga 2	Pitanga	PR	Sítio lítico.
Boa Vista	Ponta Grossa	PR	Sítio histórico
Cravo	Ponta Grossa	PR	Sítio cerâmico e lítico
Barra Bonita I	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico
Barra Bonita II	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico
Barra Bonita III	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico

Conceição I	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico
Conceição II	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico
Abrigo Morro do Castelo	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico.
Abrigo sob Rocha Cambiju	Ponta Grossa	PR	Sítio lítico.
Lavrinha	Ponta Grossa	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Lavrinha.
TPPP-02	Pontal do Paraná	PR	Sítio cerâmico e lítico
TPPP-01	Pontal do Paraná	PR	Sítio cerâmico e lítico
TPPP-03	Pontal do Paraná	PR	Sítio Histórico
Afloramento de Meláfiro	Porecatu	PR	Sítio lítico.
Barra do Ribeirão do Tenente 1	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Barra do Ribeirão do Tenente 2	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Córrego do Retiro 1	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Córrego do Retiro 2	Porecatu	PR	Sítio lítico
Córrego do Salto 1	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Córrego do Salto 2	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Ilha da Ponte	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ribeirão Centenário do Sul 1	Porecatu	PR	Sítio lítico
Ribeirão Centenário do Sul 2	Porecatu	PR	Sítio lítico
Ribeirão do Tenente 1	Porecatu	PR	Sítio lítico
Ribeirão do Tenente 2	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Santa Luiza	Porecatu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Prainha	Porto Vitória	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Rio Jangada 6	Porto Vitória	PR	
Pari Rio Ivaí n. 6	Prudentópolis	PR	
Pari Rio Ivaí n. 8	Prudentópolis	PR	
Pari Rio Ivaí n. 4	Prudentópolis	PR	
Pari Rio Ivaí n. 3	Prudentópolis	PR	
Pari Rio Ivaí n. 1	Prudentópolis	PR	
PR QB 01	Quatro Barras	PR	Casas subterraneas
Rio Florestal 1	Quatro Barras	PR	Sítio cerâmico
Rio Florestal 2	Quatro Barras	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Quedas do Iguaçu I	Quedas do Iguaçu	PR	Sítio lítico.
Quedas do Iguaçu II	Quedas do Iguaçu	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Taquara-Itararé.
Quedas do Iguaçu III	Quedas do Iguaçu	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Taquara-Itararé.
Rio Mourão 1	Quinta do Sol	PR	Sítio Cerâmico de Tradição Guarani
Fazenda Garcia 1	Rancho Alegre	PR	Sítio de aterros de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Garcia 2	Rancho Alegre	PR	Sítio de aterros de Tradição Tupiguarani.
Lagoa do Jacaré	Rancho Alegre	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani
Lagoa Pequena	Rancho Alegre	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani
Kives	Realeza	PR	Sítio lítico.
Nossa Senhora de Lourdes I	Realeza	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Vertedouro	Realeza	PR	Sítio lítico de Tradição Bitutuna.
Barro Mole	Renascença	PR	Sítio lítico.

Acampamento 1	Ribeirão Claro	PR	Sítio cerâmico e lítico
Corredeira da Ilha	Ribeirão Claro	PR	Sítio cerâmico e lítico
Estradinha 1	Ribeirão Claro	PR	Sítio cerâmico e lítico
Estradinha 2	Ribeirão Claro	PR	Sítio cerâmico e lítico
Estradinha 3	Ribeirão Claro	PR	Sítio lítico
Ribeirão Claro	Ribeirão Claro	PR	Sítio lítico e cerâmico
Ribeirão Claro 2	Ribeirão Claro	PR	Abrigo sob rocha
Ribeirão Claro 3	Ribeirão Claro	PR	Sítio lítico e cerâmico
Porto Espanhol	Rio Branco do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Fazenda 700	Rio Branco do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Rio Branco do Ivaí - 2	Rio Branco do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Rio Branco do Ivaí - 1	Rio Branco do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Rio Branco	Rio Branco do Sul	PR	Sítio cerâmico
Brejal 1	Rio Branco do Sul	PR	Sítio lítico
Brejal 2	Rio Branco do Sul	PR	Sítio histórico constituído basicamente por forno de argila.
Água do Sapateiro	Salto do Itararé	PR	Sítio lítico.
Barra do Farturinha 2	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Barra do Farturinha 3	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Cidade do Salto do Itararé	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ilha do Paredão	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Ribeirão do Marimbondo 2	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Salto do Itararé 1	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Salto do Itararé 12	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico e lítico
Salto do Itararé 13	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Salto do Itararé 2	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Salto do Itararé 3	Salto do Itararé	PR	Sítio lítico a céu aberto.
Serra dos Pais 2	Salto do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Areal 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Areal 2	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Brejo Seco	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Cafezal 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Cafezal 2	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Ibirajé, Fase Corrugada.
Carretão	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Corredeira	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Córrego Caminho Verde 1	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ipacará.
Córrego Caminho Verde 2	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Tatuí.

Córrego Caminho Verde 3	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ipacará.
Córrego do Meio 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Córrego do Meio 2	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Córrego Lageado 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Córrego Lageado 2	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Fazenda Caburé 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Fazenda Caburé 2	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Lagoa Seca	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Lajeado Progresso	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Porto Verde	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Rio Dois Irmãos	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Rio São Vicente Chico	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
Santa Helena	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé, Fase Cantu.
São Francisco 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
São Francisco 2	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
São Francisco 3	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
São Francisco 4	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
São Francisco 5	Santa Helena	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Sítio da Mata	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Trigal 1	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Trigal 2	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Uru	Santa Helena	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira, Fase Assuna.
Água Clara 1	Santa Inês	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Loreto.
Água Clara 2	Santa Inês	PR	Sítio lítico.
Ribeirão Santa Inês	Santa Inês	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé.
Torre 36	Santa Lúcia	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Tupiguarani.
Vão entre torres 55 e 56	Santa Lúcia	PR	Sítio de população horticulturalas e ceramistas de Tradição Itarapé.
Barra do Farturinha 1	Santana do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Fazenda Água das Três Canoas	Santana do Itararé	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.

Fazenda Água do Fartura	Santana do Itararé	PR	Sítio cerâmico
Fazenda Água do Fartura 2	Santana do Itararé	PR	Sítio cerâmico e lítico
Água do Palmital	Santo Antônio da Platina	PR	Sítio lítico
Caxambu	Santo Antônio da Platina	PR	Sítio lítico
Barra Mansa	Santo Antônio da Platina	PR	
Jacaré 2	Santo Antônio da Platina	PR	Sítio lítico
Fazenda Angelus	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Dona Amélia 1	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Dona Amélia 2	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Dona Amélia 3	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Dona Amélia 4	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Dona Amélia 5	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Porto Angelim 1	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico com enterramentos em urnas de Tradição Tupiguarani.
Porto Angelim 2	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Porto Angelim 3	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio lítico
Rio Caiuá 1	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Rio Caiuá 2	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Rio Caiuá 3	Santo Antônio do Caiuá	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ápio 1	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ápio 2	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ápio 3	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Colônia Indígena de Santo Inácio	Santo Inácio	PR	Sítio histórico
Fazenda Bela Vista	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Pau d'Alho 1	Santo Inácio	PR	Sítio lítico
Fazenda Pau d'Alho 2	Santo Inácio	PR	Sítio lítico
Fazenda Pau d'Alho 3	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Fazenda Pau d'Alho 4	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Lagoa 1	Santo Inácio	PR	Sítio lítico de Tradição Bituruna, Fase Itaguajé.
Lagoa 2	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Redução de Santo Inácio Menor	Santo Inácio	PR	Sítio histórico de construções jesuítica fundada em 1610.

Ribeirão Santo Inácio	Santo Inácio	PR	Sítio histórico de Tradição Neobrasileiro, Jesuítica de Santo Inácio Menor.
Rio das Antas	Santo Inácio	PR	Sítio lítico
Rio Duas Barras	Santo Inácio	PR	Sítio cerâmico de TradiçãoTupiguarani.
Sítio Cebolão	Santo Inácio	PR	Sítio histórico de Tradição Neobrasileiro, associado à Redução Jesuítica de Santo Inácio Menor.
T.I. Barão de Antonina 4	São Jerônimo da Serra	PR	
T.I. Barão de Antonina 1	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico Guarani, sobre cemitério Kaingang
T.I. Barão de Antonina 11	São Jerônimo da Serra	PR	Abrigo sob rocha
T.I. Barão de Antonina 13	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio Lítico, sob antiga aldeia Kaingang
T.I. Barão de Antonina 14	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 16	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 17	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 18	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 19	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 20	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 21	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 22	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 23	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 3	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani
T.I. Barão de Antonina 5	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico Kaingang, sobre sítio cerâmico Guarani
T.I. Barão de Antonina 6	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico Guarani sob cermitério Kaingang
T.I. Barão de Antonina 7	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani
T.I. Barão de Antonina 8	São Jerônimo da Serra	PR	3 Abrigos sob rocha
T.I. Barão de Antonina 9	São Jerônimo da Serra	PR	Abrigo sob rocha
são Jerônimo da Serra IV	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani e lítico
são Jerônimo da Serra V	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani

são Jerônimo da Serra VI	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani e lítico
são Jerônimo da Serra VII	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani e lítico
T.I. Barão de Antonina 10	São Jerônimo da Serra	PR	Abrigo sob rocha
T.I. Barão de Antonina 2	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico
T.I. Barão de Antonina 15	São Jerônimo da Serra	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Barão de Antonina 12	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico Kaingang , com cemitério, sobre sítio Guarani
são Jerônimo da Serra VIII	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Taquara-Itararé e lítico
são Jerônimo da Serra III	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Taquara-Itararé e lítico
são Jerônimo da Serra II	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio cerâmico de Tradição Taquara-Itararé e lítico
são Jerônimo da Serra I	São Jerônimo da Serra	PR	Sítio lítico
Perardt	são João	PR	Sítio lítico.
Zanin	são João	PR	Sítio lítico.
Corredeira Foz do Santana	são João	PR	Sítio lítico.
São Pedro do Ivaí	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico
Corumbataí I	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Corumbataí II	São João do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Corumbataí III	São João do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Corumbataí IV	São João do Ivaí	PR	
Corumbataí V	São João do Ivaí	PR	Sítio lítico e com material histórico como louças
Luar	São João do Ivaí	PR	Sítio com material histórico
Corumbataí VI	São João do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Abacateiro	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Bambu	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Pé Vermelho	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ivaí I	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ivaí II	São João do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ivaí III	São João do Ivaí	PR	
Taquaruçu 1	São João do Triunfo	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Guajuvira.
Taquaruçu 2	São João do Triunfo	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani, Fase Imbituva.
Nézio 1	São José da Boa Vista	PR	Casas subterrâneas
Nézio 2	São José da Boa Vista	PR	Sítio com 4 casas subterrâneas de Tradição Itararé
Nézio 3	São José da Boa Vista	PR	Sítio com 4 casas subterrâneas e 3 aterros de Tradição Itararé
Vitorino 1	São José da Boa Vista	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.

Vitorino 2	São José da Boa Vista	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Vitorino 3	São José da Boa Vista	PR	Sítio cerâmico e lítico com enterramento de Tradição Tupiguarani.
Vitorino 4	São José da Boa Vista	PR	Sítio cerâmico e lítico com enterramento de Tradição Tupiguarani.
PR.SJBV.INP.023 - Faz. Ramela	São José da Boa Vista	PR	Sítio cerâmico
Alameda das Araucárias	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira.
Arroio do André	São José dos Pinhais	PR	Sítio lítico habitação de Tradição Umbu.
Campo do Assobio	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira.
Capão	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Fazenda Céu Azul	São José dos Pinhais	PR	Sítio lítico
Pinheiro da Divisa 1	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Pinheiro da Divisa 2	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Represa Seca 1	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira.
Represa Seca 2	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Rio Pequeno 1	São José dos Pinhais	PR	Sítio lítico de Tradição Umbu.
Rio Pequeno 2	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
Rio Pequeno 3	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico de Sítio cerâmico de Tradição Itararé e lítico de Tradição Umbu.
Sítio Arqueológico Cachoeira dos Pinhais	São José dos Pinhais	PR	Sítio Histórico
Sítio Arqueológico Afonso Pena III	São José dos Pinhais	PR	Sítio lítico de tradição Umbu.
Sítio Arqueológico Histórico Afonso Pena II	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico e histórico com louças, vidros e rochas, misturados a material recente.
Sítio Arqueológico Histórico Afonso Pena I	São José dos Pinhais	PR	Sítio Histórico
Colônia Malhada 1	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico
Capão Grosão-2	São José dos Pinhais	PR	Sítio lítico
Capão Grosão-1	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico
Capão Grosão III	São José dos Pinhais	PR	Sítio Histórico
Gamelas 1	São José dos Pinhais	PR	Sítio cerâmico

Barro Preto	São José dos Pinhais	PR	
Murici	São José dos Pinhais	PR	
Miringuava	São José dos Pinhais	PR	
Papanduva	São José dos Pinhais	PR	Sítio Histórico
Estrutura escavada Pinheiro seco	São José dos Pinhais	PR	
Estrada de Pedra	São José dos Pinhais	PR	Estrada dos Jesuítas
Potinga	São Mateus do Sul	PR	Sítio lítico
Paiol Grande	São Mateus do Sul	PR	Sítio lítico
Nhapindazal	São Mateus do Sul	PR	
Serelepe	São Mateus do Sul	PR	
Sanga da Onça	São Mateus do Sul	PR	
Pinheiral	São Mateus do Sul	PR	Casas subterraneas
Cedrinho	São Mateus do Sul	PR	
Erveiras	São Mateus do Sul	PR	
Sassafrás	São Mateus do Sul	PR	Casas subterraneas
Rio das Pedras-3	São Mateus do Sul	PR	
Rio das Pedras-4	São Mateus do Sul	PR	
Rio das Pedras-1	São Mateus do Sul	PR	
Rio das Pedras - 2	São Mateus do Sul	PR	
Arroio	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasielira, Fase Assuna.
Fazenda Água Grande 1	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Fazenda Água Grande 2	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Fazenda Água Grande 3	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Itacorá.
Fazenda Dona Carlota 1	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Fazenda Dona Carlota 2	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.

Fazenda Dona Carlota 3	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Fazenda Dona Carlota 4	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Itavó	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Humaitá, Fase Pirajuí.
Paineira	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Palmeira	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Palmeira Caída	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico
Pesqueiro 1	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Ibirajé.
Pesqueiro 2	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Sarandi.
Rio Ocoí 1	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Vinitu.
Rio Ocoí 2	São Miguel do Iguaçu	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase não determinada. Com reduções espanholas.
Sítio Arqueológico Bom sucesso III	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico
Ivaí VII	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Cambará	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Cambará I	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico
Ivaí VIII	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Sítio Arqueológico São Pedro do Ivaí IX	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Ivaí X	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
São Pedro do Ivaí VI	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Ivaí XI	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Barbacena I	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Ivaí XII	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ivaí XIV	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
Ivaí XV	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO SPI VIII	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
São Pedro	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico

são Pedro do Ivaí II	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio lítico.
são Pedro do Ivaí IV	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
são Pedro do Ivaí I	São Pedro do Ivaí	PR	Sítio cerâmico e lítico
Arara Vermelha	São Pedro do Paraná	PR	Sítio lítico
Fazenda São Pedro	São Pedro do Paraná	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Sítio da Arara Vermelha 2	São Pedro do Paraná	PR	Sítio lítico
Sítio das Lanchas 1	São Pedro do Paraná	PR	Sítio lítico
Sítio das Lanchas 2	São Pedro do Paraná	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Sítio das Lanchas 3	São Pedro do Paraná	PR	Sítio cerâmico de Tradição Neobrasileira
Abrigo Vida Nova	Sapopema	PR	Abrigo
Adutora 1	Sapopema	PR	Sítio lítico
Adutora 3	Sapopema	PR	Sítio lítico
Adutora 2	Sapopema	PR	Sítio lítico
Torre 007-1	Saudade do Iguaçu	PR	Sítio lítico.
Torre 014-3	Saudade do Iguaçu	PR	Sítio lítico.
Fazenda Paranaense	Sengés	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Paulo Durão 1	Sertanópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Paulo Durão 2	Sertanópolis	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Tamarana 01	Tamarana	PR	Sítio lítico.
Tamarana 03	Tamarana	PR	Sítio cerâmico e lítico
T.I. Apucarana Pari 14	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 12	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana	Tamarana	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani.
T.I. Apucarana 09	Tamarana	PR	Sítio lítico
T.I. Apucarana Pari 8	Tamarana	PR	
T.I. Apucarana Pari 11	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 5	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana 4	Tamarana	PR	Abrigo sob rocha
T.I. Apucarana Pari 1	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana 08	Tamarana	PR	Sítio lítico
T.I. Apucarana 07	Tamarana	PR	Oficina de polimento lítico
T.I. Apucarana 10	Tamarana	PR	Sítio lítico
T.I. Apucarana 11	Tamarana	PR	Sítio cerâmico
T.I. Apucarana 2	Tamarana	PR	Sítio cerâmico de Tradição Guarani

T.I. Apucarana 3	Tamarana	PR	Sítio cerâmico
T.I. Apucarana 5	Tamarana	PR	Abrigo sob rocha
T.I. Apucarana 6	Tamarana	PR	Oficina de polimento lítico
T.I. Apucarana Pari 10	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 13	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 2	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 3	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 4	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 7	Tamarana	PR	Armadilha de pesca em forma de V, feita com pedras, denominada Pari
T.I. Apucarana Pari 9	Tamarana	PR	
PR.TB.FNK.057.Ta	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.FNK.056.Kóho	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.FNK.055.Kri Kótónhgu	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.FNK.054.Jätã	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.028 - Caieira I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.LTK.029 - Caieira II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.FNK.063.Ga Rur	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.LTK.030 - Estreito I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.LTK.031 - Estreito II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.FNK.052.Ga Tar	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.058.Sikré I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.059.Sikré II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.061.Fãfãñ	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.060.Sikré III	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.032 - Atol	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.051.Pinky Ga	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.033 - Pedreira I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico

PR.TB.FNK.062.Ka Nón Ti	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.TLK.034 - Pedreira II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.050.Nija	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.049.Toto	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico
PR.TB.FNK.064.Pó Riko I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.065.Pó Riko II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.048.Venh Hãghã	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.066.Pó Riko III	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.067.Pó Riko IV	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.068.Pó Riko V	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.FNK.047.Kutigte	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.035 - Pinheiro I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.036 - Pinheiro II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.037 - Machado I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.038 - Machado II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.040 - Pindó II	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.039 - Pindó I	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.041 - Pindó III	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.042 - Pindó IV	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.043 - Acampamento	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.044 - Cipó	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.045 - Quati	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.LTK.046 - Cruz. Imbaú	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR.TB.KL.001 - Subestação Klabin	Telêmaco Borba	PR	Sítio cerâmico e lítico
Ponte sobre Ivaí	Terra Boa	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Ivaí.

Água Santa Luzia	Terra Rica	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Itaguajé
Calango	Terra Rica	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Ponta do Milharal	Terra Rica	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani, Fase Guaraci.
Prainha	Terra Rica	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Cerradinho Santa Rosa	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Pinheiro Seco	Tibagi	PR	Sítio cerâmico e lítico
PR-TI-03/97	Tibagi	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani
ST-UHETBMON-03	Tibagi	PR	Sítio cerâmico
PR TI 04/97	Tibagi	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani
Abrigo Iberá 1	Tibagi	PR	
Abrigo Iberá 2	Tibagi	PR	
Abrigo Rio Quati 1	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Rio Quati 2	Tibagi	PR	Abrigo
Abrigo Ponte Alta	Tibagi	PR	
PR TI 08/97	Tibagi	PR	Abrigo sob rocha com presença de arte rupestre.
Abrigo Igreja Velha	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo dos Taques	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Lapa Igreja Velha	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Rio do Sabão 2	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Rio do Sabão 1	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Tamanduá	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Iapó 1	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Casa de Pedra A	Tibagi	PR	
Abrigo Casa de Pedra B	Tibagi	PR	
Abrigo da Palmeira	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Sonho Meu 1	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Sonho Meu 2	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Mainardes	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Alojamento Quartelá 1	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Alojamento Quartelá 2	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Doralice	Tibagi	PR	Abrigo
Abrigo Mirante	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Ponte de Pedra	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Lapa Ponciano	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Lapa Floriano	Tibagi	PR	Pintura rupestre
Abrigo Cachoeira Bico de Pato 1 e 2	Tibagi	PR	
Abrigo Iapó 3	Tibagi	PR	
Sítio Cachoeira do Ribeirão	Tomazina	PR	
Caquizeiro	Tunas do Paraná	PR	Sítio lítico
Arauco	Tunas do Paraná	PR	Casas subterrâneas
PCH Confluência 5	Turvo	PR	Sítio de populações ceramistas e agricultoras Itararé.
PCH Confluência 6	Turvo	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé.
José Bonetti 1	Turvo	PR	Sítio lítico de tradição Umbú e ceramistas e agricultoras da tradição Tupiguarani.

José Bonetti 2	Turvo	PR	
PCh Confluência 2	Turvo	PR	Aldeia de Tradição Itararé.
PCH Confluência 4	Turvo	PR	Aldeia de Tradição Itararé.
Sítio Confluência 4	Turvo	PR	
Sítio Confluência 2	Turvo	PR	
PCH Confluência 1	TURVO	PR	Aldeia de Tradição Itararé.
Sítio Confluência 3	Turvo	PR	
PCH Confluência 3	Turvo	PR	Aldeia de Tradição Itararé.
Aterro do Pasto	Ubiratã	PR	Sítio aterros.
Aterro Tiburtius	Ubiratã	PR	Sítio aterros.
Campo de Futebol	Ubiratã	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Itararé.
Carajá 1	Ubiratã	PR	Sítio cerâmico e lítico constituído por seis casas subterrâneas e três aterros. Tradição Itararé.
Carajá 2	Ubiratã	PR	Casas subterrâneas
Carajá 3	Ubiratã	PR	Aterro circular
Carajá 4	Ubiratã	PR	Aterro circular
Estrada da Cantareira	Ubiratã	PR	Sítio cerâmico e lítico, constituído por casa subterrânea de Tradição Itararé.
Milonguita	Ubiratã	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Pé de Galinha	Ubiratã	PR	Sítio cerâmico e lítico de Tradição Tupiguarani.
Pirambóia	Ubiratã	PR	Sítio lítico (oficina)
SINOP 1	Ubiratã	PR	
SINOP 2	Ubiratã	PR	Sítio lítico
Córrego Piava	Umuarama	PR	Sítio lítico.
Ribeirão Corimbatá	Umuarama	PR	Sítio lítico.
Abrigo Bruacas	União da Vitória	PR	Abrigo
Abrigo sob rocha Casa de Pedra	União da Vitória	PR	Abrigo
Bogugelski	União da Vitória	PR	Sítio lítico de Fase Iguaçu.
Cachoeiras	União da Vitória	PR	Sítio cerâmico
Córrego União	União da Vitória	PR	Sítio cerâmico
Cruz Machado - Palmeirinha	União da Vitória	PR	Sítio lítico
Elevatório de Água	União da Vitória	PR	Sítio cerâmico de Tradição Tupiguarani.
Kavales	União da Vitória	PR	Sítio lítico de Fase Iguaçu.
Passo do Iguaçu	União da Vitória	PR	Sítio lítico de Fase Iguaçu.
Ribeirão Barra Funda	União da Vitória	PR	
Rio da Prata	União da Vitória	PR	
Último Pinheiro	União da Vitória	PR	Sítio lítico de Tradição Pré-cerâmica, Fase Bituruna.

Vargem Grande	União da Vitória	PR	Petróglifos.
Lago Seco	União da Vitória	PR	Sítio cerâmico e lítico
Perich	União da Vitória	PR	Sítio lítico.
Dissenha	União da Vitória	PR	Sítio lítico.
Pirapó 26	Uniflor	PR	Sítio cerâmico
Ribeirão Fazenda 1	Uraí	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Ventania 1	Ventania	PR	Sítio lítico
Ventania II	Ventania	PR	Sítio histórico
Arnold	Verê	PR	Sítio lítico e cerâmico de Tradição Taquara-Itararé.
Lagoa Bonita I	Virmond	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Paulo Svarcz	Virmond	PR	Sítio de caçadores-coletores de Tradição Umbu, e a mais recente por ceramistas Itararé-Taquara.
Mário Cocuginski I	Virmond	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara, e cerâmica Tupiguarani.
Portão Acesão PCH Cavernoso	Virmond	PR	Sítio de caçadores-coletores de Tradição Umbu, e a mais recente por ceramistas de Tradição Itararé-Taquara.
Canaã de Desvio PCH Cavernoso	Virmond	PR	Sítio de caçadores-coletores de Tradição Umbu, e a mais recente por ceramistas Itararé-Taquara.
Ludovico Cocuginski	Virmond	PR	Sítio cerâmico de Tradição Itararé-Taquara.
Fasenda Tamanduá	Wenceslau Braz	PR	Sítio lítico e cerâmico

FICHA DE ATIVIDADE

O churrasco lá de casa

(professor)

02

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 6o. ano

Componente curricular: História.

Disciplina correlacionada:

Língua Portuguesa; Artes; Matemática; Geografia; História.

Objetivo

Incentivar os alunos a observação do uso do espaço, comprando as casas atuais com as casas subterrâneas Kaingang.

Comparar as áreas onde são realizadas as atividades de culinária, os locais onde comem, caçam ou compram os alimentos.

Introduzir os conceitos da cultura Kaingang de aldeamento, construção das casas, etc.

Desenvolvimento da Atividade

Prepare um ambiente confortável para que as crianças possam estudar em suas carteiras.

Distribua para cada aluno o material.

Explique que as figuras representam a planta baixa de casa atual e de uma casa subterrânea dos Kaingang.

Observar, junto aos alunos, os locais onde serão colocadas as figuras, tais como: a churrasqueira, a fogueira, os alimentos, a mesa, as pessoas, etc. Observe que tanto a fogueira quanto a churrasqueira ficam no lado de fora da casa. Converse com os alunos os motivos dessa espacialização. Outro exemplo está relacionado às atividades que os homens, as mulheres e as crianças ocupam durante o churrasco; o churrasco é feito sempre ou em alguma data comemorativa? Todas essas perguntas devem compor o raciocínio da atividade. Fale sobre a forma de vida, tipo de construção, clima, floresta, caça, lavoura realizada pelas mulheres e crianças, etc.

Inicie a atividade com o recorte das figuras, pedindo aos alunos que coloque-as em cada ambiente (casa) que acreditam estar relacionadas, com perguntas.

Material

- Casas subterrâneas, casas atuais e figuras para recortar (anexo para impressão em A4)
- Tesoura
- Cola

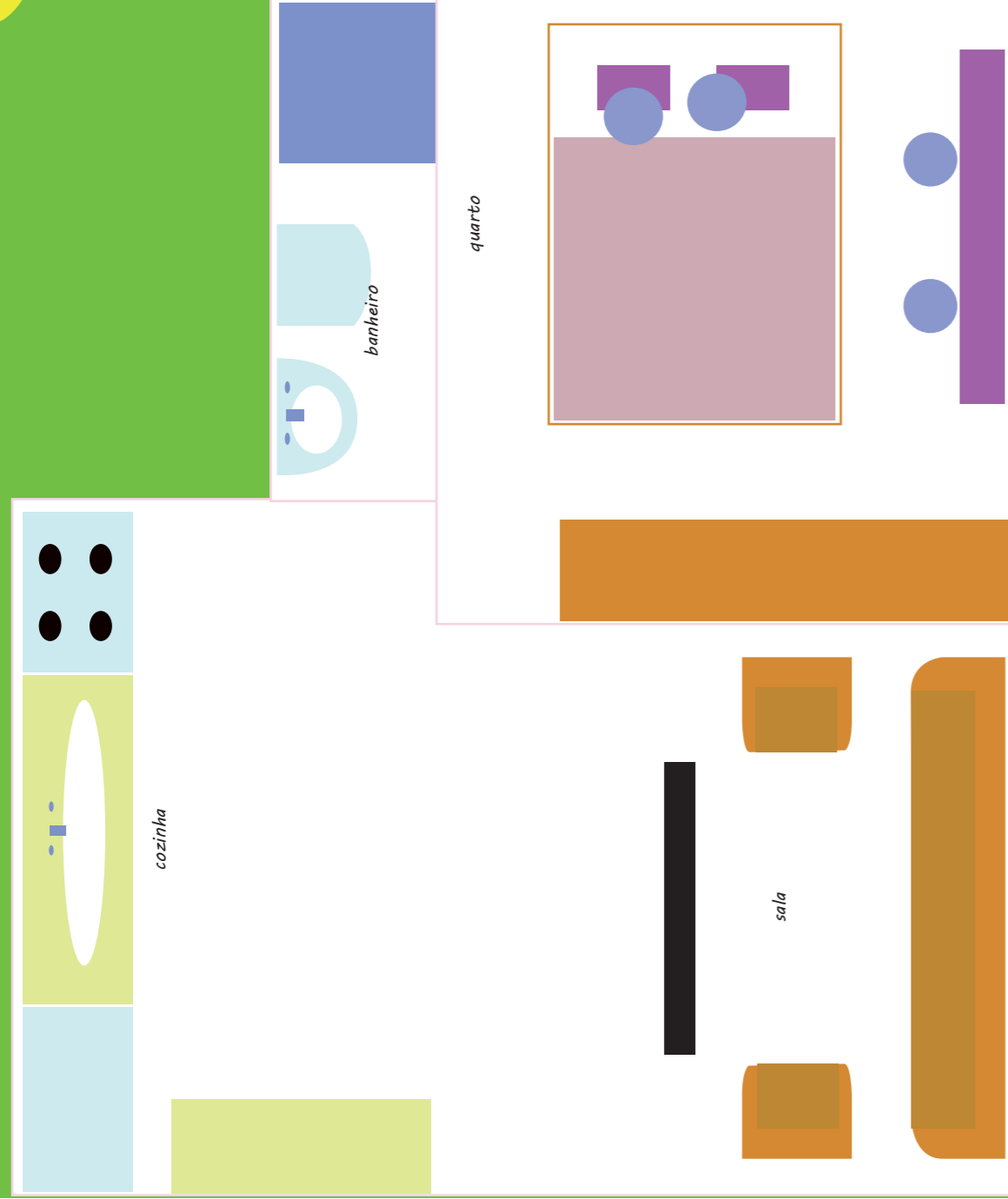
Sugestões

- Leitura do livro *Coisas De Índio*, do autor Daniel Munduruku.

Perguntinhas

- 1) Onde os indígenas conseguem os alimentos?
- 2) Onde conseguimos os alimentos?
- 3) Onde fica a churrasqueira e onde fica a fogueira? Porque?
- 4) Onde comem?
- 5) Onde ficam as crianças, as mulheres e os homens em cada ambiente?
- 6) O que é igual entre os dois modos de vida?
- 7) O que é diferente entre os dois modos de vida?

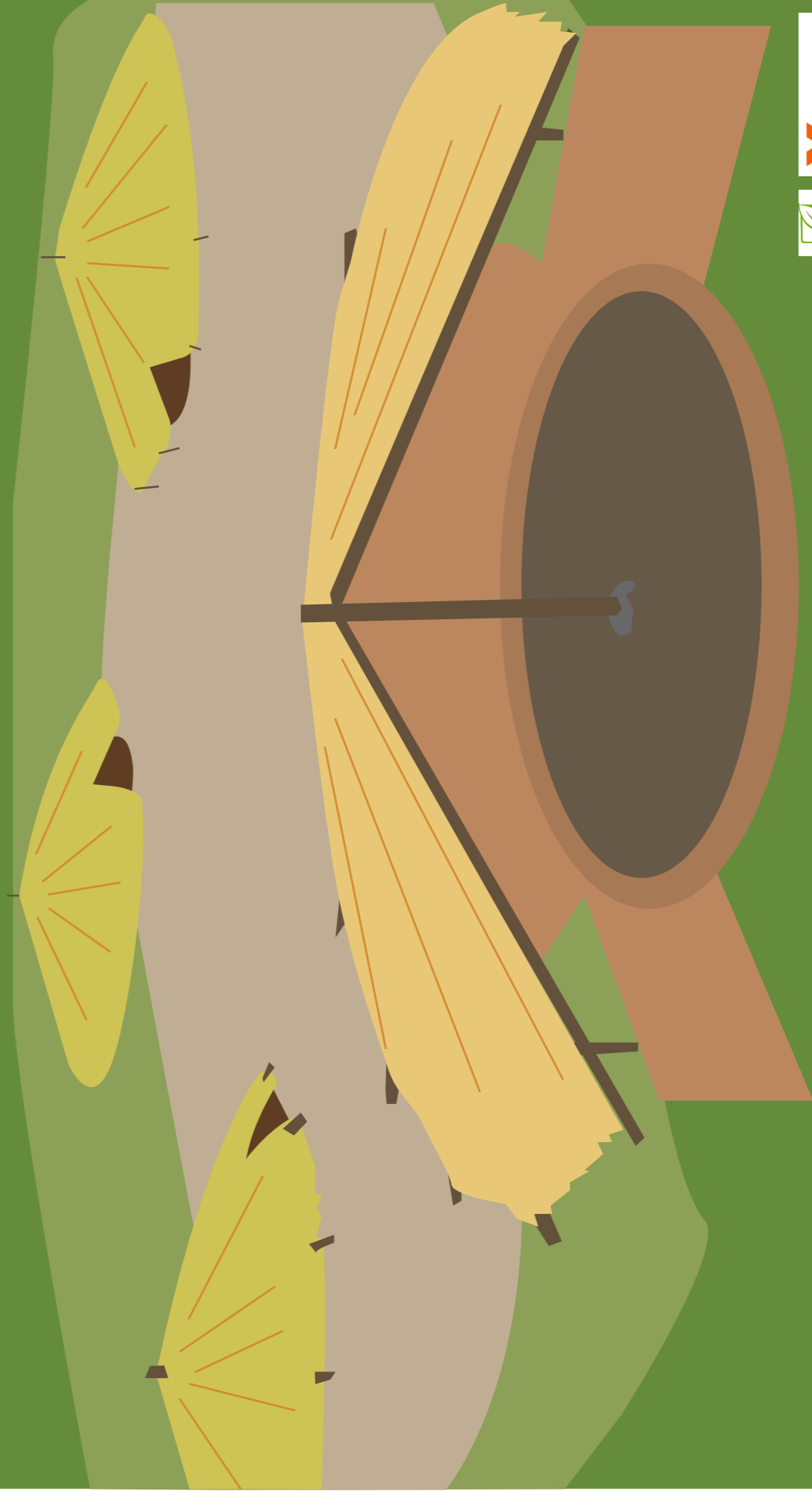
CASAS ATUAIS



Elaboração
Angelica Moreira e Carla Pequini



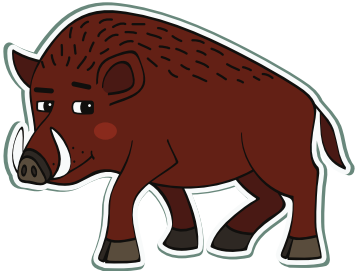
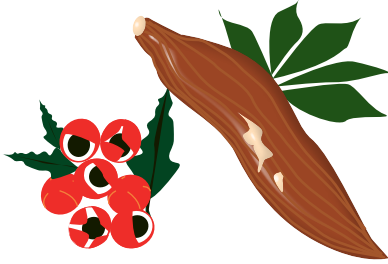
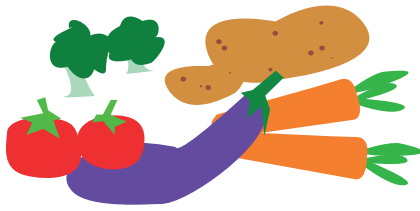
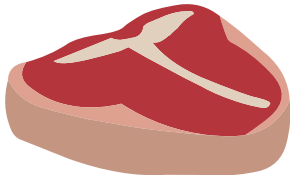
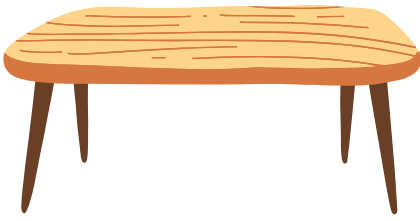
CASAS SUBTERRÂNEAS



Elaboração
Angelica Moreira e Carla Pequini



RECORTE AS FIGURINHAS



FICHA DE ATIVIDADE

Gabinete de Curiosidades

(professor)

03

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 6o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia, Artes.

Objetivo

Apresentar como a Arqueologia iniciou, pelo colecionismo em gabinetes particulares. Demonstrar como eram coletadas e guardadas as coleções antigamente versus atualmente, em museus para visitação de todos. A oficina visa incentivar os alunos a criarem seus próprios gabinetes de curiosidades.

Material

- Cartolina
- Lápis de cor ou canetinha
- Cola branca
- Fotos de objetos pessoais

Desenvolvimento da Atividade

O gosto de colecionar objetos é tão antigo quanto o Homem e ao longo dos tempos existiram vários tipos de colecionadores e coleções.

A grande maioria dos museus teve seu início em coleções que foram sendo reunidas durante os séculos XVI e XVII, nos chamados “Gabinetes de Curiosidades” ou “Quartos das Maravilhas”.

A maioria desses espaços era constituída por objetos raros ou nunca antes vistos, que eram levados à Europa, em grande parte, de terras e locais que os exploradores e viajantes faziam suas viagens.

Essas coleções podiam ser formadas por plantas ou animais “exóticos”, obras de arte, instrumentos científicos colecionados e reunidos por reis e nobres.

Estimule os alunos a pensarem porque eram chamados assim?; quem pensou em criar esses gabinetes?; que tipo de curiosidades e maravilhas poderiam ser vistos

nesses locais?; quem tinha acesso a eles?; de quais lugares vinham esses objetos que os viajantes e exploradores levavam para a Europa?

Pergunte aos alunos se eles possuem alguma coleção ou ainda se algum familiar tem ou teve em sua infância alguma coleção. Depois, peça que eles desenhem ou coletem fotos de objetos que gostariam de compor seu próprio gabinete de curiosidades.



Seu nome:

Seu Ano/Sala:

Seu professor:

Meu
Cartão de
Identidade

ATIVIDADES 7º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

História em Quadrinhos

(professor)

01

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 7o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia, Artes.

Objetivo

Demonstrar o trabalho de pesquisa de dados e desenvolvimento da parte artística através de linguagem atual, com a criação de personagens (avatar).

Material

- Cartolina
- Lápis preto
- Borracha
- Lápis de cor e/ou canetinha
- Papel almaço sem pauta
- Régua

Desenvolvimento da Atividade

Auxiliar os alunos na pesquisa em fontes secundárias e, caso haja possibilidade, em fontes primárias, para compor uma breve história sobre a origem da cidade, considerando os povos originários e sítios arqueológicos. Dividir a história em pequenos trechos para compor cada quadro.

Auxiliar na criação dos personagens (avatar), iniciando pelos principais, a partir da história de cada aluno. A atividade pode ser feita individualmente ou em grupo.

Fazer a divisão das folhas, a partir dos da divisão do texto, criando um rascunho.

Após todo o rascunho montado, com o texto e as ilustrações, passar de para outra folha o produto final.

Realizar uma exposição dos trabalhos finais em sala de aula e na escola, com a divulgação de um mural.

Este mural poderá também ser virtual, podendo ser apresentado nas redes sociais dos alunos, professores e escola.

FICHA DE ATIVIDADE

Terrário Sambaqui

(professor)

02

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 7o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Matemática, Geografia, Artes

Objetivo

Conhecer como é o trabalho do (a) arqueólogo (a) a partir da descoberta de vestígios. Pesquisar dados sobre sambaquis.

Material

- Caixa de sapatos
- Canjica
- Pincel
- Barbante
- Durex ou fita crepe
- Objetos (ossos de galinha secos, pedaços de cerâmica, rochas simulando material lítico, contas de decoração)
- Papel quadriculado
- Cola branca

Desenvolvimento da Atividade

A arqueologia estuda a história a partir dos vestígios materiais, ou seja, de tudo aquilo que nós, humanos, construímos e criamos para sobreviver. Contudo, para entendermos melhor como os povos viviam, esses vestígios precisam estar bem conservados e mantidos nos seus lugares. Vários fatores podem destruir um sítio arqueológico, como, agricultura, construção de estradas, ferrovias e casas, construção de usinas, torres e cidades. Sendo assim, todos os empreendimentos no Brasil devem passar por uma análise anterior à construção, para que a história desses povos que viveram aqui não seja perdida.

Dentre os vários tipos de sítios arqueológicos brasileiros podemos salientar os Sambaquis, encontrados em todo o litoral brasileiro, inclusive no litoral paranaense.

Auxilie na pesquisa sobre os Sambaquis (o que são, onde se encontram e quais os tipos de artefatos encontrados neles). Tente reproduzir um Sambaqui utilizando os objetos contidos nos materiais acima.

Coloque os objetos dentro das caixas e cubra com canjica (que simulará as conchas de um Sambaqui).

Após uma apresentação do que é arqueologia, distribua o material individual ou coletivamente. Caso estejam fazendo em casa, peça para que outra pessoa coloque o material e o cubra, sem que o aluno veja. Siga o passo-a-passo proposto.

Sugestão:

Essa atividade fica mais legal quando os professores de matemática, língua portuguesa, desenho, geografia e história fazem juntos, cada qual colocando o conteúdo programado dentro da atividade.

Mostre aos alunos o jogo desenvolvido pela USP que demonstra o cotidiano dos povos coloniais brasileiros: <http://www.arise.mae.usp.br/san>

O que significa a palavra Arqueologia?

Etimologicamente, a palavra "arqueologia" surgiu da junção de dois termos gregos: *archaios*, que significa "passado" ou "antigo"; e *logos*, que quer dizer "ciência" ou "estudo"; assim sendo, arqueologia significa "ciência que estuda o passado" ou "ciência que estuda o antigo".

Arqueologia e Paleontologia estudam as mesmas coisas?

Não. A Arqueologia estuda o passado humano através dos vestígios deixados pelas populações. Os objetos antigos são encontrados principalmente através de escavações, nos chamados "sítios arqueológicos".

Já a Paleontologia é uma ciência que estuda os aspectos da vida na Terra em períodos geológicos passados, utilizando como principais objetos de análises os fósseis de animais e vegetais que habitaram essas épocas.

O Patrimônio Arqueológico é um bem da União (ou seja de todos).

Pesquise onde aparece essa Lei.

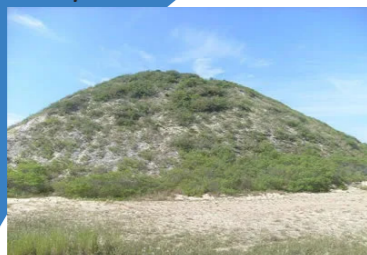
Constituição Federal do Brasil (1988) Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O que é um Sambaqui?

Os sambaquis são sítios arqueológicos deixados por povos pré-históricos que habitavam a costa brasileira de 7 a 8 mil anos atrás, muito antes dos Tupiguaranis. Esses sítios são geralmente compostos por ossos de peixes, pássaros e mamíferos, além de conchas de moluscos e outros materiais orgânicos. Também podem conter enterramentos de pessoas e ser um local para rituais.

Os concheiros, como também são chamados os sambaquis, medem, no Brasil, entre 2 e 20 metros de altura, podendo chegar a 100 metros de diâmetro.



Quais são os diferentes tipos de sítios arqueológicos?

Sítios com material cerâmico de diversas etnias; com material lítico (instrumentos feitos a partir de rochas); com material lítico e cerâmico; sambaquis; sítios mais recentes com louça, vidro, material de construção de casas, metal, etc; sítios de sepultamentos; sítios aldeias, sítios submersos (onde se faz a arqueologia subaquática; sítios abaixo das cidades (arqueologia urbana); entre tantos outros.

VAMOS ESCAVAR?

1a etapa

Em uma caixa com canjica branca, coloque objetos inteiros ou quebrados.

2a etapa

Troque a caixa com um amigo. Faça o esquadramento da caixa com o barbante e o durex, a cada 10 centímetros.

3a etapa

Utilize o pincel, com cuidado, para não tirar os objetos do lugar. Apenas retire a areia de cima do objeto.

4a etapa

Registre em uma folha quadriculada exatamente como está vendo os objetos. Tire uma boa foto, com vista de cima. Descreva na parte de trás da folha quadriculada o que está vendo e como fez a descoberta.

5ª etapa

Retire os objetos e tente montá-los.

6ª etapa

Qual foi o objeto que você encontrou?
Desenhe o objeto reconstruído.

7ª etapa

Por último, preencha a ficha técnica do objeto:

O que é? _____

Qual a sua medida? _____

Qual a cor? _____

Do que é feito? _____

Para que serve? _____

Quem poderia ter feito? _____

Observações _____

Seu nome:

Seu Ano/Sala:

Seu professor:

FICHA DE ATIVIDADE

Criação de Jogo da Memória

(professor)

03

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 7o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Geografia, Artes

Objetivo

Estimular a pesquisa sobre os diferentes artefatos arqueológicos, bem como, dinâmica de criação de um jogo da memória.
Auxiliar no desenvolvimento de tarefas relacionadas aos alunos das séries anteriores (interação entre classes e idades).

Material

- Cola branca
- Papel sulfite
- Cartolina
- Lápis preto
- Lápis colorido e/ou canetinha
- Impressão dos artefatos (dois de cada)
- Tesoura
- Saquinho para colocar o jogo da memória

Desenvolvimento da Atividade

Auxilie na pesquisa sobre os diferentes tipos de artefatos arqueológicos, tentando resgatar questões como datação, fabricante, função, formas, matéria-prima de fabricação, técnica de fabricação, etc.

Após a realização da pesquisa, auxilie na impressão imagens dos artefatos (sempre duas impressões iguais) ou ainda, proponha que os alunos façam desenhos representativos.

Divida uma folha de cartolina em quadradinhos iguais e peça que insiram as figuras formando o jogo. Peça que recortem o jogo e coloque-o no saquinho.

Como forma de interação entre séries, ofereça os jogos ao 1o. ano do Ensino Fundamental. Peça que os alunos mais velhos expliquem as regras aos mais novos.

Posteriormente, peça que os alunos que realizaram os jogos assistam os alunos das séries anteriores jogando e, façam um relatório descritivo da atividade, contendo: percepções, interação entre os participantes, reconhecimento do material pelos jogadores, entre outros.

ATIVIDADES 8º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Mural do Café e Outros

(professor)

01

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 8o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Geografia, Biologia, Artes.

Objetivo

Demonstrar o trabalho de pesquisa de dados e desenvolvimento da parte artística através de linguagem atual, com a criação de um mural.

Material

- Cartolina
- Lápis preto
- Borracha
- Lápis de cor e/ou canetinha
- Figuras impressas sobre a agricultura local
- Régua

Desenvolvimento da Atividade

Orientar os alunos na pesquisa em fontes secundárias e, caso haja possibilidade, em fontes primárias, sobre a utilização do uso do solo na cidade para fins agrícolas. As fontes podem remeter ao plantio de café, soja, aveia, cultura familiar e até pecuária. Auxiliar na criação de um mural contendo a pesquisa, figuras, fotos, grãos - lembrando sempre de citar todas as fontes mesmo nas fotos. Como produto final, disponibilizar um mural físico na escola e digital nas redes sociais.

FICHA DE ATIVIDADE

Cards Arqueológicos

(professor)

02

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 8o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Geografia, Artes, *Internet*.

Objetivo

Demonstrar o trabalho de pesquisa arqueológica através de dados e desenvolvimento da parte artística através de linguagem atual, com a criação de *cards*.

Material

- Programa de celular e/ou computador (ex. *Canva*)

Desenvolvimento da Atividade

Orientar os alunos na pesquisa em fontes secundárias sobre o trabalho arqueológico (levantamento bibliográfico, prospecção, observação da paisagem, resgate, monitoramento, laboratório, educação patrimonial).

Auxiliar na criação de *cards* contendo a pesquisa.

Apresentação em *cards* informativos para os demais alunos da escola e publicação nas redes sociais da escola, Secretaria de Educação do Estado do Paraná ou outros locais indicados pela comunidade escolar.

Dica:

Verifique se os alunos já possuem **conhecimento** sobre como realizar os *cards* através de celulares e programas de computador, como o *Canva*. Pergunte se alguém sabe fazer e peça que explique aos demais, como forma de interação.

A atividade também pode ser realizada em grupo.

FICHA DE ATIVIDADE

Quem sou? (professor)

03

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 8o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Geografia, Artes, *Internet*.

Objetivo

Estimular a percepção do processo histórico, os lugares e a passagem do tempo a partir do próprio nascimento do aluno e dos familiares próximos como os responsáveis diretos pelo adolescente e as demais pessoas do seu convívio familiar.

Buscar a reflexão sobre o papel sociocultural enquanto indivíduo, tendo em vista a transição neste período da adolescência.

Material

- Folhas de sulfite, lápis de cor, lápis preto e borracha para desenhar a árvore da família.
- Fotos e documentos das pessoas que compõem o núcleo familiar, responsáveis pela criança, tios, avós, pais, irmãos e dos próprios alunos.

Desenvolvimento da Atividade

Solicitar aos alunos que conversem com os familiares sobre a história deles e peçam para ver (caso haja) fotos das pessoas que compõe o núcleo familiar. Pode ser fotos e histórias dos avós, pais, irmãos ou demais pessoas que convivem com o adolescente. Solicitar aos alunos que tragam fotos, cópias de documentos como certidões de nascimento ou do RG. Peça que pesquisem com os familiares a trajetória familiar no Brasil e fora dele, atentando para a questão da diversidade de cada membro da família. Sugira que tentem obter informações de parentes mais antigos. Na sala de aula, trabalhar com os alunos as interações entre pessoas, grupos sociais, profissionais, étnicos, ou mesmo grupos vinculados à arte, música, religião, etc.

Sugestão

A partir dos dados levantados poderão pesquisar os locais por onde os membros da família passaram, as dificuldades da trajetória, como cada integrantes acabou se conhecendo, entre outros.

Poderá ainda ser executado um mural na escola para que outros alunos possam ver se existem integrantes da família que se correlacionam.

ATIVIDADES 9º ANO

FICHA DE ATIVIDADE

Mapa da História

(professor)

01

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 9o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Geografia, Artes, *Internet*.

Objetivo

Estimular a percepção do processo de construção de um mapa a partir de dados levantados sobre a história do local.

Material

- Folhas de sulfite
- Lápis de cor, lápis preto
- Canetinha para contorno
- Borracha
- Cartolina ou folha A3
- Papel vegetal

Desenvolvimento da Atividade

A primeira atividade é propor que pensem em algo que queiram contar a partir de um levantamento de dados, correlacionados com dados geográficos. Exemplo: histórias de terror (tema que nesta idade é bem popular). A partir do tema elencado, pesquisar com diversas pessoas, as diferentes histórias. No momento da entrevista, o ideal é que façam em grupo, sendo um participante com gravador ou celular, outro com máquina fotográfica e outro escrevendo os dados em cadernetas. Também com o celular é fundamental que peguem a localização no GPS, ou ainda, podem levar um mapa das ruas da cidade impresso para que possam localizar o local do entrevistado.

Em sala, auxilie os alunos a colocarem os mapas impressos com as localizações como base e, por cima, a folha vegetal. Os alunos devem contornar os principais pontos, fazer as ruas, trajetos, colocar título, escala, Norte, legendas, data, nome dos participantes e fontes utilizadas.

Para finalização do trabalho podem colorir ou ainda colocar fotos dos entrevistados. Possibilitar uma exposição dos mapas com uma boa descrição das entrevistas, mostrando qual a forma correta de colocar no texto as falas na íntegra (em itálico ou entre aspas) e normas ABNT.

Sugestão

Podem fazer o levantamento e as entrevistas a partir de diversos temas: piadas, contos, histórias engraçadas, lendas, receitas de comida, moda antiga, cortes de cabelo, personalidades, enfim, qualquer tema.

Poderá ainda ser executado um mural na escola, nas redes sociais entre outros.

FICHA DE ATIVIDADE

Receitas Antigas

(professor)

02

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 9o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:
Química, Geografia, Artes.

Objetivo

Estimular a percepção do processo de construção de uma receita, as diferenças na utilização de utensílios domésticos, matéria-prima, conhecimentos passados oralmente, entre outros.

Material

- Caderneta
- Lápis preto ou caneta

Desenvolvimento da Atividade

Propor uma pesquisa sobre as receitas de família e/ou receitas antigas, pensando no processo de construção desta receita (exemplo: sorvete, macarrão, chocolate, feijoada, etc). A busca sobre dados e historicidade das receitas é importante para perceber a construção do pensamento histórico a partir do meio ambiente o qual aquelas pessoas estavam inseridas, bem como, os aspectos sociais.

Perceber as mudanças e/ou continuidades do uso dos utensílios domésticos, das matérias-primas, dos conhecimentos passados oralmente, entre outros. Um questionário feito pelo professor possa ajudar a pensar nesses aspectos.

Posteriormente, peçam que executem as receitas antigas utilizando os mesmos utensílios e o mesmo processo de aquisição da matéria-prima utilizado pelo entrevistado.

Sempre que possível façam uma versão mais atual, para que possam comparar sabores, dificuldades, etc.

Apresentação em mural para os demais alunos da escola e publicação em mural virtual nas redes sociais da escola.

Sugestão

Se possível façam uma aula de degustação na classe.

FICHA DE ATIVIDADE

Inventário Participativo

(professor)

03

Ensino Fundamental II

Ano Escolar: 9o. ano

Componente curricular: História

Disciplina correlacionada:

Geografia, Artes.

Objetivo

Estimular a percepção do processo de construção de uma receita, as diferenças na utilização de utensílios domésticos, matéria-prima, conhecimentos passados oralmente, entre outros.

Este levantamento baseou-se na publicação do Iphan 'Educação Patrimonial: inventários participativos, manual de aplicação.' Importante a interação entre escolas de diversos municípios para que haja um efetivo levantamento dos bens arqueológicos no Paraná.

Material

- Caderneta ou Ficha de Inventário
- Lápis preto ou caneta
- Máquina fotográfica

Desenvolvimento da Atividade

O Inventário Participativo é uma forma concreta e eficaz de conhecer os patrimônios da cidade, neste caso específico, sobre arqueologia. Pode ser realizado em museus como também em pesquisas com a população para saber se já tiveram contato com a cultura material arqueológica.

Peça que os alunos façam uma lista dos locais onde será realizado o inventário e das tarefas a serem desenvolvidas pelos integrantes das equipes, incluindo as pessoas ou instituições com as quais cada um deve entrar em contato. Verifique se é preciso pedir permissão a alguém ou a alguma instituição para realizar a pesquisa.

Antes de saírem a campo, formule com os alunos as fichas de inventário, que servirão como base para catalogar as informações. Na página 15 do livro 'Educação Patrimonial: inventários participativos, manual de aplicação.' há dicas para planejar o inventário. Para o inventário dos Museus de Arqueologia é importante anotar a quantidade de peças arqueológicas (expostas e em reserva técnica), dados sobre as etnias, tipos de artefatos, informações das peças, registro fotográfico, etc.

Sugestão

A finalização poderá ser feita a partir de publicação eletrônica (jornal escolar, blog etc.), para disponibilização nas redes sociais da escola.

Importante

Não divulguem fotografias, filmes ou gravações dos entrevistados sem prévia autorização deles. Não publiquem na internet dados pessoais sobre os entrevistados. Todos os componentes do grupo devem estar orientados sobre o que pode ser divulgado.



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INVENTÁRIOS PARTICIPATIVOS



Manual de Aplicação | IPHAN

Presidenta da República do Brasil

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

**Presidenta do Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional**

Jurema de Sousa Machado

Diretoria do IPHAN

Andrey Rosenthal Schlee

Luiz Philippe Peres Torelly

Marcos José Silva Rêgo

Robson Antônio de Almeida

Vanderlei dos Santos Catalão

Coordenadora-Geral de Difusão e Projetos

Adélia Maria Guimarães Soares

Coordenadora de Educação Patrimonial

Sônia Regina Rampim Florêncio

Texto

Sônia Regina Rampim Florêncio

Juliana Izete Muniz Bezerra

Pedro Clerot

Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante

Juliana de Souza Silva

Larissa Long

Ellen Christina Ribeiro Krohn

Anna Paula Silva

Maria da Glória Medeiros

Maria Vitória de Moraes Dutra

Edição e Adaptação do texto

Maria Regina de Silos Nakamura

Rodrigo Martins Ramassote

Paulo Moura Peters

Márcio Vianna

Euzamar Viana Macedo Filho

Fernanda Biondo

Thais Melo Assis

Revisão

Angélica Torres Lima

Caroline Soudant

Gilka Lemos

Projeto gráfico e Diagramação

Cristiane Dias

Foto da capa

José Varella/Acervo da família

**Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional**

SEP/Sul EQ 713/913 lote D, Edifício Lúcio Costa, 4º andar
Cep: 70390-135

Telefones: (61) 2024.5456/5457/5458/5459

E-mail: educação@iphan.gov.br

Blog: <http://educacaopatrimonial.wordpress.com>

Twitter: @educpatrimonial

Facebook: www.facebook.com/educ.patrimonial

www.iphan.gov.br



Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INVENTÁRIOS PARTICIPATIVOS

Manual de Aplicação | IPHAN

Brasília-DF, 2016

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INVENTÁRIOS PARTICIPATIVOS 07

Mas, como saber o que é patrimônio? 07

Como inventariar? 09

Próximos passos: continuando a pesquisa 15

E a pesquisa continua: a documentação 19

Organizem, apresentem e divulguem o trabalho! 23

FICHAS DO INVENTÁRIO 27

Ficha do Projeto 28

Ficha do Território 28

Fichas das Categorias 31

Lugares 33

Objetos 42

Celebrações 50

Formas de Expressão 60

Saberes 69

Ficha das Fontes Pesquisadas 77

Ficha do Relatório de Imagens 77

Ficha do Roteiro de Entrevista 78

REFERÊNCIAS 79

MODELOS DAS FICHAS 82



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INVENTÁRIOS PARTICIPATIVOS

A presente publicação é de livre acesso, destinada ao público em geral, podendo ser utilizada sem necessidade de licença, autorização ou cessão de direitos. Constitui-se, antes, numa ferramenta de Educação Patrimonial com objetivos principais de fomentar no leitor a discussão sobre patrimônio cultural, assim como estimular que a própria comunidade busque identificar e valorizar as suas referências culturais.

Nessa perspectiva, considera a comunidade como protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural. Alinha, ainda, o tema da preservação do patrimônio cultural ao entendimento de elementos como território, convívio e cidade como possibilidades de constante aprendizado e formação, associando valores como cidadania, participação social e melhoria de qualidade de vida.

Com base em metodologias de ferramentas já existentes no Iphan, principalmente o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, foi desenvolvido e disponibilizado, em 2012, o Inventário Pedagógico, fruto da participação do Iphan na atividade de Educação Patrimonial do Programa Mais Educação, da Secretaria de Educação Básica do MEC. Decidiu-se, à época, que em função da diversidade de contextos culturais e faixas etárias atendidas pelo Programa, seria necessário pensar uma atividade que abarcasse tais diferenças culturais, geracionais e territoriais, criando uma aproximação inicial com o tema patrimônio cultural. Além



Centro histórico de São Luís – MA. Foto: José Paulo Lacerda.

disso, a partir do trabalho inicial de reconhecimento proposto pelo material, esperava-se incentivar a criatividade e inventividade em cada escola para desenvolver seus próprios produtos e ações.

Em razão de solicitações de técnicos das unidades do Iphan e de outros setores do Ministério da Cultura, bem como por sugestões e demandas de determinadas organizações da sociedade civil, decidiu-se adaptar o material para aproveitamento em iniciativas e atividades para além do Programa Mais Educação. Assim, foram feitos ajustes textuais, redefinindo seus potenciais usos e objetivos. A partir dessa reformulação, o alvo primordial dos “inventários participativos” passou a ser a mobilização e sensibilização da comunidade para a importância de seu patrimônio cultural, por meio de uma atividade formativa que envolve produção de conhecimento e participação. A iniciativa visa propiciar aos usuários o contato com princípios de uma pesquisa de campo, técnicas básicas de levantamento documental, sistematização e interpretação de dados e difusão de informações. Também pretende divulgar alguns preceitos

éticos de pesquisa, como o emprego responsável e autorizado de imagens, depoimentos e conhecimentos coletados ao longo do levantamento.

Inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local.

Por fim, cabe enfatizar que esta iniciativa não tem a pretensão de servir de instrumento de identificação e reconhecimento oficial de patrimônio, nem substituir as atuais ferramentas utilizadas nos processos de proteção dos órgãos de preservação do patrimônio de qualquer esfera de governo. Apresenta-se, de preferência, como um exercício de cidadania e participação social, onde os seus resultados possam contribuir para o aprimoramento do papel do Estado na preservação e valorização das referências culturais brasileiras, assim como servir de fonte de estudos e experiências no contínuo processo de aprendizado.

MAS, COMO SABER O QUE É PATRIMÔNIO?

O patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações.

Entre os elementos que constituem a cultura de um lugar, alguns podem ser considerados patrimônio cultural. São elementos tão importantes para o grupo que adquirem o valor de um bem - um bem cultural - e é por meio deles que o grupo se vê e quer ser reconhecido pelos outros.

Notem que nem tudo que forma uma cultura é patrimônio cultural. Por exemplo, aspectos como a falta de educação no trânsito ou o costume de

jogar lixo na rua são, sem dúvida, aspectos culturais, mas, definitivamente, não são patrimônios culturais.

O patrimônio cultural tem importância para muita gente, não só para um indivíduo ou uma família. Dessa maneira, interliga as pessoas. É sempre algo coletivo: uma história compartilhada, um edifício, uma festa ou um lugar que muitos acham importante, ou outros elementos em torno dos quais muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam.

O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de maneira tão profunda que, algumas vezes, elas sequer conseguem dizer o quanto ele é importante e por quê. Mas, caso elas o perdessem, sentiriam sua falta. Como exemplo, citamos a paisagem do bairro; o jeito de preparar uma comida; uma dança; uma música; uma brincadeira.

Fazendo o inventário, é possível descobrir e documentar o repertório de referências culturais que constituem o patrimônio da comunidade, do território em que ela se insere e dos grupos que fazem parte dela.

REFERÊNCIAS CULTURAIS SÃO EDIFICAÇÕES E SÃO PAISAGENS NATURAIS. SÃO TAMBÉM AS ARTES, OS OFÍCIOS, AS FORMAS DE EXPRESSÃO E OS MODOS DE FAZER. SÃO AS FESTAS E OS LUGARES A QUE A MEMÓRIA E A VIDA SOCIAL ATRIBUEM SENTIDO DIFERENCIADO: SÃO AS CONSIDERADAS MAIS BELAS, SÃO AS MAIS LEMBRADAS, AS MAIS QUERIDAS. SÃO FATOS, ATIVIDADES E OBJETOS QUE MOBILIZAM A GENTE MAIS PRÓXIMA E QUE REAPROXIMAM OS QUE ESTÃO LONGE, PARA QUE SE REVIVA O SENTIMENTO DE PARTICIPAR E DE PERTENCER A UM GRUPO, DE POSSUIR UM LUGAR. EM SUMA, REFERÊNCIAS SÃO OBJETOS, PRÁTICAS E LUGARES APROPRIADOS PELA CULTURA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE IDENTIDADE, SÃO O QUE POPULARMENTE SE CHAMA DE RAIZ DE UMA CULTURA. (TEXTO EXTRAÍDO DO MANUAL DE APLICAÇÃO DO INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS, DO IPHAN, P. 8).

COMO INVENTARIAR?

Pesquise temas da cultura em livros, revistas, jornais, fotografias e internet. Para isso, visitem centros culturais, arquivos, bibliotecas, museus e instituições que trabalhem com cultura.

Conversem com quem produz e conhece as referências culturais pesquisadas, como mestres de cultura popular, parteiras, contadores de histórias, artesãos, cirandeiros, entre outros. Também é importante buscar mais informações com professores, estudiosos e pessoas que trabalham em instituições de cultura. Nesse sentido, é importante saber quais são os bens patrimoniais culturais reconhecidos oficialmente em seu estado e cidade.

Este inventário é, primordialmente, uma atividade de educação patrimonial. Portanto, seu objetivo é construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas. Sem a pretensão, contudo, de formalizar reconhecimento institucional por parte dos órgãos oficiais de preservação.

Um dos objetivos é fazer com que diferentes grupos e diferentes gerações se conheçam e compreendam melhor uns aos outros, promovendo o respeito pela diferença e o reconhecimento da importância da pluralidade.

A integração de diversos agentes da comunidade – sejam pais e familiares, mestres ou produtores de cultura – é que vai determinar a qualidade do inventário.



Samba de Roda Patrimônio Cultural, recôncavo baiano – BA. Foto: Acervo Iphan, 2004.

VOCÊ SABIA QUE EXISTEM INSTITUIÇÕES E ÓRGÃOS RESPONSÁVEIS POR IDENTIFICAR, PRESERVAR, PROMOVER E PROTEGER O PATRIMÔNIO CULTURAL?

O INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN É RESPONSÁVEL PELAS POLÍTICAS NACIONAIS DE PATRIMÔNIO CULTURAL. OS PRINCIPAIS INSTRUMENTOS OFICIAIS DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO SÃO O TOMBAMENTO E O REGISTRO E PODEM SER FEITOS PELOS GOVERNOS FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL, COM SUAS RESPECTIVAS LEGISLAÇÕES. EM ÂMBITO FEDERAL, O TOMBAMENTO FOI INSTITUÍDO PELO DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937 E O REGISTRO PELO DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000.

HÁ TAMBÉM UMA INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL POR DECLARAR OS BENS QUE COMPÕEM O PATRIMÔNIO DO MUNDO, A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. ESSAS INSTITUIÇÕES TRABALHAM PARA PRESERVAR, VALORIZAR E DIFUNDIR O PATRIMÔNIO CULTURAL. PARA SABER MAIS, VALE A PENA CONSULTAR OS SITES:

WWW.UNESCO.ORG | WWW.IPHAN.GOV.BR

É fundamental que os envolvidos no projeto, antes de iniciar a atividade, compartilhem os entendimentos do grupo sobre ideias ou conceitos chave, como patrimônio, memória, identidade, cultura. Sugerimos, ainda, que o grupo utilize câmeras com função de filmagem, gravadores MP3, celulares etc.

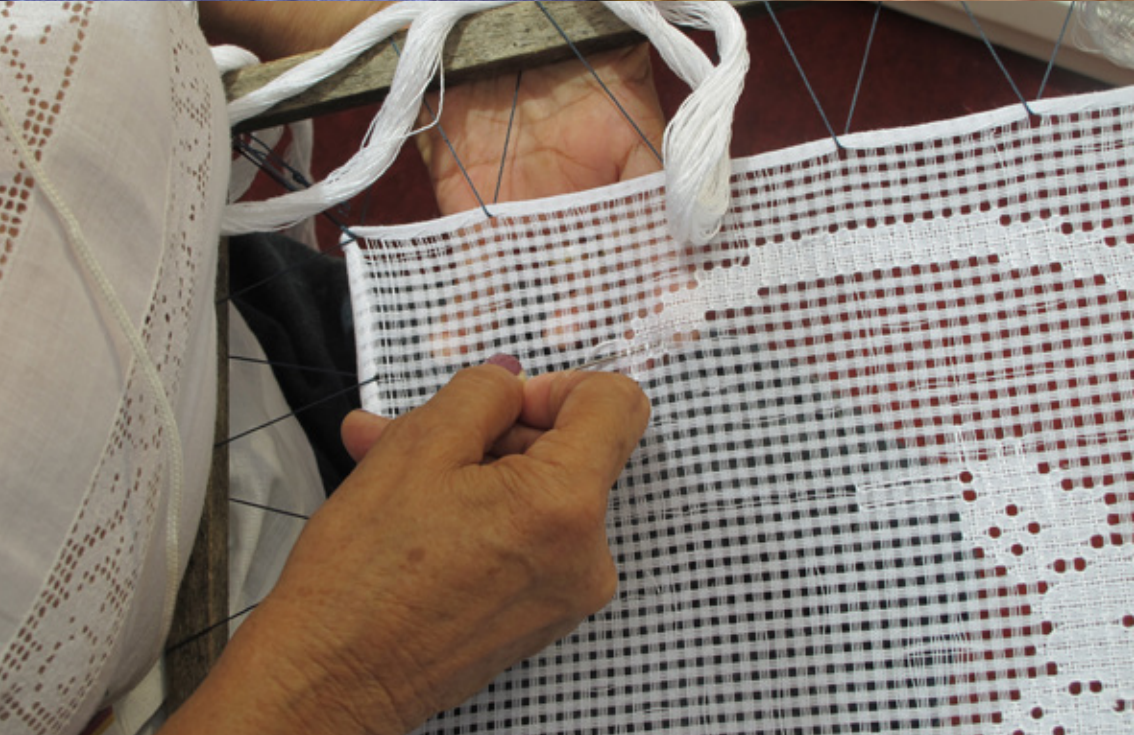


"Burrinha" no Pelourinho, Salvador – BA. Foto: Marcio Vianna, 2009.

O resultado desse momento do trabalho será um quadro de possibilidades de referências culturais que poderão ser inventariadas pelo grupo. As referências culturais enquadradas nas categorias propostas no inventário – celebrações, saberes, formas de expressão, lugares e objetos – vão orientar toda a atividade. Por isso, é preciso conhecê-las muito bem. Mais adiante, vocês encontrarão explicações sobre o que significa cada uma delas.

ENTÃO, LEMBREM-SE:

PROCUREM ENVOLVER O MÁXIMO POSSÍVEL DE PESSOAS.
 ENTENDAM BEM SOBRE OS CONCEITOS E AS CATEGORIAS DO INVENTÁRIO.
 ORGANIZEM CADA PARTE DA ATIVIDADE.



DICAS PARA PLANEJAR O INVENTÁRIO

- › De início, deve-se estabelecer a equipe que realizará o inventário, indicando pessoas e instituições, se for o caso.
- › Façam uma lista dos locais onde será realizado o inventário e das tarefas a serem desenvolvidas pelos integrantes das equipes, incluindo as pessoas ou instituições com as quais cada um deve entrar em contato.
- › Verifiquem se é preciso pedir permissão a alguém ou a alguma instituição para realizar a pesquisa.
- › Estabeleçam coletivamente os responsáveis pelo material dos equipamentos audiovisuais de registro.
- › Planejem o deslocamento até o território da pesquisa.
- › Prevejam medidas e atitudes para garantir a segurança do grupo nas pesquisas externas (pesquisas de campo).
- › Listem os equipamentos de registro necessários para a saída a campo: máquina fotográfica, celular, gravador, filmadora etc.
- › Fixem o prazo para realizar a pesquisa.
- › Antes de iniciar o trabalho, procurem entender quais são as fichas do inventário apropriadas a cada etapa do projeto. Esse passo é fundamental para a condução da pesquisa e o preenchimento das fichas correspondentes.

LEMBREM-SE:

A QUALIDADE DO TRABALHO DEPENDE, EM GRANDE PARTE, DO PLANEJAMENTO. }



PRÓXIMOS PASSOS: CONTINUANDO A PESQUISA

Planejar o trabalho significa mapear as ferramentas e os recursos necessários. Quais equipamentos e recursos serão usados? Quais pessoas e lugares serão contatados? Todos os participantes deverão conhecer bem o material do inventário antes de visitar as instituições e de conversar com as pessoas que vão participar e ajudar em sua realização.

As atividades de campo consistem em entrevistar pessoas e documentar, por meio de anotações, filmagens, desenhos e fotografias. Isso vai servir para preencher as fichas que fazem parte do inventário. Antes de sair em campo para pesquisar, a equipe deve combinar a divisão das responsabilidades individuais e coletivas.

Para recolher as informações de campo, utilizem as fichas do inventário, o roteiro de entrevista e cadernos para anotações. As informações coletadas serão analisadas pelo grupo para produzir fichas bem completas sobre o assunto.

Uma ficha pronta é sempre o resultado do trabalho da equipe, a partir dos dados coletados por todo o grupo ao longo da pesquisa.

O grupo pode eleger uma equipe responsável por preencher cada ficha do inventário ao final das pesquisas de campo, sempre levando em consideração o trabalho de todos.

LEMBREM-SE:

QUANDO O ASSUNTO É PATRIMÔNIO CULTURAL, NÃO EXISTE APENAS UMA VERSÃO SOBRE AS COISAS. AS PESSOAS PODEM TER DIFERENTES INFORMAÇÕES SOBRE UMA MESMA REFERÊNCIA CULTURAL E, DEPENDENDO DAS SUAS RELAÇÕES COM A REFERÊNCIA, PODEM ATÉ TER VISÕES CONTRÁRIAS SOBRE ELA. QUANTO MAIS INFORMAÇÕES E VERSÕES FOREM OBTIDAS, MAIS PROFUNDO SERÁ O CONHECIMENTO SOBRE A REFERÊNCIA, OS SEUS SIGNIFICADOS E A IMPORTÂNCIA PARA AS PESSOAS.



Cavalgada do Muquém – GO. Foto: Marco Antonio Galvao.

PARA AS ENTREVISTAS, ESCOLHAM PESSOAS QUE CONHEÇAM E/OU VIVENCIEM AS REFERÊNCIAS CULTURAIS PESQUISADAS. TODOS OS ENTREVISTADOS DEVEM SER TRATADOS COM MUITA ATENÇÃO E CUIDADO. EXPLIQUEM A PESQUISA E PERGUNTEM SE ELAS QUEREM CONTRIBUIR, SE ACEITAM SER GRAVADOS OU FOTOGRAFADOS. ALGUMAS PESSOAS ACEITAM DAR ENTREVISTA, MAS NÃO GOSTAM DE SER FOTOGRAFADAS OU FILMADAS. RESPEITEM ISSO.

NÃO SE ESQUEÇAM DE COMPLEMENTAR OU COMPARAR COM INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS NAS BIBLIOTECAS E EM MUSEUS, ESCOLAS, CENTROS DE MEMÓRIA, CASAS DE CULTURA, UNIVERSIDADES, ARQUIVOS DE PREFEITURAS, CÂMARAS MUNICIPAIS, CARTÓRIOS, FÓRUMS, SECRETARIAS E CASAS DE PESSOAS MAIS VELHAS QUE MORAM HÁ TEMPO NA LOCALIDADE. PERCEBAM AS DIFERENÇAS ENTRE A PESQUISA DE CAMPO E AS OUTRAS FONTES DE PESQUISA. ALGUMAS REFERÊNCIAS CULTURAIS PODEM TER EXISTIDO NO PASSADO E NÃO EXISTIR MAIS NO PRESENTE; OUTRAS PODEM TER PASSADO POR VÁRIAS TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DE SUA EXISTÊNCIA. PROCUREM SABER SE EM OUTROS LOCAIS, OU MESMO EM OUTROS PAÍSES, EXISTEM MANIFESTAÇÕES SEMELHANTES ÀS QUE A EQUIPE ESTÁ PESQUISANDO. VOCÊS VÃO DESCOBRIR MUITA COISA PESQUISANDO EM DIFERENTES FONTES, TAIS COMO LIVROS, INTERNET ETC.

DICAS IMPORTANTES PARA A PESQUISA

- › Organizem a equipe e a distribuição de tarefas.
- › Levem cadernos para anotar as informações, especialmente aquelas não solicitadas nas fichas.
- › Organizem o material de campo para não perder os desenhos e as anotações.
- › Consultem antes as pessoas que vão entrevistar, para saber se elas estarão disponíveis.
- › Sempre que forem entrevistar alguém, expliquem antes os objetivos do trabalho e procurem criar uma relação de confiança com o entrevistado.
- › Se não conseguirem do entrevistado as informações que procuram, paciência. Não se esqueçam de que as pessoas dão o tempo e os conhecimentos de que dispõem e que, sem elas, é impossível realizar o trabalho.
- › Procurem entrevistar várias pessoas sobre a mesma referência cultural, para obter diversas opiniões, histórias e significados. A pesquisa será até mais rica e intrigante quando as respostas forem diferentes ou contraditórias.
- › Entrevistem pessoas de diferentes idades. Jovens e idosos podem revelar informações sobre as transformações da referência cultural.
- › Procurem entrevistar pessoas que tenham relações diferentes com a mesma referência cultural: o mestre e o brincante, um proprietário de imóvel e um mestre de obras, o grafiteiro e o morador da rua grafitada etc.
- › Documentem a pesquisa com os equipamentos sugeridos. Gravem as entrevistas, façam anotações, desenhos, fotografias e filmagens.
- › Procurem descobrir se há alguma pessoa no grupo ou na comunidade que trabalhe com audiovisual e que esteja disposta a participar. Ela pode dar uma ajuda valiosa!



E A PESQUISA CONTINUA: A DOCUMENTAÇÃO

Documentar é produzir conhecimento sobre as referências culturais pesquisadas, o que é fundamental para preservá-la e difundi-la. Fichas, anotações, desenhos, fotografias, filmagens, gravações sonoras e outros tipos de documentos são importantes fontes de pesquisa.

O conteúdo da documentação é o resultado do olhar da equipe sobre a referência cultural.

Produzam muitos documentos durante a pesquisa; eles podem ser utilizados de diversas maneiras. Pode-se, por exemplo, organizar uma exposição das fotografias e desenhos, fazer uma linha do tempo com os vários momentos daquela referência cultural, produzir vídeos, programas de rádio, histórias em quadrinhos, organizar acervos sobre o território pesquisado, fazer mapas e maquetes com a localização da referência no território. São muitas as possibilidades.

Na página ao lado, Baiana de acarajé comercializando na Festa de Santa Bárbara – Largo do Pelourinho, Salvador – BA. Foto: Francisco Moreira da Costa/Acervo Iphan, 2004. À direita, inscrições Rupestres no Parque Nacional do Jaú, Novo Airão – AM. Foto: Juan Pratignestos.



DICAS FUNDAMENTAIS PARA UMA BOA DOCUMENTAÇÃO

- Aprendam a usar os equipamentos para gravar, fotografar e filmar com qualidade. Explore as possibilidades e os recursos do equipamento antes de ir a campo.
- Anotem as informações, indicando sempre quem fez a anotação e a data.
- Sempre anotem o nome da pessoa entrevistada, local e data.
- Quando registrarem sons ou vídeos, gravem uma breve introdução informando quem são as pessoas e qual conteúdo está sendo gravado. Informem também o lugar e a data da gravação.
- Sempre que fotografarem ou filmarem pessoas, individualmente ou em grupo, peçam autorização para tal. Se a pessoa não quiser, não tentem fazer isso sem que ela perceba.
- No caso das fotos, é preciso anotar sempre os dados sobre quem ou o que foi fotografado, com a data, o lugar e o nome de quem fotografou. Tudo isso deve ser anotado na hora em que é feita a foto; fica difícil lembrar de todas essas informações depois.
- Descarreguem as fotos em um computador e criem pastas indicando a data e a temática toda vez que forem reunidas fotografias sobre a referência cultural.
- Quando fizerem um desenho, um mapa ou um gráfico, indiquem do que se trata, a data e o nome de quem os fez.
- Depois de realizar uma entrevista, é interessante ouvir e ver as gravações e anotar os comentários. Vocês podem perceber coisas que não anotaram na hora da entrevista.
- Quando estiverem documentando manifestações orais e musicais, é importante usar o gravador de áudio e/ou vídeo.



Índios Wajãpi – AP. Foto: Heitor Reali.

- › Quando forem encenações de dança, teatro e outras expressões de movimentos do corpo, é importante gravar em vídeo para documentar como tudo acontece.
- › Utilizem desenho e fotografia para documentar objetos, edifícios ou paisagens.
- › Tentem documentar as diferentes etapas e pessoas que fazem parte da mesma manifestação cultural.



ORGANIZEM, APRESENTEM E DIVULGUEM O TRABALHO!

Tão importante quanto documentar é organizar a documentação.

Encontrem uma maneira de guardar esse material, para que ele esteja preservado e disponível. Lembrem-se de fazer cópias (em CD, DVD ou *pendrive*), para diminuir o risco de perder o material. Esse arquivo poderá ser enriquecido no futuro com outras atividades sobre patrimônio cultural.

Tão divertido como realizar o trabalho é mostrá-lo para os outros! Discutam formas de apresentação dos produtos resultantes para os grupos ou comunidades envolvidas: envio de cópias dos inventários; exposições itinerantes produzidas com materiais de baixo custo; criação de *blogs* com os conteúdos, como forma de democratização e difusão da informação; atividades de educação patrimonial que visem mediar e promover o intercâmbio de experiências e dos resultados obtidos na realização dos inventários.





Divulguem o trabalho para todos os que ajudaram a realizá-lo, sobretudo para as pessoas que forneceram informações ou foram entrevistadas.

Sempre que possível, utilizem os meios audiovisuais para apresentar a pesquisa. Todos vão compreender melhor o patrimônio cultural documentado.

Divulguem ao máximo o trabalho, para que outros conheçam os bens patrimoniais do território inventariado e entendam a importância de preservá-los.

PARA DIVULGAR O TRABALHO NA INTERNET, EM SITES OU NAS REDES SOCIAIS, CONSIDEREM VÁRIOS ASPECTOS. NÃO DIVULGUEM FOTOGRAFIAS, FILMES OU GRAVAÇÕES DOS ENTREVISTADOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO DELES. NÃO PUBLIQUEM NA INTERNET DADOS PESSOAIS SOBRE OS ENTREVISTADOS. TODOS OS COMPONENTES DO GRUPO DEVEM ESTAR ORIENTADOS SOBRE O QUE PODE SER DIVULGADO.

Ao lado, Paneleiras – ES. Foto: Cacá Lima.

Abaixo, Mercado de Manaus – AM. Foto: José Paulo Lacerda.





ESCOLA DE COZINHEIRA ANGELA
ACAPUS

RETRABALVA
TARXU I MINA

COMAL-
SINETES
MA
EXOTICOS
SABOES
MES
MAS
ES
MES
PUBLOS
AL
TTT

45

FICHAS DO INVENTÁRIO

O inventário é composto por:

- > FICHA DO PROJETO
- > FICHA DO TERRITÓRIO
- > FICHAS DAS CATEGORIAS (LUGARES, OBJETOS, CELEBRAÇÕES, FORMA DE EXPRESSÃO E SABERES)
- > FICHA DAS FONTES PESQUISADAS
- > FICHA DO RELATÓRIO DE IMAGEM
- > FICHA DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

As fichas do inventário devem estar sempre à mão, pois elas serão utilizadas em todos os momentos da pesquisa.

As fichas devem ser distribuídas entre os pesquisadores para anotações e registros sobre o que estiverem pesquisando. Guardem algumas fichas para o preenchimento coletivo que será feito depois, a partir da troca de informações entre os envolvidos no projeto. Nesse momento, transfiram para as fichas as informações que foram anotadas em papéis ou caderno de campo.

O modo como as fichas serão distribuídas deverá ser definido em conjunto com os participantes. O resultado final deve ser organizado no fichário da forma que melhor representar o trabalho.

A seguir, vocês têm a explicação detalhada sobre o que é e para que serve cada ficha. Procurem conhecer muito bem cada uma delas e escolham a melhor forma de uso para a atividade planejada.

> FICHA DO PROJETO

A Ficha do Projeto será preenchida ao longo de todo o trabalho de inventário. Essa é uma ficha **estruturante** e tem a função de ajudar o grupo a organizar as informações coletadas. Algumas informações devem ser preenchidas antes do início do trabalho de campo. Outras somente serão preenchidas ao final da pesquisa. Lembrem-se de reunir o grupo para criar um título para o inventário.

> FICHA DO TERRITÓRIO

O território inventariado é o espaço onde será realizada a pesquisa. Ele é um bairro? Uma região? O centro da cidade? Uma rua? Uma área rural? O lugar onde vive uma comunidade? As margens de um rio? Um conjunto de lugares? Essas informações deverão constar dessa ficha.

Festejo de rua em Marechal Deodoro – AL. Foto: Wilson Dias.



DENOMINAÇÃO

Um território pode ser reconhecido por vários nomes. Procurem saber os mais conhecidos; incluam também denominações antigas e denominações mais recentes. **Por exemplo:** “Bairro Taquari, antiga fazenda Torto ou Brejo”; “Vão dos Buracos ou Fazenda dos Escravos, atuais comunidades remanescentes do Quilombo do Buraco e Buraquinho”.

OUTRAS REFERÊNCIAS DE LOCALIZAÇÃO

Indiquem o máximo de dados para identificar o seu território. Além dos dados oficiais (estado, município, distrito), forneçam outras referências de localização. **Por exemplo:** “comunidade que fica entre o Centro e a Zona Leste, no pé do Morro da Vigia”; “região entre o Córrego dos Urubus e a rodovia estadual” etc. Atualmente é possível extrair dados geográficos precisos com aparelhos de GPS ou de programas de computador gratuitos e páginas da internet. Vocês podem pedir ajuda a um professor ou profissional de Geografia nessa tarefa.

DESCRIÇÃO

Aqui deverão ser observadas características como as paisagens predominantes, as principais construções, populações ou grupos de pessoas que ali vivem e elementos naturais (vegetação predominante, fauna nativa, clima típico etc.).

HISTÓRIA

Esse espaço se destina às informações sobre a história do território que será pesquisado. Os dados podem ser obtidos em publicações, na internet, ou com pessoas da região, em conversas sobre esse assunto. Um professor de História também pode dar boas dicas ao grupo. É importante ressaltar que essa investigação dá suporte à pesquisa principal: a do patrimônio cultural.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

Aqui serão anotados dados sobre a população pesquisada: o número de habitantes e de famílias, com o que trabalham, como se divertem, se têm atendimento de saúde e de educação, boas condições de saneamento básico, bem como certas informações específicas, por exemplo: faixa etária, etnia, ascendência de imigrantes ou qualquer aspecto predominante que se observe naquela população.

Vocês podem procurar o auxílio de um professor ou profissional de Sociologia ou de Geografia. Lembrem-se de que as prefeituras e as câmaras municipais possuem e disponibilizam essas informações. Dados sobre os municípios também estão disponíveis no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

Chapada dos Veadeiros – GO. Foto: Acervo Iphan, 2006.



> FICHAS DAS CATEGORIAS

>> LUGARES



Alguns territórios, ou parte deles, podem ter significados especiais. Esses significados costumam estar associados à forma como o território é utilizado ou valorizado por certo grupo; são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial ao lugar. Pode ser um bosque, um rio, um sítio arqueológico, uma praça, uma construção, ou mesmo um conjunto desses elementos (uma paisagem inteira!).

PODEM SER CONSIDERADOS COMO PAISAGENS OS LUGARES ONDE A RELAÇÃO DAS COMUNIDADES COM O MEIO AMBIENTE CRIA CARACTERÍSTICAS SINGULARES, COMO A FORMA DE CONSTRUIR AS CASAS, AS RUAS, AS PRAÇAS, AS FAZENDAS, OS BAIRROS, AS VILAS E TAMBÉM COMO SE VIVE NELES. SÃO AMOSTRAS DE PAISAGEM O LUGAR DE VIDA, MORADIA E TRABALHO DOS IMIGRANTES EM SANTA CATARINA, DOS PESCADORES NA FÓZ DO RIO SÃO FRANCISCO E DOS RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA.

Os lugares que possuem vestígios de antigos habitantes – como ferramentas de pedra lascada, pinturas, sepulturas, vidros, cerâmicas, entre outros – são chamados de sítios arqueológicos e são Patrimônio Cultural Brasileiro protegido por lei.

O PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA, NO SUDESTE DO PIAUÍ, POSSUI IMPORTANTE CONCENTRAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, COM PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES DE POVOS QUE VIVERAM NA REGIÃO ENTRE 50 E 30 MIL ANOS ATRÁS. PORÉM, OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NEM SEMPRE SÃO PRÉ-HISTÓRICOS. EM QUASE TODAS AS CIDADES HÁ SÍTIOS COM VESTÍGIOS DE OCUPAÇÕES DOS TEMPOS DOS BISAVÓS E TATARAVÓS DAS PESSOAS DA COMUNIDADE QUE PODEM SER MUITO RICOS PARA A PESQUISA.



Os lugares também podem ser especificamente edificações. As edificações podem ser de diferentes épocas e estilos e podem servir para diferentes finalidades. O importante é que elas representem uma referência para as pessoas.

SÃO EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES: O CORETO DA PRAÇA, O GALPÃO DE ESCOLA DE SAMBA, O TEATRO AMAZONAS EM MANAUS - AM, O PALÁCIO FARROUPILHA EM PIRATINI - RS, A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM OURO PRETO - MG, A CASA DE CHICO MENDES EM XAPURI - AC, UMA CASA INDÍGENA ETC.

Um lugar pode ser importante para uma comunidade por ser referência de seu dia a dia, de suas crenças, de atividades de trabalho. Esses lugares são essenciais para o inventário e podem significar novas descobertas, novos bens de nosso patrimônio que merecem ser cuidados.

SÃO EXEMPLOS DE LUGARES ASSIM: A FEIRA DE CARUARU - PE; A CACHOEIRA DE IAUARETÉ EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - AM; UMA CASA DE FARINHA; A PRACINHA DO BAIRRO ETC.

Parque da Independência, Ipiranga, São Paulo – SP. Foto: Thais Assis.



>>> FICHA DOS LUGARES

Orientação de preenchimento

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum do lugar que o grupo escolheu inventariar e os outros nomes pelos quais é conhecido.

No caso de haver mais de um, informem todos os nomes que surgirem durante a pesquisa.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do lugar. Lembrem-se de que há um espaço na Ficha do Relatório de Imagens para reunir todas as imagens coletadas para esta. Para a primeira página, selecionem a que o grupo considerar a mais significativa.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é o lugar.

Procurem resumir em uma frase o que é o lugar: “o lugar é uma casa em que funciona a associação de moradores”; “é um morro perto do bairro onde acontece a festa junina”; “é um rio que os antepassados acreditavam ter sido o início do mundo, onde pescavam muito, ou que usavam como meio de transporte”; “é uma construção do século passado” etc.

ONDE ESTÁ

Procurem descrever o lugar a partir das referências mais conhecidas.

Informem se o lugar está em zona rural ou urbana, se tem acesso fácil ou não, se possui algum ponto de referência, se está em uma vila, praça, município, cidade.



Por exemplo: “a casa está no centro, próxima ao comércio e à igreja; é a área mais movimentada da cidade”; “o morro está no limite entre um bairro e outro e não possui vegetação, porque foi capinado para a montagem de barracas da festa”; “o rio fica a poucos metros da escola, tem pouca profundidade e largura de x metros; sua água é limpa e não recebe poluição de esgotos, adubos químicos” etc.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associadas ao lugar.

Informem o dia e o mês em que se realiza alguma celebração; descubram os períodos do ano que marcam a dinâmica do lugar. **Por exemplo:** “o mês de junho, nas festas juninas que acontecem na comunidade”; “o fim de semana, quando as pessoas jogam bola no gramado da praça”; “o início do período das chuvas, quando as pessoas celebram o plantio na roça” etc.

HISTÓRIA

Contem as diferentes versões sobre as origens e transformações do lugar ao longo do tempo.

Reúnam informações do passado e do presente sobre o lugar: “a casa foi construída pelo primeiro padre da região, que, em meados do século XIX, queria fazer a sede da paróquia no local mais alto. Ela foi reformada na década de 1920”; “o rio era usado para pesca, banho e lazer pelos índios que habitaram essa região, antes de os colonizadores chegarem; era limpo e muito cheio de vida, mas agora é sujo...”.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções o lugar tem para a comunidade.

Nesse campo podem ser descritos os vínculos do lugar com algum fato da história; se tem importância especial para a comunidade; se possui elo com algum outro lugar.

Por exemplo: “o lugar é ponto de encontro dos moradores para decidir assuntos importantes para a cidade”; “uma parte da comunidade usa o rio para lavar roupa”.

DESCRIÇÃO

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem as principais pessoas envolvidas com o lugar.

O construtor, o proprietário, o responsável pela manutenção, as pessoas que usufruem do espaço, entre outros.

ELEMENTOS NATURAIS

Informem quais são os elementos presentes no ambiente natural.

Árvores, vegetação nativa, campo para pasto, rochedos, riachos, trepadeiras, descampado etc.

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

Informem se há elementos construídos no lugar e quais são suas características.

Por exemplo: “uma casa no fundo do terreno”; “postes de luz na beira da estrada”; “cerca em volta do campo de futebol”; “muro que represa um trecho do rio”; “estátua do fundador da cidade”; “açude no pé da serra” etc.

VESTÍGIOS

Pesquisem se o local possui vestígios de ocupações anteriores.

Procurem saber se no lugar são encontrados pedaços de cerâmicas, pedras lascadas, pedaços de metais, restos de uma antiga roça, ruínas de outras construções, pinturas ou gravuras rupestres, espaços de trabalho como, por exemplo, uma antiga senzala, forno de produção de açúcar, uma fábrica desativada etc. Lembrem-se de ter especial cuidado caso o lugar faça parte



de sítio arqueológico, respeitando as orientações quanto ao acesso, ou se vocês encontrarem evidências que possam sugerir a necessidade de contatar órgãos competentes de preservação para a avaliação do local.

MATERIAIS

Informem os principais materiais que constituem os elementos do lugar.

Esse campo requer uma observação e indicação dos materiais presentes no lugar. Lá pode haver uma combinação de materiais como a madeira, o ferro, a pedra, o barro.

Por exemplo: casa de madeira, poste de ferro, muro de pedra, tijolo de barro.

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

Pesquisem sobre as técnicas utilizadas para a construção do lugar.

Procurem descobrir se, para que o lugar se formasse, foram aplicadas técnicas e saberes específicos, tais como: construções de taipa, adobe, alvenaria, pau a pique, entre outros; técnicas agrícolas como coivara, curva de nível, agrofloresta e outras.

PROCUREM O AUXÍLIO DE PESSOAS QUE SAIBAM FALAR SOBRE AS TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO. SÃO ELAS: PEDREIROS, CARPINTEIROS, MARCENEIROS, ENGENHEIROS, ARQUITETOS, A PRÓPRIA PESSOA QUE CONSTRUIU A EDIFICAÇÃO ETC.

MEDIDAS

Informem quais as medidas aproximadas: altura, largura, perímetro da área.

Essas dimensões podem ser obtidas com instrumentos técnicos de medição (como fitas métricas, trenas, réguas) ou com estimativas a partir de outras referências criadas pelos participantes (palmos, passos, pés, altura de uma pessoa adulta, comprimento do braço).

Por exemplo: “a igreja tem dez metros de altura, quinze metros de comprimento”; “a praça possui quarenta passos de comprimento e trinta passos de largura”; “a fazenda possui o tamanho de cinco campos de futebol”; “o mastro da bandeira possui a altura de três pessoas em pé”. É interessante, também, solicitar o auxílio de um professor de Matemática sobre o sistema de unidades de medida que melhor atenda às demandas.

ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR

Informem as principais atividades realizadas no lugar por pessoas ou grupos.

O lugar pode estar relacionado a cultos, celebrações, produção agrícola, produção industrial, atividades escolares, entre outras.

Por exemplo: “é nessa praça que acontece a cavalhada”; “nessa cachoeira são realizados ritos em homenagem aos mortos”; “essa caverna é o maior ponto turístico da cidade”.

MANUTENÇÃO

Identifiquem os responsáveis e os cuidados necessários para a manutenção do lugar.

Por exemplo: “a manutenção é realizada pela prefeitura, que todos os anos providencia a pintura da fachada da edificação”; “a manutenção é responsabilidade do poder público, que, periodicamente, corta a grama e limpa o jardim”; “o galpão é mantido pela associação de moradores”; “a roça é mantida pelas mulheres da aldeia”.

CONSERVAÇÃO

Informem se o lugar está bem ou mal cuidado.

Procurem saber se as pessoas relacionadas ao lugar consideram que o espaço está bem cuidado. Observem aspectos como limpeza, partes quebradas, partes que faltam, reformas já feitas.



Por exemplo: “o edifício apresenta infiltração no teto e nas paredes e algumas janelas estão quebradas”; “o jardim está bem cuidado”; “a gruta possui pichações por cima das pinturas rupestres”; “a mata está preservada”.

INFORMEM SE AO LUGAR ESTÃO ASSOCIADAS OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS, COMO CELEBRAÇÕES, SABERES ETC. SE JULGAREM QUE ALGUMA DELAS MERECE UMA ATENÇÃO ESPECIAL, LEMBREM-SE DE QUE OUTRA FICHA PODE SER UTILIZADA PARA APROFUNDAR E AMPLIAR A PESQUISA.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais pontos positivos para que o lugar continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento.

Façam um exercício de reflexão em grupo a respeito das informações levantadas nos campos anteriores: as pessoas dão importância ao lugar? Elas se organizam para cuidar do lugar? Como? Ou o lugar está perdendo o significado que justifica a sua preservação?

RECOMENDAÇÕES

Deem sugestões para a preservação do lugar, após fazer sua avaliação.

Aqui, a equipe pode propor possíveis usos sociais e culturais para o lugar, no sentido de valorizá-lo ou requalificá-lo.

Lembrem-se de anexar a Ficha das Fontes Pesquisadas! Listem os livros, documentos, *sites* da internet e tudo mais que for consultado durante a pesquisa. Listem também as pessoas que forneceram informações por meio de conversas informais.

>> OBJETOS

Nesta categoria estão incluídos aqueles objetos produzidos e utilizados que se relacionam fortemente com a memória e a experiência das pessoas, por estarem associados a fatos significativos de sua história, tornando-se assim uma referência cultural para elas.



Muitos objetos são de uso cotidiano e podem estar em nossas casas, nas ruas, na escola, nos locais de culto, em rituais de devoção religiosa etc. Podem ser individualizados ou estar incorporados à arquitetura, como no caso de ornamentos em locais de culto ou em residências; pinturas murais; painéis azulejados etc. Podem servir como instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, objetos decorativos ou adquirir sentidos específicos.

Nesse processo, são utilizadas matérias-primas, técnicas e conhecimentos tradicionais compartilhados pelo grupo.

Equipamentos profissionais, como barcos, carroças, carros de boi, ferramentas de artesãos, podem estar fortemente associados aos grupos que os utilizam, ou a uma época em que foi muito importante. Por isso, acabam ganhando um valor especial, mesmo que já nem sejam utilizados atualmente.

POR EXEMPLO, EM CASA PODE HAVER UM FERRO DE PASSAR QUE JÁ NÃO FUNCIONA MAIS, MAS QUE PERTENCEU À BISAVÓ, OU UM BRINQUEDO PREFERIDO DA INFÂNCIA, GUARDADO PELOS PAIS COMO LEMBRANÇA. PODE SER UM INSTRUMENTO MUSICAL ANTIGO E QUE NINGUÉM MAIS SABE TOCAR, MAS É IMPORTANTE POR TER SIDO DE UM ARTISTA CONHECIDO E ADMIRADO. PODE SER UM VASO DE CERÂMICA QUEBRADO, ENCONTRADO EM ALGUMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA E QUE FOI PRODUZIDO E UTILIZADO PELOS POVOS INDÍGENAS DO LOCAL HÁ CENTENAS OU MILHARES DE ANOS.



Bonecas Karajá, expressão cultural dos indígenas da etnia Karajá – GO. Foto: Acervo Iphan, 2011.

Por vezes, os objetos também podem ser criados com intenção artística, sem qualquer finalidade utilitária. Podem ser desenhos, esculturas, pinturas, filmes etc. Eles podem ser encontrados em espaços culturais, arquivos, bibliotecas, ruas e praças, ou mesmo em coleções particulares.

EM GERAL, AO SE CHAMAR UM OBJETO DE "ARTÍSTICO" SE QUER DIZER QUE ELE JÁ FOI PENSADO COM UMA PREOCUPAÇÃO DE PROVOCAR OS SENTIDOS, PROPORCIONANDO EXPERIÊNCIAS AGRADÁVEIS, COMO ADMIRAÇÃO, ENCANTO, OU AINDA OUTRAS REAÇÕES, COMO ESPANTO, SURPRESA, INDIGNAÇÃO ETC. PODEM SER CONSIDERADOS COMO OBJETOS ARTÍSTICOS AS PINTURAS DE CÂNDIDO PORTINARI, AS PEÇAS DE BARRO DO MESTRE VITALINO E OS GRAFITES NOS MUROS DAS GRANDES CIDADES.

Há ainda a chamada “arte aplicada” ou “decorativa”, que, além do cuidado no uso prático do objeto, exige um tratamento especial quanto às suas formas, cores, texturas: caso das rendas aplicadas em um vestido, de filigranas que decoram um colar, de tapeçarias, cerâmicas e mosaicos que decoram um piso ou uma parede.

Vale lembrar que todos os objetos possuem uma história, uma função e um significado. Essas funções e significados mudam de tempos em tempos e de acordo com os usos (e desusos!) que as pessoas lhes dão. Investigar essas mudanças ao longo do tempo ajuda a compreender a história e o modo de vida dos grupos que produzem ou utilizam um objeto.

Por exemplo: no século XIX e nas primeiras décadas do XX, em algumas regiões do Brasil, o fato de possuir um piano em casa poderia indicar que a família era mais rica, uma vez que os pianos não eram fabricados no país e eram muito caros. Também podemos descobrir que o instrumento era mais utilizado por meninas, servindo como complemento à educação escolar; e que apenas algumas músicas eram “permitidas”, enquanto muitas eram “proibidas”, por serem consideradas inapropriadas para mulheres de classe social mais abastada. O piano era também um objeto decorativo muito apreciado.

Renda “Filé”. Marechal Deodoro – AL. Foto: Acervo Iphan, 2008.

Enfim, a história do objeto pode dizer muito mais sobre a vida das pessoas do que a função prática para a qual ele foi criado. Cabe ao grupo identificar aqueles objetos que possuem características e significados especiais que justificam a realização do seu estudo por meio de um inventário.





>>> FICHA DOS OBJETOS

Orientação de preenchimento

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum do objeto escolhido para ser inventariado e outros nomes pelos quais é conhecido.

No caso de haver mais de um, tentem informar todos os nomes que surgirem ao longo da pesquisa.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do objeto.

Lembrem-se de que haverá um espaço na Ficha do Relatório de Imagens para reunir todas as imagens coletadas. Para a primeira página, selecionem a imagem que o grupo considera a mais representativa do objeto.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é o objeto.

Procurem resumir em uma frase o que é o objeto.

Por exemplo: “boneca de barro que foi feita pelos indígenas do local”; “turbante utilizado pelo pai de santo nas cerimônias do terreiro”; “santa peregrina que é levada pelos pescadores no dia da procissão” etc.

ONDE ESTÁ

Localizem o objeto a partir das referências mais conhecidas.

Informem onde está o objeto e descrevam como é o local. Informem se ele está guardado ou se está exposto. No caso de o objeto estar guardado em mais de um local, informem quais e como são esses locais.

Por exemplo: “a imagem está exposta no altar-mor da igreja matriz, acima de uma escada de madeira e rodeada de flores”; “o carro de boi fica na fazenda velha e se desloca todo dia para a roça do senhor José”; “a pintura está no muro da escola” etc.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados a esse objeto.

Identifiquem épocas em que o objeto foi criado ou fabricado ou, ainda, os momentos em que é utilizado de maneira mais frequente.

Por exemplo: “a imagem participa de uma festa que acontece todos os anos, na época da colheita”; “o cachimbo de pedra tem mais de duzentos anos e foi encontrado em 1975”; “o tambor só é tocado no Dia de São Sebastião” etc.

HISTÓRIA

Contem as diferentes versões sobre as origens e transformações do objeto ao longo do tempo.

Reúnam informações do passado e do presente do objeto.

Por exemplo: “o vestido foi encomendado em outra cidade, em 1967, e foi utilizado pela dona Francisca das Chagas em seu casamento”; “naquela época, a roupa da imagem era cor-de-rosa, mas agora tem a cor de madeira”; “o cocho foi feito em 1854 para os cavalos dos tropeiros que paravam na cidade; em 1956 virou uma floreira na praça criada no local” etc.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções tem o objeto para a comunidade.

Essa descrição é um item muito importante no inventário, pois trará os motivos pelos quais o objeto foi identificado como relevante.



Por exemplo: “o patuá traz sorte para as pessoas que o amarram num cordão ao redor do pescoço”; “o pai de santo utiliza o machado para invocar o orixá durante a gira no terreiro”; “o quadro foi pintado para lembrar os operários que vieram trabalhar nas primeiras fábricas instaladas na vila” etc.

DESCRIÇÃO

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem quem são as pessoas envolvidas com o objeto.

Poderão ser identificados: autor, fabricante, proprietário, responsável pela guarda do objeto, entre outros.

Por exemplo: “foi confeccionado por João da Costa e pertence à prefeitura”, “foi pintado por um artista desconhecido, pertence à diocese e é conservado pela Sra. Anete”.

MATERIAIS

Identifiquem os materiais utilizados na confecção do objeto.

Indiquem os mais evidentes. Cabe lembrar que pode existir mais de um material no mesmo objeto. São exemplos de materiais: madeira, plástico, gesso, pedra, vidro, osso, papel, pano, metal, borracha, cola, pelo, couro, terra, folha, cera etc.

Por exemplo: “o piano é confeccionado em madeira escura, cordas de metal, feltro, tinta, verniz e pregos”; “a pintura é feita diretamente no muro de tijolos, com tinta *spray* colorida” etc.

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

Informem a técnica usada na produção ou confecção do objeto.

Nem sempre é fácil identificar a técnica. Se houver a oportunidade

de entrevistar artesãos, artistas ou outros produtores, vocês poderão conseguir informações mais precisas. São exemplos de técnicas: pintura sobre pano/madeira/papel, desenho sobre papel/cartão/parede, escultura em madeira, fundição, gravura/xilogravura/litografia, soldagem, colagem, costura, modelagem etc.

MEDIDAS

Identifiquem as dimensões do objeto.

Essas dimensões podem ser obtidas com instrumentos técnicos de medição (como fitas métricas, trenas, réguas) ou com estimativas, a partir de outras referências criadas pelos participantes (palmos, passos, pés, altura de uma pessoa adulta, comprimento do braço).

Por exemplo: “a boneca tem 36 centímetros de altura, dez centímetros de largura e pesa oitocentos gramas”; “a estátua possui altura de uma pessoa adulta de pé”; “o cachimbo de pedra é do tamanho de um palmo aberto”.

ATIVIDADES RELACIONADAS AO OBJETO

Identifiquem as principais atividades realizadas por pessoas ou grupos que possam estar relacionados com o objeto estudado.

Procurem identificar se o objeto faz parte de algum culto, celebração, atividade doméstica, entre outros.

Por exemplo: “a imagem da santa é utilizada nas celebrações que festejam o dia da padroeira da cidade”; “a rede é utilizada por meu pai em seu trabalho, para pescar”; “a vitrola é utilizada para ouvir música” etc.

MANUTENÇÃO

Identifiquem os responsáveis e os cuidados necessários para manutenção do objeto.

Por exemplo: “a manutenção da escultura é responsabilidade da



prefeitura, por meio do setor de manutenção das praças, que todos os anos realiza sua limpeza”; “a biblioteca da escola é responsável pela manutenção do livro, mas não há um funcionário para cuidar do acervo”; “o vaso faz parte da coleção do senhor Francisco das Chagas, que o encontrou em sua fazenda e cuida dele” etc.

CONSERVAÇÃO

Informem se o objeto está bem ou mal cuidado.

Procurem saber se as pessoas vinculadas ao objeto consideram que ele está bem cuidado. Observem aspectos como limpeza, partes quebradas, partes que faltam, consertos ou restaurações já feitas. **Por exemplo:** “a escultura foi limpa há pouco tempo; está sem a placa de bronze que a identifica”; “o livro está bastante empoeirado e com algumas páginas rasgadas”; “o vaso de cerâmica está limpo. No entanto, está rachado e faltam algumas partes” etc.

INFORMEM SE AO OBJETO ESTÃO ASSOCIADAS OUTRAS REFERÊNCIAS COMO CELEBRAÇÕES, SABERES ETC. SE JULGAREM QUE ALGUMA DELAS MERECE UMA ATENÇÃO ESPECIAL, LEMBREM-SE DE QUE OUTRA FICHA PODE SER UTILIZADA PARA APROFUNDAR E AMPLIAR A PESQUISA.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais pontos positivos para que o objeto continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento.

Façam um exercício de reflexão em grupo a respeito das informações levantadas nos campos anteriores: as pessoas dão importância ao objeto? Elas se organizam para cuidar dele? Como? Ou o objeto está perdendo o significado que justifica sua preservação? Perguntem sobre como o objeto é ou foi utilizado: se ele ganhou outro significado – por exemplo, de objeto



Panelas de barro. Vitória – ES. Foto: Márcio Vianna, 2006.

de uso cotidiano passou a ser objeto decorativo; se a função para a qual se destina ainda existe e por quais adaptações e transformações o objeto passou. Verifiquem se ele foi retirado de seu contexto original para fins de exposição; se é parte de uma coleção particular ou acervo público etc.

RECOMENDAÇÕES

Deem sugestões para a preservação do objeto, após fazer a avaliação de sua importância como referência cultural.

Lembrem-se de anexar a Ficha das Fontes Pesquisadas. Listem os livros, documentos, *sites* da internet e tudo mais que foi consultado durante a pesquisa. Listem também as pessoas que forneceram informações por meio de conversas informais.

>> CELEBRAÇÕES

Todo grupo promove celebrações, por motivos diversos: religiosos, de lazer, de festejar as datas especiais para o local, para a cidade, o estado, o país.



As celebrações importantes para uma comunidade passam de geração em geração. Com o decorrer do tempo, alguns elementos podem ser modificados, retirados ou inseridos na celebração. É muito interessante saber quais foram essas transformações e por que aconteceram, uma vez que contam sobre os propósitos, os desejos e a história da comunidade que a faz. Algumas transformações ocasionaram o fim de algumas celebrações. Por que isso pode ter ocorrido? Quem são as pessoas que se lembram da época em que elas ocorriam? Entrevistá-las pode ser um bom exercício para o projeto.

As celebrações, por terem vários elementos, envolvem várias pessoas e grupos na sua preparação. Cada etapa, como a organização do espaço, a preparação de comidas, danças, encenações, apresentações etc., frequentemente tem pessoas diferentes como responsáveis. Mesmo que organizada por um indivíduo, uma família ou pela prefeitura, a celebração é importante para muita gente, porque possui significados diferentes para cada pessoa ou grupo que participa. Numa celebração religiosa, por exemplo, muitos participantes são os adeptos da religião; outros estão ali somente para se divertir; outros ainda, como os turistas, vão para conhecer.

Muitas celebrações estão presentes em vários locais, mas cada lugar acaba tendo uma característica particular.



Bumba-meu-boi do Maranhão – MA. Foto: S.Pedro/Acervo Iphan, 2009.

AS CELEBRAÇÕES PODEM TER VÁRIOS SIGNIFICADOS: RELIGIOSO, COMO AS FESTAS DOS SANTOS PADROEIRO DAS CIDADES OU AS FESTIVIDADES DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA, COMO CANDOMBLÉ, UMBANDA E JUREMA; PODEM SER DE CARÁTER CÍVICO, COMO AS COMEMORAÇÕES DAS DATAS IMPORTANTES DA NAÇÃO OU DA CIDADE; OU RELACIONADAS AOS CICLOS PRODUTIVOS, COMO AS FESTAS "DO MILHO", "DA UVA", "DO PEIXE", MARCANDO MOMENTOS ESPECIAIS DA VIDA DE UMA PESSOA NA COMUNIDADE - COMO ACONTECE NOS RITUAIS DE PASSAGEM PARA A VIDA ADULTA DE ALGUNS POVOS INDÍGENAS OU NAS FESTAS DE CASAMENTO.



>>> FICHA DAS CELEBRAÇÕES

Orientação de preenchimento

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum da celebração que escolheram inventariar e outros nomes pelos quais ela é conhecida.

No caso de haver mais de um nome, tentem informar todos os que surgirem ao longo da pesquisa.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho da celebração.

Lembrem-se de que haverá um espaço para reunir todas as imagens coletadas, na Ficha do Relatório de Imagens. Para a primeira página, selecionem a que o grupo considera a mais representativa.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é a celebração.

Não é necessário dar muitos detalhes sobre a celebração, uma vez que os outros campos da ficha são destinados a informações mais completas sobre ela.

Por exemplo: “é uma festa que celebra a colheita do milho”; “é um ritual em que a bandeira da cidade é trocada”; “é o ritual para lembrar os mortos”; “Tambor de Crioula é uma dança que tradicionalmente ocorre em louvor a São Benedito”; “Baile de São Gonçalo é um folguedo, uma festa popular com duração de três dias para o pagamento de promessa a São Gonçalo”.



Tambor de Crioula – MA. Foto: Tadeu Gonçalves/Acervo Iphan, 2007.

ONDE É

Localizem a celebração a partir das referências mais conhecidas.

Informem onde ela ocorre e como é o local. Se há algum motivo especial para que a celebração ocorra nesse local, relatem também. No caso de haver mais de um local onde ocorra a celebração, informem quais e como são esses locais. Se existe um roteiro percorrido, como uma procissão ou cortejo, relatem também esse percurso.

Por exemplo: “a procissão acontece na rua e vai da Praça da Igreja Matriz até o cais do porto”; “a festa é feita na Praça do Povo”; “a Festa do Divino Espírito Santo ocorre nas casas dos festeiros, onde se realizam as celebrações e por onde circulam os fiéis; são feitas também procissões até as casas”; “as procissões de São Sebastião acontecem na Ilha de Marajó e se iniciam nas Igrejas de Nossa Senhora da Conceição e Sagrado Coração de Jesus, na Praça da Matriz e nas principais ruas da cidade” etc.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados à celebração.

Informem a data ou época da celebração e a sua duração. Geralmente,



é uma forma de um grupo comemorar alguma coisa, portanto a data costuma ser importante para as pessoas que a fazem. Pode ser uma data fixa ou móvel (quando o período do acontecimento pode variar, por diversos motivos). Informem também a duração da celebração: se algumas horas ou dias; se ocorre por uma temporada maior, envolvendo vários eventos durante todo o mês, ou boa parte do ano.

Por exemplo: “as celebrações se iniciam em janeiro, continuam na Semana Santa e se encerram no *Corpus Christi*”; “a celebração ocorre durante toda a estação das chuvas”; “no Dia de Finados e dura a noite inteira, até o amanhecer do dia seguinte”; “no dia 9 de julho é feriado em São Paulo, em comemoração à Revolução Constitucionalista de 1932”.

HISTÓRIA

Contem sobre as origens e transformações da celebração ao longo do tempo.

Reúnam informações da celebração, do passado até os dias de hoje, contando as diferentes versões sobre suas origens, se ainda ocorre ou não e desde quando ela acontece no território pesquisado. Identifiquem pessoas, grupos e acontecimentos relacionados à celebração. Informem sobre as transformações ao longo do tempo e como elas ocorreram.

Por exemplo: “a procissão começou na década de 1950, com o pagamento de uma promessa do minerador João Oliveira para Nossa Senhora da Conceição, por ter curado de uma doença a filha mais nova; ele levou a família e mais uma dezena de amigos para percorrer a principal rua da cidade durante a semana”; “a festa era organizada pelos escravos no século XIX”; “só os homens participavam da brincadeira até a década de 1970; hoje em dia a maioria das brincantes são mulheres”; “o jongo está relacionado atualmente às religiões afro-brasileiras e, nos tempos de Colônia e Império, às formas de expressão denominadas ‘batuques’ pelos administradores coloniais e viajantes estrangeiros, que eram descrições caracterizadas mais pela aversão ou desconfiança que

despertavam nas autoridades civis e religiosas do que por descrições positivas” etc.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções têm as celebrações para a comunidade.

Uma celebração pode ter diversos significados para diferentes grupos ou pessoas. Alguns podem estar explícitos, outros podem ser menos claros e o trabalho da equipe de inventário pode ser, justamente, descobrir e interpretar esses significados. Essa é uma parte importante da pesquisa, pois vai informar os motivos pelos quais as pessoas fazem ou fizeram essa celebração e por que a julgam importante. Para preencher esse campo, colem “causos”, narrações das pessoas sobre a celebração. É possível verificar por meio dessas histórias seus diferentes sentidos.

Por exemplo: “para os católicos, o principal significado da festa é homenagear a santa padroeira da comunidade; já para os praticantes do candomblé, ela também representa o orixá das águas”; “é durante a celebração que as cozinheiras preparam suas melhores receitas”; “essa é a única época do ano em que as famílias mais ricas da cidade vêm ao bairro para participar da festa, integrando-se à comunidade local”; “o dia de Cosme e Damião é aquele em que as crianças saem às ruas para pegar doces” etc.

DESCRIÇÃO

Nem sempre a celebração estará acontecendo na mesma época da pesquisa. Então, é importante perguntar para as pessoas como ela ocorre. Para descrevê-la com mais informações é interessante complementar a pesquisa em livros, revistas, textos, jornais, internet, fotografias e filmagens. Lembrem-se de que os preparativos podem durar o ano todo! Descubram se alguém ou algum grupo está trabalhando na preparação da celebração.



PROGRAMAÇÃO

Informem quais são os eventos ou etapas que fazem parte da celebração.

As celebrações, muitas vezes, são divididas em etapas. Listem-nas e expliquem resumidamente em que consistem.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem quem são as pessoas que organizam e participam da celebração e o que elas fazem.

Lembrem-se também de listar as pessoas que participam da festa sem uma função específica, que podem ser, por exemplo, comunidades que assistem a ela.

COMIDAS E BEBIDAS

Informem se há alimentos especiais para essa celebração. Caso sim, quais são eles?

Quem são as pessoas responsáveis por prepará-los? Pode ser que somente algumas pessoas saibam preparar esses alimentos, por isso é importante dizer quem são elas, como elaboram os pratos, solicitando e registrando as receitas, se possível.

Por exemplo: “arroz de carreteiro feito pela dona Maria, que aprendeu a receita com sua avó”; “pato no tucupi que é feito pela comunidade paraense que mora no bairro”; “o cauim feito pelos homens da aldeia” etc.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Informem se há vestimentas e acessórios específicos usados na celebração. Caso sim, quais são e para que servem? Quais são as pessoas que as usam?

Por terem significados especiais, quase sempre as celebrações possuem indumentárias e vestimentas especiais. Quem são as pessoas que se

caracterizam para a celebração? Quem é responsável por produzir as indumentárias? Há algo de especial na sua produção?

Por exemplo: “as tocadoras de tambor, nesse dia, usam roupas vermelhas para homenagear o Divino Espírito Santo”; “é só durante o mês da celebração que os homens retiram seus brincos protetores e pintam todo o corpo com motivos tradicionais”; “no Dia de Santo Reis, as pessoas usam máscaras de palhaço” etc.

EXPRESSIONES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Informem se há danças ou encenações que integram a celebração. Digam em que parte da celebração elas se realizam e quais são as pessoas envolvidas diretamente.

Por exemplo: “durante a apresentação, cada personagem tem uma dança específica e um tom de voz distinto, apesar de todos serem interpretados pela mesma pessoa”; “cada grupo cria uma coreografia com marcações diferentes de passos e movimentos predeterminados”; “as mulheres dançam em volta da fogueira, enquanto as crianças, vestidas com as máscaras, encenam a guerra entre as aldeias” etc.

EXPRESSIONES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSIONES ORAIS)

Se existirem, digam em que parte da celebração elas são realizadas e quais são as pessoas responsáveis por fazê-las.

Por exemplo: “Durante a encenação, cada personagem tem uma música própria, que é executada enquanto o ator canta e pede ao público que repita o refrão”; “em diferentes momentos da festa, os mais velhos recitam uma benção ao grupo” etc.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MÚSICAIS, OBJETOS RITUAIS, ELEMENTOS CÊNICOS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO E OUTROS)

Informem se há e quais são os objetos existentes na celebração.



Em uma celebração é possível observar vários tipos de objetos. Chamam muita atenção os instrumentos musicais, a decoração e os objetos que têm significado especial. Eles podem ser antigos, estar na celebração há vários anos, ou podem ser refeitos a cada ano. Podem servir para caracterizar personagens ou para marcar as etapas da celebração. Digam quem os utiliza, em que parte da celebração eles aparecem e o que significam.

SE O GRUPO CONSIDERAR QUE ALGUM OBJETO TEM SIGNIFICADO ESPECIAL,
LEMBREM-SE DE QUE HÁ UMA CATEGORIA ESPECÍFICA PARA OBJETOS, DE MODO
A APROFUNDAR A PESQUISA NESSE CASO!

Por exemplo: “na celebração, os homens tocam um tipo de viola que só existe aqui e é conhecida como machete”; “no mês anterior à procissão, a comunidade prepara o tapete feito de pó de serragem, pó de café e outros materiais, por onde passará a procissão”; “a bandeira que vai à frente do cortejo tem mais de cem anos”; “na celebração são empregados instrumentos como cavaquinho, pandeiro, cuíca etc.”; “é utilizado um equipamento de DJ (toca-discos, *mixer*, caixas de som, fone de ouvido) no baile de *break*”, entre outros.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Digam quais estruturas e recursos são necessários para a celebração.

Para que a celebração aconteça, geralmente pessoas ou grupos se esforçam em providenciar uma estrutura especial ou preparar o espaço (como a colocação de um palco, a retirada de plantas, instalações elétricas, colocação de barracas etc.). Às vezes, há necessidade de levantar recursos financeiros para pagamentos de cachê, mão de obra, comida, decoração. Descubram quem são essas pessoas ou grupos que organizam e de que forma estão ligados à celebração.

Por exemplo: “O mestre tira do próprio bolso os recursos para as fantasias”; “a prefeitura instala a iluminação noturna e paga o transporte dos grupos que vêm da zona rural”; “a comunidade se organiza para

preparar a alimentação dos brincantes”; “o grupo arrecada dinheiro através de rifas, bingos, sorteios para compra do material” etc.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Informem se à celebração estão associadas outras referências, como objetos, lugares etc.

Se julgarem que algum deles merece atenção especial, lembrem-se de que outra ficha pode ser usada para aprofundar a pesquisa.

Por exemplo: “A festa depende do modo de fazer vinho de caju”; “a viola do seu José foi feita pelo primeiro violeiro da cidade e é um objeto importante para todos”; “as filhas de santo se banham na bica atrás do terreiro que foi construída na época dos escravos; é um lugar referencial para a comunidade” etc.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais pontos positivos para que a celebração continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento.

Façam um exercício de reflexão em grupo a respeito das informações levantadas nos campos anteriores: as pessoas dão importância à celebração? Elas se organizam para esse fim? Como? Ou a celebração está perdendo o significado que justifica a sua preservação?

RECOMENDAÇÕES

Façam propostas para melhorar as condições de existência, realização e transmissão da celebração.

Lembrem-se de anexar a Ficha das Fontes Pesquisadas. Listem os livros, documentos, *sites* da internet e tudo mais que foi consultado durante a pesquisa. Listem as pessoas que forneceram informações por meio de conversas informais.

>> FORMAS DE EXPRESSÃO



Nas formas de expressão estão presentes valores e significados da cultura de um grupo. Elas fazem parte de todos os momentos da vida coletiva, desde o cotidiano até os momentos de celebração, transmitindo a visão que as pessoas têm da vida. Entre elas, algumas são marcantes para os grupos sociais, pois dão visibilidade e sintetizam suas identidades.

São muitas as maneiras pelas quais uma comunidade expressa e comunica sua cultura. Para isso, muitos recursos são utilizados. Entre eles estão as diversas linguagens, como, por exemplo, a linguagem visual: pintura, escultura, fotografia, cinema, artesanato etc. Outras envolvem alguma atividade corporal ou encenação, como a dança, o teatro, um espetáculo, um curso, uma procissão etc. Há as formas de expressão literárias, que podem ser escritas ou orais. São tradições orais: provérbios, lendas, mitos, contos, cânticos, ditados, rimas, trovas, adivinhações, orações, ladainhas, expressões regionais, gírias e muitas outras formas. Algumas tradições, mesmo sendo orais, comumente são veiculadas de forma escrita, como a literatura de cordel.

É importante perceber que, em grande parte das vezes, uma manifestação cultural reúne várias formas de expressão, como uma dança, uma música, uma encenação, que são praticadas, todas, ao mesmo tempo. Muitas vezes as expressões orais estão associadas a outras manifestações e práticas culturais, como os dizeres e orações que são pronunciados em benzeduras e práticas medicinais, nos recitais de um espetáculo, nos cânticos de mutirão para realizar um trabalho.

As formas de expressão podem ter diferentes sentidos: religioso, como numa folia de reis ou numa procissão; político, ao comunicar protestos sociais, como o *hip hop* (que envolve o *break*, o *rap* e o grafite) etc.

ALGUMAS FORMAS DE EXPRESSÃO PODEM TER UM ALCANCE MAIS LOCAL, COMO, POR EXEMPLO, DETERMINADA PINTURA INDÍGENA, QUE NÃO SERÁ COMPREENDIDA PELOS NÃO INDÍGENAS E NEM POR INDÍGENAS DE OUTRA ETNIA. UMA DANÇA QUE É PRATICADA NO CANDOMBLÉ, POR EXEMPLO, POSSIVELMENTE SÓ SERÁ ENTENDIDA PELOS ADEPTOS DESSA RELIGIÃO. OUTRAS ESTÃO ESPALHADAS PELO PAÍS INTEIRO E APARECEM DE DIVERSAS MANEIRAS, A DEPENDER DO LOCAL, COMO, POR EXEMPLO, O JEITO DE TOCAR E DANÇAR FORRÓ, OU AS DIFERENTES FESTAS QUE ENVOLVEM A FIGURA DO BOI.

A principal forma de comunicação de um grupo é a própria língua, sendo um dos meios fundamentais da transmissão da cultura. É a língua em comum que possibilita a pessoas tão diferentes, com modos de vida tão diversos, se entenderem e partilharem de um mesmo referencial de sentidos e significados. Toda língua apresenta variações, que podem ser conhecidas como sotaques, gírias, jargões, falares etc.

A LÍNGUA É UM DOS MEIOS FUNDAMENTAIS DA TRANSMISSÃO DA CULTURA E É QUASE CERTO QUE, NO DECORRER DO TRABALHO, O GRUPO VÁ OUVIR E IDENTIFICAR MUITAS PALAVRAS E EXPRESSÕES PECULIARES. POR ISSO, SEMPRE QUE POSSÍVEL, SUGIRA A ORGANIZAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO COM CADA UMA DESSAS PALAVRAS E O SEU RESPECTIVO SIGNIFICADO.

Círio de Nossa Senhora de Nazaré, pessoas levando a corda, Belém – PA. Foto: Luiz Braga/Acervo Iphan.





>>> FICHA DAS FORMAS DE EXPRESSÃO

Orientação de preenchimento

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum da forma de expressão que escolheram inventariar e outros nomes pelos quais ela é conhecida.

No caso de haver mais de um, informem os nomes que surgirem ao longo da pesquisa.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho da forma de expressão.

Lembrem-se de que haverá um espaço para as imagens coletadas na Ficha do Relatório de Imagens. Para a primeira página, selecionem a que o grupo considera a mais representativa.

O QUE É

Contem de forma resumida como é a forma de expressão.

Não é necessário dar muitos detalhes sobre ela, uma vez que os outros campos da ficha são destinados a informações mais completas.

Por exemplo: “é a forma que os imigrantes italianos falam na região”; “é o jeito como os vaqueiros se comunicam com o gado”; “é um movimento artístico das periferias urbanas no Brasil que expressa a realidade da comunidade, principalmente a dos jovens”; “é uma dança marcada por fortes traços africanos, na qual uma roda de mulheres dança diante dos tambores tocados por homens” etc.



Samba de Roda, Patrimônio Cultural, Salvador – BA. Foto: Acervo Iphan, 2006.

ONDE ESTÁ

Localizem a forma de expressão a partir das referências mais conhecidas.

Informem onde ela ocorre e como é o local. Falem se o espaço precisa ser preparado com alguma decoração, equipamento ou estrutura. Se houver algum motivo especial para que a forma de expressão ocorra nesse local, relatem também. No caso de haver mais de um local onde ocorra essa forma de expressão, informem quais e como são esses espaços. Pode ser um bairro ou um prédio, um rio, uma praia, uma fazenda, locais do cotidiano da comunidade, tais como centros religiosos, escolas, quadras de esporte, ruas, praças, feiras etc. E pode ser que não haja um local especialmente definido para a forma de expressão acontecer. Algumas formas de expressão envolvem a movimentação das pessoas por diferentes espaços. Logo, se houver um roteiro a ser percorrido, relatem esse percurso.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados à forma de expressão.

Informem em que datas ou épocas ela ocorre e qual é a duração.



Informem se há uma duração específica (algumas horas, dias, ou se ocorre durante uma temporada maior). Pode ser que a forma de expressão esteja vinculada ao clima, à época de chuva ou seca. Algumas vezes, as datas não importam muito, podendo ela acontecer em qualquer tempo, sem se vincular a um calendário específico.

Por exemplo: “as rodas de capoeira costumam acontecer na praça, aos finais de semana”; “a expressão antes era falada cotidianamente; hoje ela é mais utilizada nas ocasiões festivas da comunidade”; “as gírias são intensamente utilizadas quando os jovens estão reunidos” etc.

HISTÓRIA

Contem sobre as origens e transformações da forma de expressão ao longo do tempo.

Reúnam informações sobre a forma de expressão do passado até os dias de hoje, contando as diferentes versões sobre suas origens e desde quando ela acontece no território pesquisado. Identifiquem pessoas, grupos e acontecimentos relacionados a ela. Informem também sobre as transformações ao longo do tempo e como elas ocorreram.

Por exemplo: “os mais velhos dizem que a expressão foi ensinada pelos deuses que criaram o mundo”; “a brincadeira foi criada pelos escravos na época da colônia; no começo do século passado, ela passou a ser feita pelos operários das fábricas que vieram morar no bairro”; “até a década de 1920, a polícia costumava reprimir as pessoas que praticavam essa forma de expressão; hoje em dia ela é incentivada com programas do governo”; “quando o turismo chegou na década de 1970, essa forma de expressão passou a ser valorizada e ganhou muitos adeptos” etc.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções tem a forma de expressão para a comunidade.

Essa descrição é um item importante no inventário, pois explica os motivos pelos quais a forma de expressão foi identificada como relevante e os motivos pelos quais as pessoas se expressam dessa forma. Uma forma de expressão pode ter diversos significados para diferentes grupos ou pessoas. Alguns podem estar explícitos, outros podem ser menos claros e o trabalho da equipe de inventário pode ser, justamente, descobrir e interpretar esses significados. Para preencher esse campo, colemos “causos”, narrações das pessoas em relação à forma de expressão. Vocês vão ver, por meio dessas histórias, que ela pode ter diferentes sentidos.

Por exemplo: “é a partir da gíria que os jovens se identificam, mas, em geral, os mais velhos não gostam, pois não compreendem muito bem o que os mais jovens dizem”; “elas representam figuras de santos ou do cotidiano do lugar antigamente, mas, hoje em dia, são muito utilizadas apenas para decorar produtos que são vendidos aos turistas” etc.

DESCRIÇÃO

Pode ser que a forma de expressão não esteja acontecendo na mesma época da pesquisa; então, entrevistem pessoas para saber as características dessa forma de expressão. Recorram a livros, revistas, textos, jornais, fotografias e filmagens, nos quais possam aprofundar essas informações.

ETAPAS

Informem se na forma de expressão há etapas. Caso sim, indiquem quais.

As formas de expressão geralmente se constituem por processos com diferentes etapas. Considerem as etapas de preparação, como ensaios e reuniões do grupo, e também as etapas de apresentação da forma de expressão, mencionando a ordem em que ocorrem e também como é finalizada. Listem as etapas e expliquem resumidamente em que consistem.

Por exemplo: “no período da seca são preparados os materiais e no início das chuvas é que são feitas as bonecas Karajá”; “os personagens



principais da encenação só aparecem à noite, pois é preciso estar escuro no momento da cena”; “uma etapa importante do processo é o momento em que os blocos se encontram na esquina da Praça da Matriz” etc.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem quem são as pessoas envolvidas com a forma de expressão e o que elas fazem.

MATERIAIS

Identifiquem quais são os materiais utilizados nessa forma de expressão.

Em algumas situações, materiais podem ser utilizados para evidenciar a forma de expressão. Se esse for o caso, informem quais são e como são utilizados esses materiais (palha nas vestimentas, argila e urucum para pintura corporal etc.).

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Identifiquem os principais produtos da forma de expressão (se houver) e atentem também para outros produtos que surgem dela.

Algumas vezes, a forma de expressão pode ser reconhecida em um produto, como é o caso de um tipo de artesanato em palha, ou uma cerâmica, ou um estilo de pintura, ou um CD.

DICAS: ALGUNS DOS MATERIAIS E PRODUTOS PODEM ENVOLVER PROCESSOS ESPECIAIS DE MANEJO QUE MERECEM UM ESTUDO MAIS APROFUNDADO. LEMBREM-SE DAS FICHAS "SABERES" E "OBJETOS"!

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Informem se há vestimentas e acessórios específicos utilizados na forma de expressão. Caso sim, quais são, para que servem e quem as usa.

A forma de expressão pode estar fortemente vinculada ao cotidiano das

peessoas. Porém, pode ser que algumas formas de expressão específicas possuam momentos diferenciados ou especiais em que há um cuidado maior com indumentárias e trajes. Quem são as pessoas que se caracterizam para esses momentos? Quem é responsável por produzir as indumentárias? Há algo de especial na sua produção?

Por exemplo: “em dias de apresentação, cada grupo se veste com figurinos personalizados, geralmente costurados por eles próprios; hoje em dia alguns grupos buscam patrocínios nas empresas locais para a produção das roupas”; “para tocar e dançar, os homens vestem ternos e as mulheres, saias compridas” etc.

EXPRESSIONES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Informem se há danças ou encenações na forma de expressão. Digam em que parte elas são realizadas e quais são as pessoas envolvidas.

Por exemplo: “há várias danças no ritual, com músicas e ritmos específicos para cada orixá”; “quando falam a língua, as pessoas tendem a gesticular muito mais, pois os gestos estão muito associados à linguagem”; “quando há encenação, uma equipe interpreta os bons e outra, os maus, que gesticulam e gritam de maneira agressiva e ameaçadora, enquanto os bons se mostram sérios e serenos” etc.

EXPRESSIONES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE ORALIDADE)

Informem se há músicas, cânticos, orações e outras oralidades próprias da forma de expressão. Se sim, quais são elas? Digam em que parte elas são realizadas e quais são as pessoas responsáveis.

Por exemplo: “o desafiante começa improvisando uma rima que brinca com alguma característica do seu oponente”; “há canções tradicionais cantadas na língua antiga e que só os mais velhos sabem traduzir”; “as ladainhas são cantadas em todas as missas importantes em latim, ainda que a maioria das pessoas não saiba o significado das palavras” etc.



OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MUSICAIS, RITUAIS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO)

Informem se há e quais são os objetos relacionados à forma de expressão.

Em uma forma de expressão, é possível observar vários tipos de objetos. Em geral, se destacam os instrumentos musicais, a decoração e alguns objetos de significado especial. Eles podem ser objetos antigos, presentes na forma de expressão há vários anos, ou podem ser refeitos a cada ano. Podem servir para caracterizar personagens ou para marcar as etapas. Digam quem os utiliza, em que momento eles aparecem e o que significam.

Por exemplo: “o duelo só acontece acompanhado pelos acordes da viola; inclusive, a viola do seu José tem mais de sessenta anos e foi feita pelo pai dele”; “as bonecas que vão à frente do cortejo representam os ancestrais e, em sua honra, são cantadas as primeiras toadas e loas” etc.

SE O GRUPO CONSIDERAR QUE ALGUM OBJETO TEM SIGNIFICADO IMPORTANTE, LEMBREM-SE DE QUE HÁ UMA CATEGORIA ESPECÍFICA PARA OBJETOS, DE MODO A PODER APROFUNDAR A PESQUISA NESSE CASO.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Digam quais são as estruturas e os recursos necessários para a celebração.

Para que a forma de expressão continue existindo, geralmente pessoas ou grupos se esforçam em providenciar estruturas especiais (palcos, iluminação, estruturas de sinalização e segurança etc.). Às vezes há necessidade de levantar recursos para cobrir custos de mão de obra, comidas, indumentárias etc. Entrevistem essas pessoas ou grupos que estão ligados à manutenção da forma de expressão.

Por exemplo: “para se manter, os praticantes dão aulas, cursos e vendem algumas peças, como instrumentos musicais, roupas etc”; “o centro vive

de doações”; “os brincantes criaram uma associação que busca recursos em prefeituras e programas de governo” etc.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Informem se há outras referências associadas à forma de expressão (como objetos, lugares etc).

Se julgarem que alguma delas merece atenção especial, lembrem-se de que outra ficha pode ser utilizada para aprofundar a pesquisa.

Por exemplo: “quase todas as rendeiras moram em casas antigas do centro histórico”; “nas rimas daqui se utilizam muitas expressões características do sotaque regional” etc.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais pontos positivos para que a forma de expressão continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento.

Façam um exercício de reflexão em grupo a respeito das informações levantadas nos campos anteriores: as pessoas dão importância a essa forma de expressão? Elas se organizam para esse fim? Como? Ou a forma de expressão está perdendo o significado que justifica a sua preservação?

RECOMENDAÇÕES

Façam propostas para melhorar as condições de existência, realização e transmissão da forma de expressão.

Lembrem-se de anexar a Ficha das Fontes Pesquisadas. Listem os livros, documentos, *sites* da internet e tudo mais que foi consultado durante a pesquisa. Listem também as pessoas que forneceram informações por meio de conversas informais.

>> SABERES

A realização de um produto ou serviço envolve técnicas e conhecimentos próprios que podem se constituir em referências culturais para o grupo, como a receita de uma comida, ou uma técnica especial empregada para tocar ou produzir um instrumento musical. São saberes que podem ter sentido prático ou ritual e que, às vezes, até reúnem as duas dimensões. É o caso dos métodos relacionados à cura, presentes nas benzeduras ou pajelanças.



Tais saberes envolvem o conhecimento de técnicas e matérias-primas que dizem muito sobre o meio ambiente e o modo como as pessoas interagem com ele. Por exemplo, os ofícios tradicionais de pescador, quebradeira de coco babaçu, catadores de açaí, garimpeiro, seringueiro; ou a maneira de construir uma casa de taipa, adobe, ou madeira, como nas palafitas etc.

ALGUNS SABERES E PRÁTICAS EXPLICAM MUITO DA HISTÓRIA DE UMA COMUNIDADE. AS QUE TÊM UM FORTE VÍNCULO COM O CAMPO, POR EXEMPLO, PODEM TER COMO REFERÊNCIA O OFÍCIO DE VAQUEIRO OU DE ABOIADOR; OUTRAS PODEM AINDA DESENVOLVER PRÁTICAS E TÉCNICAS USADAS DESDE MUITO TEMPO

POR POPULAÇÕES QUE HABITAVAM O TERRITÓRIO E QUE NÃO EXISTEM MAIS. ALGUMAS PRÁTICAS ESTÃO PRESENTES EM MUITOS LUGARES, MAS SE DESENVOLVEM DE MANEIRA DIFERENTE EM CADA UM, COMO AS FORMAS DE CULTIVO E USO DA MANDIOCA OU DE DESTILAÇÃO DA CANA.



Artesã com cerâmica de Maragogipinho – BA.
Foto: Acervo Iphan, 2009.

>>> FICHA DOS SABERES

Orientação de preenchimento

IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum do saber que escolheram pesquisar e outros nomes pelos quais é conhecido.

No caso de haver mais de um, informem todos os nomes que surgirem durante a pesquisa.

IMAGEM

No quadro de imagem insiram fotos ou façam um desenho do saber.

Lembrem-se de que há um espaço para as imagens coletadas na Ficha do Relatório de Imagens. Para a primeira página, selecionem a que o grupo considera a mais representativa do saber.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é o saber.

Não é necessário detalhar; outros campos da ficha são para informações mais completas.

Por exemplo: “é o ofício dos artesãos, que criaram o centro de reciclagem do bairro”; “a forma de fazer doces de compota, característica da região” etc.

ONDE ESTÁ

Localizem o saber a partir das referências mais fáceis e conhecidas.

Informem onde ele ocorre e como é esse local. Se houver algum motivo



especial para que o saber ocorra ali, relatem também. No caso de haver mais de um local onde ocorre o saber, informem quais e como são eles.

Por exemplo: “essa forma de plantio é originária da zona rural do município, mas hoje é muito utilizada também nos quintais dos bairros de periferia”; “ele existe em todo o Centro-Oeste e Sudeste brasileiro”; “esse conhecimento só existe na comunidade do porto” etc.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados ao saber.

Pode ser que haja datas ou épocas importantes associadas ao saber ou que alguma ação decorrente do saber só possa acontecer em algum período específico. Outras vezes, o saber é sempre aplicado, sem se vincular a nenhuma data importante. É necessário conhecer, também, qual é a duração das práticas vinculadas ao saber: se horas, dias ou um período maior, que envolva vários processos ou etapas.

Por exemplo: “a época da colheita da fruta ocorre no mês de dezembro e é quando as cozinheiras produzem as compotas”; “a festa de São Sebastião, que acontece todo ano em janeiro, é importante para esse saber, pois é nesse dia da festa que se tocam os instrumentos que os mestres confeccionam” etc.

HISTÓRIA

Contem sobre as origens e transformações do saber ao longo do tempo.

Reúnam informações sobre o saber desde antigamente até os dias de hoje, informando as diferentes versões sobre suas origens e desde quando ele é praticado no território pesquisado. Identifiquem pessoas, grupos e acontecimentos relacionados a ele. Informem sobre as transformações ao longo do tempo e como ocorreram.

Por exemplo: “os mais velhos dizem que já se produzia esse tipo de panela desde os tempos dos índios que moravam na região, os quais ensinaram as técnicas aos primeiros colonizadores que chegaram ao território”; “antigamente, as cordas da viola eram feitas com tripa de macaco; hoje em dia, se usam encordoamentos industrializados”; “antigamente, o queijo era feito com a muda do fermento; hoje se usa coalho industrializado”; “o pastel de angu só era conhecido aqui, no bairro; depois que a dona Zezinha participou de um programa de televisão em 2005, a receita ficou famosa e é feita hoje em vários outros lugares” etc.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções tem o saber para a comunidade.

Essa descrição é um item importante no inventário, pois trará os motivos pelos quais o saber foi identificado como relevante. Um saber pode ter diversos significados para diferentes grupos ou pessoas. Alguns podem estar explícitos, outros podem ser menos claros e o trabalho da equipe de inventário pode ser, justamente, o de descobrir e interpretar esses significados. Serão conhecidos os motivos pelos quais as pessoas guardam e transmitem os seus saberes de tal maneira e por que os julgam importantes. Para preencher esse campo, colem “causos” e narrações das pessoas. Vocês vão verificar por meio dessas histórias que o saber pode ter diferentes sentidos.

Por exemplo: “apesar de ter uma função prática de decoração, os artesanatos também demonstram o cotidiano das pessoas do lugar”; “as carrancas nos barcos têm função de espantar os maus espíritos e contribuir para uma boa pesca”; “antigamente, as pessoas que sabiam esse ofício, a capoeira, eram ligadas a terreiros de Umbanda; hoje em dia, muitas pessoas o praticam apenas como atividade física” etc.



DESCRIÇÃO

ETAPAS

Informem se há e quais são as etapas associadas ao saber.

Os saberes geralmente se constituem de processos com diferentes etapas. Listem-nas, explicando-as resumidamente: “para fabricar as canoas, é preciso retirar a madeira da mata na lua cheia, pois é quando ela tem maior resistência”; “é preciso deixar a receita descansar de um dia para o outro; essa etapa é conhecida por ‘pouso’, na região”; “a pintura é a última etapa da fabricação do produto” etc.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem quem são as pessoas envolvidas com o saber.

MATERIAIS

Identifiquem quais são os materiais necessários para esse saber.

Em algumas situações, materiais podem ser utilizados na produção do saber. Se esse for o caso, informem quais são e como são utilizados esses materiais (feijão para o acarajé, leite para o queijo, goiaba para o doce, raiz de Timbaúba para a jangada etc.).

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS

Identifiquem e descrevam as formas de fazer que compõem o saber.

Quase sempre, um saber possui várias técnicas específicas, desenvolvidas durante muitas gerações por pessoas diferentes, que constituem o repertório tradicional dos modos de fazer as coisas: “para fazer a massa, as cozinheiras têm uma técnica muito especial: elas dobram a massa seis vezes e depois a recortam em cilindros”; “para fazer a renda, as rendeiras passam o fio pela agulha três vezes antes de perfurar o pano; os pontos são executados de várias maneiras e com bastante destreza e velocidade”;

“para fazer a rabiola das pipas, os garotos usam um nó específico, que todos aprendem com muita facilidade” etc.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Identifiquem os principais produtos resultantes do saber (se houver).

Por exemplo: “os artesãos produzem principalmente artefatos para venda aos turistas; contudo, alguns deles ainda utilizam panelas e outros utensílios feitos por eles mesmos”; “o principal produto do saber do pescador são as diferentes redes utilizadas para pesca e até mesmo para venda”; “o sapateiro aplica o seu saber principalmente no conserto de sapatos velhos, mas também produz sapatos novos para venda” etc.

ALGUNS PRODUTOS PODEM TER, INDIVIDUALMENTE, VALOR ESPECIAL, QUE PODE MERECEER UM ESTUDO MAIS APROFUNDADO. LEMBREM-SE DA FICHA "OBJETOS".

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Informem se há vestimentas e acessórios específicos associados ao saber. Caso sim, relatem quais são, para que servem e quais são as pessoas que os usam.

O saber pode estar fortemente vinculado ao cotidiano das pessoas. Pode ser que alguns saberes específicos possuam momentos especiais, ou momento em que haja um cuidado maior com indumentárias e vestimentas. Quem são as pessoas que usam as roupas e acessórios, pondo em prática esse saber? Quem é responsável por fazer as indumentárias? Há algo de especial nelas?

Fuxico. Foto: Márcio Vianna, 2007.





Por exemplo: “as baianas, antes de preparar o acarajé, se vestem da forma tradicional, com saias e turbantes”; “antigamente, para fabricar o queijo não havia nenhuma roupa especial, mas, hoje em dia, as pessoas utilizam luvas, toucas e aventais, por exigência dos órgãos de vigilância sanitária”; “as baianas de acarajé vestem roupas que elas confeccionam de uma forma parecida com as que os seus antepassados faziam” etc.

EXPRESSIONES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Informem se há danças ou encenações associadas ao saber. Digam quando elas acontecem e quem são as pessoas envolvidas.

Por exemplo: “durante a fabricação do vinho, na hora de pisar a uva, há uma dança, que é bailada desde as gerações passadas” etc.

EXPRESSIONES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE ORALIDADE)

Informem se há músicas, cânticos, orações e outras formas de expressão oral próprias do saber. Se sim, quais são elas? Digam quando são realizadas e quem são os responsáveis por fazê-las.

Por exemplo: “para fazer a pamonha, as mulheres sentam em roda e cantam canções que aprenderam com suas avós”; “as fiandeiras cantam enquanto tecem seus panos; em geral, elas improvisam versos que fazem referências umas às outras e ao cotidiano”; “antes de cortar o tronco para fazer o tambor, sempre é feita uma oração para pedir a bênção do padroeiro” etc.

LEMBREM-SE DE QUE HÁ UM CAMPO ESPECÍFICO PARA OUTRAS REFERÊNCIAS ASSOCIADAS. UMA EXPRESSÃO CORPORAL OU ORAL ASSOCIADA AO SABER PODE SER VISTA COMO UMA FORMA DE EXPRESSÃO. VOCÊS PODEM UTILIZAR A FICHA "FORMAS DE EXPRESSÃO", SE QUISEREM APROFUNDAR A PESQUISA.

OBJETOS IMPORTANTES (FERRAMENTAS, INSTRUMENTOS UTILIZADOS)

Informem se há e quais são os objetos necessários ao saber.

Um saber geralmente depende de um conjunto de ferramentas e instrumentos específicos. Eles podem ser objetos antigos, que estão presentes nesse saber há vários anos, ou podem ser refeitos a cada ano, de maneira especial. Digam quem os utiliza, em que momento eles aparecem e o que significam.

Por exemplo: “para fazer a viola, os artesãos utilizam apenas talhadeiras afiadas”; “há um tacho de cobre na comunidade que dizem ter vindo de Portugal na época do Império”; “o tambor é um instrumento essencial para ensinar essa dança” etc.

SE O GRUPO CONSIDERAR QUE ALGUM OBJETO TEM SIGNIFICADO IMPORTANTE, LEMBREM-SE DE QUE HÁ UMA CATEGORIA ESPECÍFICA PARA OBJETOS, DE MODO A APROFUNDAR A PESQUISA.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Digam quais são as estruturas e os recursos necessários para o saber.

Para que o saber continue existindo, geralmente vários materiais e recursos são necessários. Às vezes são matérias-primas; às vezes, recursos financeiros. Procurem saber se há necessidade de apoio institucional ou de articulação entre várias pessoas para viabilizar a existência desse saber.

Por exemplo: “para fabricar a canoa, é necessária uma madeira especial, cujo corte é proibido hoje em dia, pois já não há matas nos arredores das cidades”; “antigamente, tudo era feito de maneira bastante artesanal, apenas com os recursos naturais disponíveis nas fazendas e sítios da região; hoje em dia, com o crescimento da cidade, em geral, os materiais são comprados ou doados pelos comerciantes”; “para empinar a pipa, o ideal é ter grandes espaços abertos, mas, com o crescimento do bairro, quase já não há lugares assim” etc.



TRANSMISSÃO DO SABER

Procurem descobrir como se aprende e se ensina esse saber.

O saber, por ser um conjunto de conhecimentos, depende das pessoas para continuar existindo. É preciso que sempre haja indivíduos ou grupos que aprendam as técnicas e desenvolvam as habilidades necessárias para que essa referência cultural se mantenha viva. Esse é um item fundamental da pesquisa. A partir da investigação, será possível compreender como o saber continua existindo e se permanecerá para as futuras gerações.

Por exemplo: “ não há escolas ou cursos sobre essa forma de construção; ela é aprendida na prática, quando o aprendiz ajuda e observa o mestre”; “as artesãs aprendiam com suas mães e avós, mas hoje em dia se organizam em associações que promovem cursos em que se ensinam as técnicas tradicionais e se aprendem novas técnicas”; “geralmente se aprende brincando” etc.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais pontos positivos para que o saber continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento.

Façam um exercício de reflexão em grupo a respeito das informações levantadas nos campos anteriores: as pessoas dão importância ao saber? Elas se organizam para esse fim? Como? Ou o saber está perdendo o significado que justifica sua preservação?

RECOMENDAÇÕES

Indiquem o que pode ser feito para a preservação do saber.

Lembrem-se de anexar a Ficha das Fontes Pesquisadas! Listem os livros, documentos, *sites* da internet e tudo mais que for consultado durante a pesquisa. Listem também as pessoas que forneceram informações por meio de conversas informais.

> FICHA DAS FONTES PESQUISADAS

Enumerem na **Ficha das Fontes Pesquisadas** as pessoas entrevistadas e os documentos utilizados, indicando em cada caso onde foram encontrados e para qual informação serviram.

Ao longo do inventário, vários documentos fornecerão informações. Esses documentos podem ser livros, papéis antigos, imagens, fotografias, vídeos e relatos orais. Pesquisem em bibliotecas, centros culturais, arquivos, museus etc. Junto às pessoas do seu território, pesquisem músicas, diários, objetos, desenhos, mapas, relatos e outros materiais sobre as referências culturais. A equipe deve ser orientada a reunir todas essas informações nesta ficha.

NÃO SE PREOCUPEM NECESSARIAMENTE COM NORMAS DE CITAÇÕES. ESSA FICHA TEM A FUNÇÃO DE ORGANIZAR AS INFORMAÇÕES, CASO SEJA NECESSÁRIO ACESSAR AS FONTES OUTRA VEZ. PENSEM QUE OUTRAS PESSOAS QUE SE INTERESSEM PELAS REFERÊNCIAS CULTURAIS PESQUISADAS, MESMO SEM TEREM PARTICIPADO DA PESQUISA, PODEM QUERER ACESSAR ESSAS FONTES.

> FICHA DO RELATÓRIO DE IMAGENS

Insiram na **Ficha do Relatório de Imagens** as fotografias, pinturas, gravuras e os desenhos selecionados.

LEMBREM-SE DE COLOCAR O TÍTULO/ASSUNTO, A DATA, O LOCAL E A AUTORIA DE CADA IMAGEM.

> FICHA DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

A **Ficha do Roteiro de Entrevista** serve para organizar os assuntos que o grupo considera importantes para a caracterização da referência cultural que está sendo inventariada.

É importante que a entrevista ocorra de maneira agradável e franca. Para valorizar as conversas e garantir uma interação mais aprofundada com os entrevistados, não se preocupem em seguir à risca a ordem e os campos da ficha. Algumas pessoas são mais falantes; outras, mais tímidas. Respeitem isso e deixem o diálogo fluir!

HÁ UM CAMPO PARA A IMAGEM DO ENTREVISTADO, QUE PODE SER PREENCHIDO COM UMA FOTO OU DESENHO. ALGUMAS PESSOAS NÃO GOSTAM DE SER FOTOGRAFADAS. A EQUIPE DEVE ESTAR ORIENTADA A PEDIR PERMISSÃO ANTES DE FOTOGRAFAR OU FILMAR AS PESSOAS. CASO NÃO SE OBTENHA A PERMISSÃO, NÃO É PRECISO INSISTIR.

LOGO NO INÍCIO DAS FILMAGENS, VOCÊS PODEM SOLICITAR AO ENTREVISTADO PARA AUTORIZAR A VEICULAÇÃO DE SUA ENTREVISTA. TAMBÉM PODE SER ASSINADO UM TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM. CASO SEJA NECESSÁRIO, VÁRIOS MODELOS DESSE TERMO SÃO FACILMENTE ENCONTRADOS NA INTERNET.

A entrevista servirá para compreender a relação do entrevistado com a referência cultural. É bom lembrar-se de trazer à tona questões importantes, como: a idade com que a pessoa conheceu ou passou a frequentar/utilizar/produzir a referência cultural; como era a referência cultural na época em que ela a conheceu; quais foram as transformações pelas quais passou ao longo dos anos.

A partir da conversa com o entrevistado é que será feita a avaliação sobre a importância do bem cultural para a sua comunidade, hoje e em outros tempos.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.
Departamento de Articulação e Fomento. Coordenação de Educação Patrimonial. **Educação Patrimonial** – Histórico, conceitos e processos. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4240>. Acesso em: 12 fev. 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.
Departamento de Identificação e Documentação. **Manual de Aplicação** – Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.
Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização. **Bens Móveis e Integrados**. Brasília, 2009.

INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO. **Kit de Recolha de Património Imaterial**. Lisboa, 2011. Disponível em: <http://www.matrizpci.imc-ip.pt/matrizpci.web/AreaJovens/AreaJovensKit.aspx>. Acesso em: 12 fev. 2014.

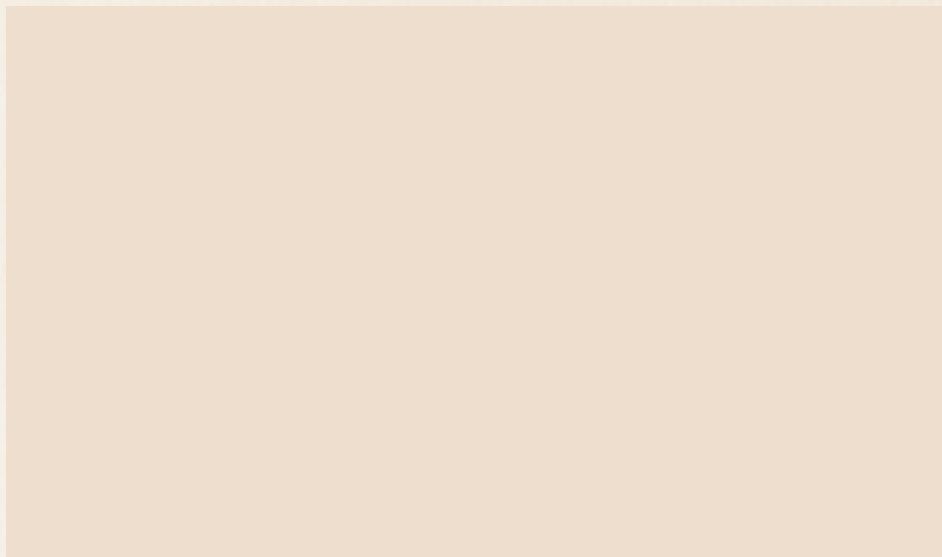
MODELOS DAS FICHAS

> FICHA DO PROJETO

TÍTULO DO PROJETO

NOME DA ESCOLA, INSTITUIÇÃO OU GRUPO/BAIRRO/MUNICÍPIO/ESTADO

FOTO DA EQUIPE



NOME DOS INTEGRANTES DA EQUIPE

NOME DO MONITOR OU RESPONSÁVEL, SE FOR O CASO

NOME DOS ENTREVISTADOS

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

PERÍODO DE REALIZAÇÃO

REFERÊNCIAS/MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PESQUISADAS

FICHAS DAS CATEGORIAS DO PATRIMÔNIO CULTURAL UTILIZADAS NO PROJETO

Lugares:

Objetos:

Celebrações:

Formas de Expressão:

Saberes:

Total de fichas produzidas:

DOCUMENTAÇÃO PRODUZIDA

Nº de fotografias:

Horas de gravação de vídeo:

Horas de gravação de som:

Nº de desenhos:

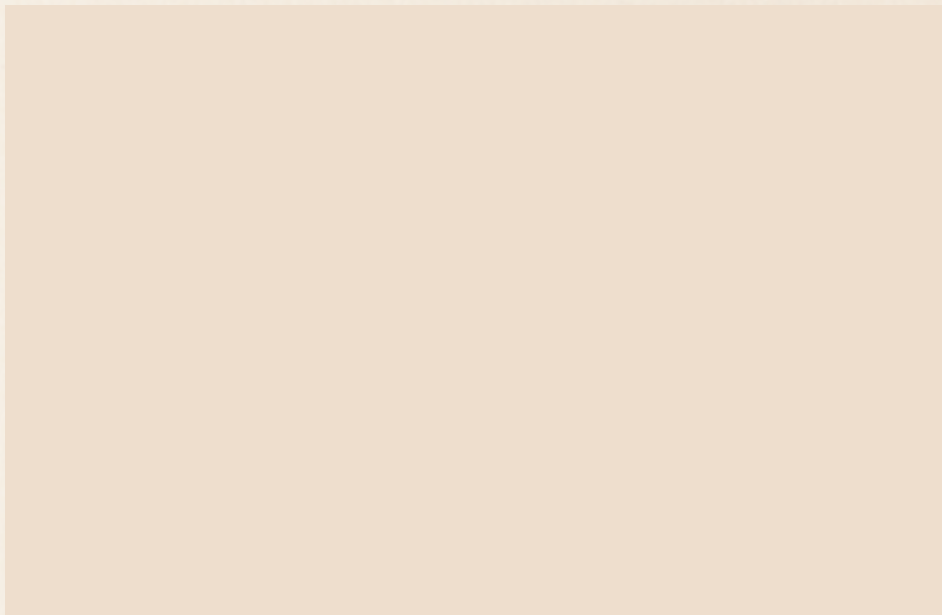
Nº de transcrições de entrevistas:

Nº de cadernos de campo:

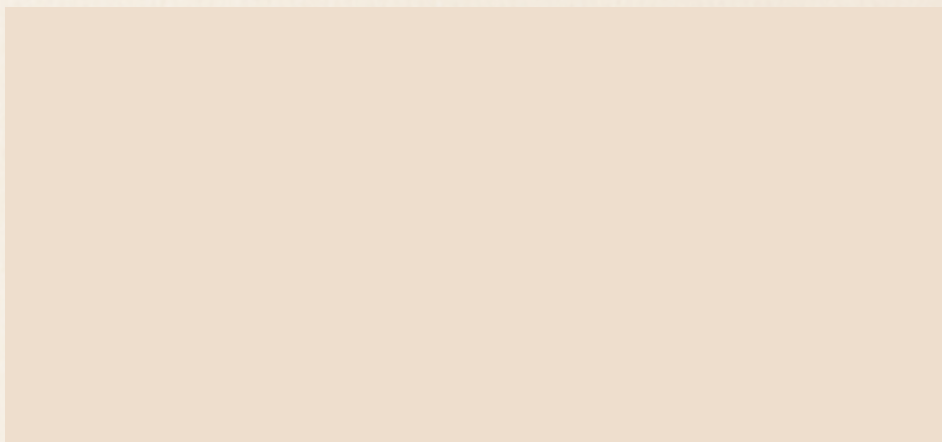
OBSERVAÇÕES

> FICHA DO TERRITÓRIO

IMAGEM DO TERRITÓRIO



MAPA DO TERRITÓRIO



DENOMINAÇÃO DO TERRITÓRIO

OUTRAS REFERÊNCIAS DE LOCALIZAÇÃO

DESCRIÇÃO

HISTÓRIA

DADOS SOCIOECONÔMICOS

> FICHAS DAS CATEGORIAS

>>> LUGARES



IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum do lugar e outros nomes pelos quais é conhecido.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do lugar.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é o lugar.

ONDE ESTÁ

Procurem descrever o lugar a partir das referências mais conhecidas.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados ao lugar.

HISTÓRIA

Contem sobre as origens e transformações do lugar ao longo do tempo.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções tem o lugar para a comunidade.

DESCRIÇÃO

Pessoas envolvidas. Informem as principais pessoas envolvidas com o lugar.

ELEMENTOS NATURAIS

Informem quais são os elementos presentes no ambiente natural.

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

Informem se há elementos construídos no lugar e quais são as suas características.

VESTÍGIOS

Pesquise se o local possui vestígios de ocupações anteriores.

MATERIAIS

Informem os principais materiais que constituem os elementos do lugar.

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

Pesquise sobre as técnicas utilizadas para a construção do lugar.

MEDIDAS

Informem quais as medidas aproximadas: altura, largura, perímetro da área.

ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR

Informem as principais atividades realizadas no lugar por pessoas ou grupos.

MANUTENÇÃO

Identifiquem os responsáveis e os cuidados necessários para a manutenção do lugar.

CONSERVAÇÃO

Informem se o lugar está bem ou mal cuidado.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais aspectos para que o lugar continue sendo uma referência cultural e quais podem interferir para seu desaparecimento.

RECOMENDAÇÕES

Deem sugestões para a preservação do lugar, após fazer sua avaliação.

>>> OBJETOS

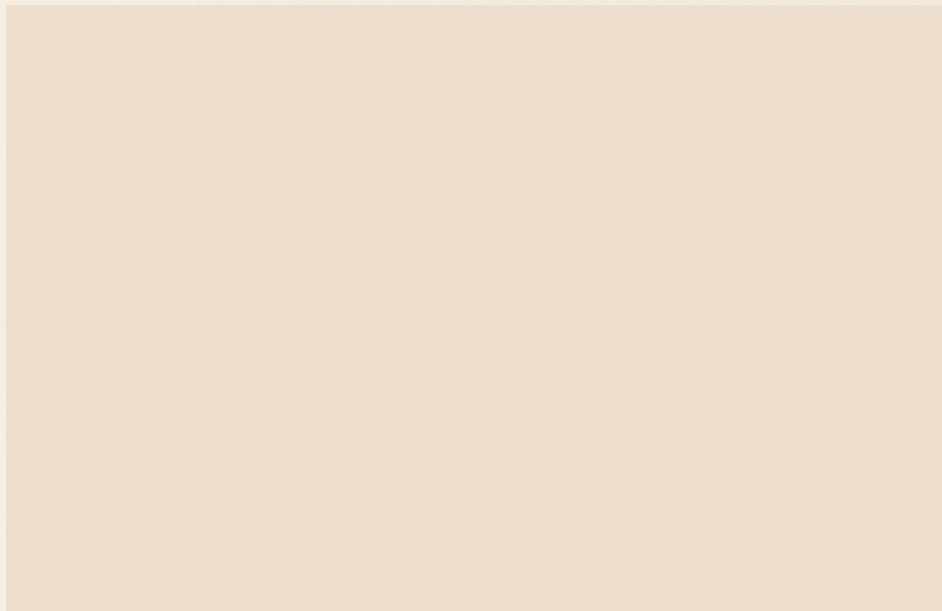
IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum do objeto e outros nomes pelos quais é conhecido.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do objeto.



O QUE É

Contem de forma resumida como é o objeto.

ONDE ESTÁ

Localizem no território o objeto a partir das referências mais conhecidas.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados a esse objeto.

HISTÓRIA

Contem sobre as origens e transformações do objeto ao longo do tempo.

SIGNIFICADOS

Descubram que significados e funções tem o objeto para a comunidade.

DESCRIÇÃO

Pessoas envolvidas. Informem quem são as pessoas envolvidas na confecção ou uso do objeto.

MATERIAIS

Identifiquem os materiais utilizados na confecção do objeto.

TÉCNICAS OU MODOS DE FAZER

Informem a técnica usada na produção ou confecção do objeto.

MEDIDAS

Identifiquem as dimensões do objeto.

ATIVIDADES RELACIONADAS AO OBJETO

Identifiquem as principais atividades realizadas por pessoas ou grupos que possam estar relacionados com o objeto estudado.

MANUTENÇÃO

Identifiquem os responsáveis pelo objeto e os cuidados necessários para sua manutenção.

CONSERVAÇÃO

Informem se o objeto está bem ou mal cuidado.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais aspectos para que o objeto continue sendo uma referência cultural e quais podem interferir para seu desaparecimento.

RECOMENDAÇÕES

Deem sugestões para a preservação do objeto, após fazer sua avaliação.

>>> CELEBRAÇÕES



IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum da celebração e outros nomes pelos quais ela é conhecida.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho da celebração.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é a celebração.

ONDE ESTÁ

Localizem no território a celebração a partir das referências mais conhecidas.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados à celebração.

DESCRIÇÃO

Programação. Informem quais são os eventos ou etapas que fazem parte da celebração.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem quais são as pessoas que organizam e participam da celebração e o que elas fazem.

COMIDAS E BEBIDAS

Informem se são preparados alimentos especiais para a celebração. Caso sim, quais são eles?

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Informem se há vestimentas e acessórios específicos utilizados para a celebração. Caso sim, quais são e para que servem? Quem são as pessoas que os usam?

EXPRESSÕES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Informem se há danças ou encenações durante a celebração. Digam em que parte da celebração elas se realizam e quem são as pessoas envolvidas diretamente.

EXPRESSÕES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÕES ORAIS)

Se existirem, digam em que parte da celebração elas costumam ocorrer e quem são as pessoas responsáveis por fazê-las.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MÚSICAIS, OBJETOS RITUAIS, ELEMENTOS CÊNICOS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO E OUTROS)

Informem se há e quais são os objetos usados na celebração.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Digam quais são as estruturas e os recursos necessários para realizar a celebração.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS RELACIONADAS

Informem se à celebração estão associados outros bens culturais, como objetos, lugares etc.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais aspectos para que a celebração continue sendo uma referência cultural e os que podem interferir para seu desaparecimento.

RECOMENDAÇÕES

Façam propostas para melhorar as condições de existência, realização e transmissão da celebração.

>>> FORMAS DE EXPRESSÃO



IDENTIFICAÇÃO

NOME

Escrevam o nome mais comum da forma de expressão e outros nomes pelos quais é conhecida.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho da forma de expressão.

A large, empty rectangular area with a light beige background, intended for students to insert photos or draw the form of expression.

O QUE É

Contem de forma resumida o que é a forma de expressão.

ONDE ESTÁ

Localizem no território a forma de expressão a partir das referências mais conhecidas.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados a essa forma de expressão.

PESSOAS ENVOLVIDAS

Informem quem são as pessoas envolvidas com essa forma de expressão e o que elas fazem.

MATERIAIS

Identifiquem quais são os materiais utilizados nessa forma de expressão.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Identifiquem os principais produtos da forma de expressão (se houver) e atentem também para outros produtos que surgem dela.

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Informem se são utilizados vestimentas e acessórios específicos na forma de expressão. Caso sim, quais são, para que servem e quem os usa?

EXPRESSIONES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Informem se há danças ou encenações na forma de expressão. Digam em que parte da apresentação elas acontecem e quem são as pessoas envolvidas.

EXPRESSIONES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE ORALIDADE)

Informem se há músicas, cânticos, orações e outras oralidades características dessa forma de expressão. Se sim, quais são elas? Digam em que parte da apresentação elas são realizadas e quem são as pessoas responsáveis.

OBJETOS IMPORTANTES (INSTRUMENTOS MUSICAIS, RITUAIS, DECORAÇÃO DO ESPAÇO)

Informem se há e quais são os objetos relacionados à forma de expressão.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Digam quais são as estruturas e os recursos necessários para realizar a forma de expressão.

AVALIAÇÃO

Indiquem os principais pontos para que a forma de expressão continue sendo uma referência cultural e quais poderiam interferir para seu desaparecimento.

>>> SABERES



NOME

Escrevam o nome mais comum do saber e outros nomes pelos quais é conhecido.

IMAGEM

No quadro de imagem, insiram fotos ou façam um desenho do saber.

A large, empty rectangular area with a light beige background, intended for students to insert photos or draw pictures related to the subject.

O QUE É

Contem de forma resumida quais são as características desse saber e de que forma ele pode ser transmitido.

ONDE ESTÁ

Localizem o saber a partir das referências mais conhecidas.

PERÍODOS IMPORTANTES

Descubram os momentos ou datas importantes associados ao saber.

MATERIAIS

Identifiquem quais são os materiais necessários para esse saber.

MODOS DE FAZER OU TÉCNICAS

Identifiquem e descrevam as formas de fazer que compõem o saber.

PRODUTOS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Identifiquem os principais produtos resultantes do saber (se houver).

ROUPAS E ACESSÓRIOS

Informem se há vestimentas e acessórios específicos associados ao saber. Caso sim, quais são, para que servem e quais são as pessoas que os usam.

EXPRESSIONES CORPORAIS (DANÇAS E ENCENAÇÕES)

Informem se há danças ou encenações associadas ao saber. Digam quando elas se realizam e quem são as pessoas envolvidas.

EXPRESSIONES ORAIS (MÚSICAS, ORAÇÕES E OUTRAS FORMAS DE ORALIDADE)

Informem se há músicas, cânticos, orações e outras formas de expressão oral próprias do saber. Se sim, quais são eles? Digam quando são realizadas e quem são os responsáveis por fazê-los.

OBJETOS IMPORTANTES (FERRAMENTAS, INSTRUMENTOS UTILIZADOS)

Informem se há e quais são os objetos necessários ao saber.

ESTRUTURA E RECURSOS NECESSÁRIOS

Digam quais são as estruturas e os recursos necessários para o saber.

TRANSMISSÃO DO SABER

Procurem descobrir como se aprende e se ensina esse saber

> FICHA DAS FONTES PESQUISADAS

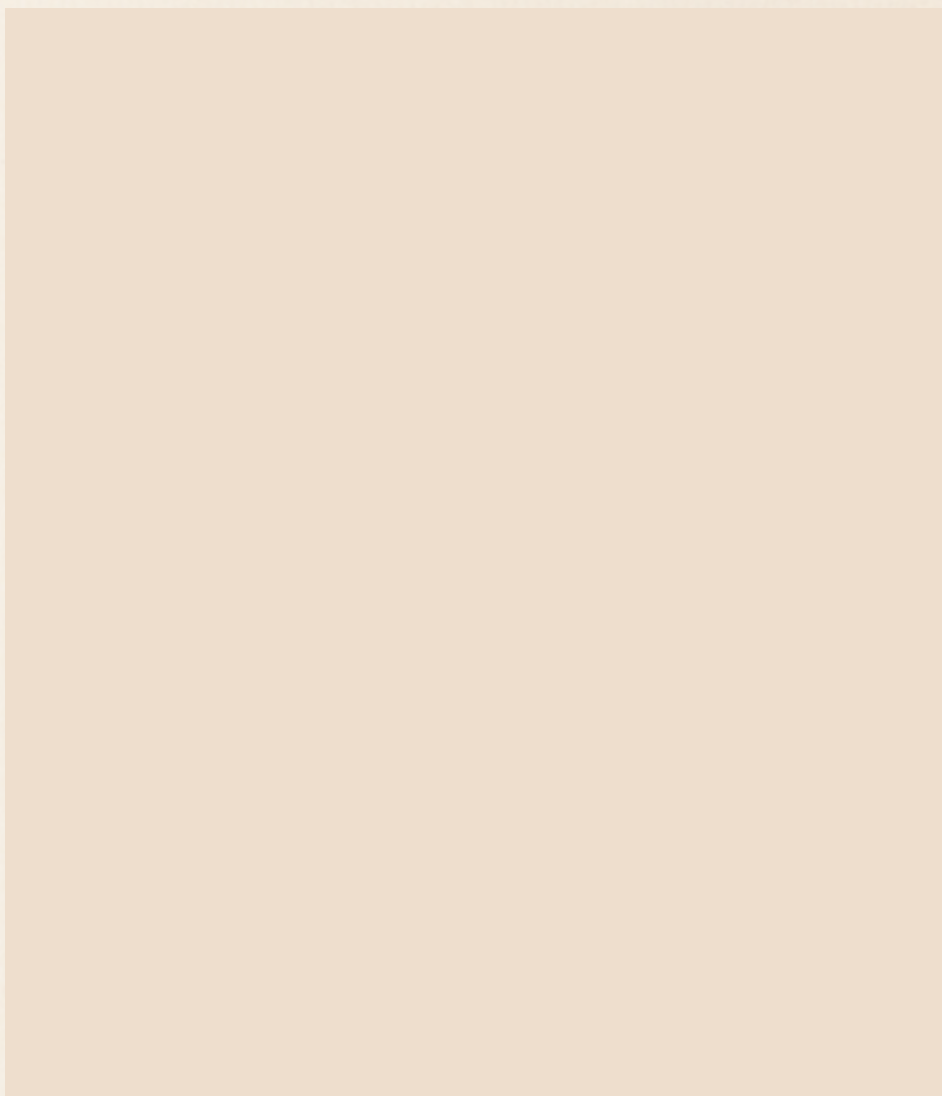
Ao longo do inventário, vários documentos fornecerão informações. Eles podem ser livros, papéis antigos, imagens, fotografias, mapas, vídeos, textos, jornais, revistas, **sites** na internet, relatos orais, entre outros.

Pesquisem em bibliotecas, centros culturais, arquivos, museus etc. Junto às pessoas do território onde ocorre a referência cultural inventariada, pesquisem músicas, diários, objetos, desenhos, mapas, relatos e outros materiais sobre as manifestações culturais.

FONTE:	ONDE ESTÁ (A BIBLIOTECA, A CASA DA PESSOA, SITES, O MUSEU, A ESCOLA, A PREFEITURA, O ARQUIVO PÚBLICO ETC.):

FONTE:	ONDE ESTÃO AS FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA (A BIBLIOTECA, A CASA DA PESSOA, SITES, O MUSEU, A ESCOLA, A PREFEITURA, O ARQUIVO PÚBLICO ETC.):

> FICHA DO RELATÓRIO DE IMAGENS

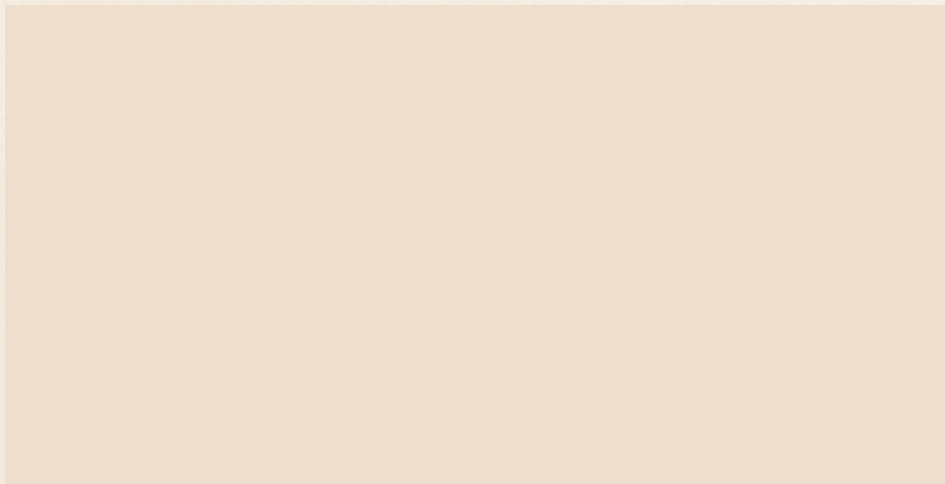


TÍTULO/ASSUNTO:

AUTOR:

DATA:

LOCAL:

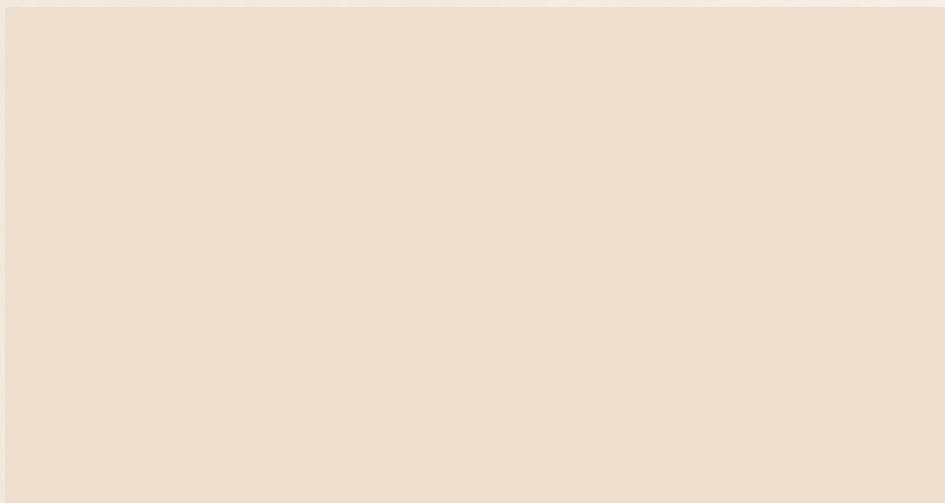


TÍTULO/ASSUNTO:

AUTOR:

DATA:

LOCAL:



TÍTULO/ASSUNTO:

AUTOR:

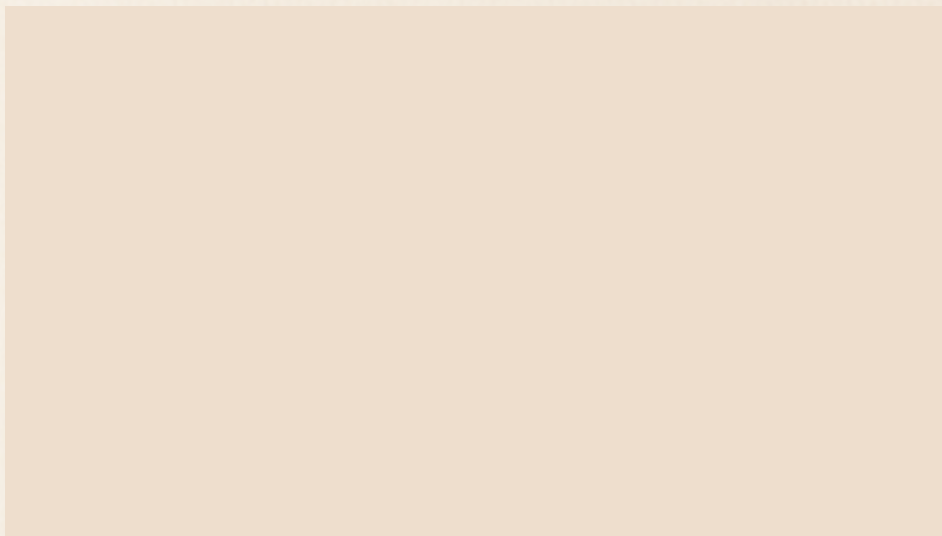
DATA:

LOCAL:

> FICHA DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ENTREVISTADO

IMAGEM



NOME/APELIDO

IDADE

LOCAL DE NASCIMENTO

LOCAL DE RESIDÊNCIA

CONTATOS

PROFISSÃO OU OCUPAÇÃO

RELAÇÃO DO ENTREVISTADO COM O BEM CULTURAL PESQUISADO

Lembrem-se de trazer à tona questões importantes como: a idade que a pessoa tinha quando conheceu a manifestação cultural e como era a manifestação nessa época; quais foram as transformações pelas quais a manifestação passou; quando começou a frequentar o local em que ocorre a manifestação; quando passou a utilizar um objeto ou a produzir elementos associados à manifestação.

INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE A MANIFESTAÇÃO CULTURAL

- > Qual a atividade desempenhada em relação à manifestação cultural?
- > Com que idade e com quem a aprendeu?
- > Da sua atividade resultam que tipos de serviços ou produtos? Para quem e para que servem?
- > Como realiza a sua atividade? Quais as etapas necessárias?
- > A sua atividade foi sempre realizada da mesma maneira?
- > Houve mudanças ao longo do tempo? Se houve, quais foram?
- > Quando e por que ocorreram?
- > Em sua opinião, essas alterações foram positivas ou negativas? Por quê?
- > Realiza a sua atividade individualmente ou junto com outras pessoas?
- > Que tarefas são específicas de uns e de outros?
- > Qual a importância que esta atividade tem na sua vida, na da sua família e na da sua comunidade?
- > Além de você, outras pessoas da sua comunidade detêm os mesmos conhecimentos e/ou desempenham a mesma atividade? Quem?
- > Em sua opinião, a continuidade da sua atividade e dos saberes tradicionais com que ela é realizada depende do quê?
- > Que outras informações deseja acrescentar sobre a sua atividade?

OBS: As perguntas apresentadas aqui vão ajudar no preenchimento das fichas. Não é preciso segui-las como um questionário; deixem a conversa fluir! Ao longo da conversa, certamente vão surgir outros assuntos que vocês podem incluir na ficha.



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA